

A MULHER que CAI



GUIDO VIARO

A MULHER que CAI

GUIDO VIARO

Capa

“Sem Título” de Guido Viaro (1897 - 1971)

Projeto gráfico e diagramação

Alessandra Nogueira Saltori

Revisão

Marisa Karam Saltori

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL

Viaro, Guido

A MULHER que CAI / Guido Viaro. -- Curitiba, PR :

Literal Link, 2007

ISBN 978-85-99140-04-8

1. Ficção brasileira I. Título.

06-0125

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático :

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

A MULHER que CAI

GUIDO VIARO

Literal **Link**

Não sei porque nunca consegui ver graça nos bichos aqui do Passeio Público. Desde pequena sempre olhei mais para as pessoas que observavam os animais. É engraçado o comportamento delas, algumas parecem que gostam daqueles instantes por poderem se sentir superiores a alguém. Outros olham para os bichos perguntando: como é que é ser diferente de todo o igual? Tem uns que olham invejosos para o jabuti sob o sol. E eu nunca, a menor curiosidade, nem quando há muitos anos atrás havia os leões e os ursos... mas naquela época não era só indiferença o que eu sentia, não olhava para as jaulas por pena.

Mas esse pequeno parque plantado no centro da cidade sempre me atraiu. O Passeio é uma grande mistura, todas as classes, todas as idades e todas as intenções. Grandes árvores e pequenos animais, ilhas artificiais, estátuas de poetas do passado, um lago, que na minha infância e na de qualquer outro, parecia quase sem fundo, mas que não tem mais de um metro de profundidade. É por onde passeiam os pedalinhos com casais de namorados ou com pais levando seus filhos pequenos. Esse passeio inocente raramente não deixa marcas nas memórias das crianças, e elas dificilmente não levarão um dia seus filhos para atravessar aquelas águas verdes.

E se eu refizesse hoje o mesmo passeio da infância? Talvez me viessem memórias... mas também seria o fim de uma ilusão... lago raso e pequeno... imagino se eu visse uma mulher da minha idade pedalando sozinha... o que eu ia pensar? Coitada ela deve estar sofrendo muito... é melhor nem olhar para ela... acho que é melhor esquecer o pedalinho... mais para manter intocada a memória de infância, resta tão pouco de mágico em mim.

Quarenta e nove anos, três filhos criados e uma netinha de um ano, eu deveria estar contente, não deveria estar arrumando desculpas para passar o domingo sozinha longe da família. Como professora recentemente aposentada eu deveria querer aproveitar a vida como as outras mulheres da minha idade aproveitam, com a família. No entanto são oito e meia da manhã e eu estou aqui sozinha, mas não estou triste, nem briguei com ninguém da família, as razões das minhas inquietações nem eu mesma sei, por isso ninguém suspeita que eu esteja descontente com a vida.

Acho que a primeira vez que senti algum sintoma desse mal-estar foi há uns três anos atrás, naquela noite de verão acordei com sede e fui até a geladeira tomar água. Não sei porque aquele silêncio da madrugada, que só era cortado pelo barulho do motor da geladeira e por um latido distante de algum cachorro, me trouxe sem nenhuma outra razão palpável, uma angústia profunda. Sentei-me no chão com um profundo nó na garganta sem conseguir chorar, fiquei observando os pontos de ferrugem da geladeira e escutando o barulho do motor, que após algum tempo parava, e que quando recomeçava me dava um grande susto.

Abri então a geladeira, o cheiro que veio de dentro me trouxe uma sensação ainda pior, senti-me afundando. Foi aí, que sem nenhuma razão concreta, explodi num pranto convulsivo. Com o dia quase amanhecendo e cansada de tanto chorar, fui dormir exausta.

Depois disso passei muito tempo achando que aquele acontecimento poderia ser um fato isolado que não se repetiria mais, de fato, naquela intensidade nunca mais aconteceu, mas desde então percebi que algo tinha mudado em mim.

Minhas noites de sono nunca mais foram tranqüilas e eu nunca mais tive momentos de total despreocupação. Alguma coisa me cutucava todos os dias, não me deixando aproveitar minha vida como antes. No início pensei que, eu mesma, por não ter nenhum grande problema sólido para me ocupar, acabava criando esses pesos imaginários que me ocupavam e me livravam da culpa de não tê-los.

Cheguei várias vezes a sonhar com a geladeira, com cada pequeno ponto de ferrugem nela. Ela foi presente de meus pais no meu casamento, na época era o modelo mais moderno que existia, o sonho de qualquer jovem esposa. Lembro da alegria e do cuidado com que a desembalamos, e da felicidade que senti porque o amarelinho dela combinava exatamente com a cor dos azulejos da cozinha.

Nos últimos meses, essa pequena dose de incomodação diária aumentou, nada que torne minha vida insuportável... mas sinto que só eu mesma posso dar um jeito nisso. Nunca quis apelar para paliativos, sei que qualquer médico poderia prescrever alguns calmantes que... me acalmariam. Comigo mesma é que tenho de tratar, eu sou meu problema e minha solução.

Só que não sei como nem por onde começar. Sei que preciso de momentos de solidão, longe da rotina diária. Pode ser que através desses momentos eu descubra que o que preciso mesmo é da ajuda de outros. Principalmente porque sinto que aquilo que me incomoda está crescendo, e se hoje é suportável...

A solidão pode me levar ao tédio, ou a algum outro lugar. De qualquer modo ela me conduzirá a um encontro comigo mesma, essa desconhecida que vive encoberta pela rotina cotidiana.

O lugar onde estou , num domingo a essa hora da manhã, só isso já representa uma quebra no caminho batido, uma chance de me olhar no espelho.

Vejo duas senhoras de idade caminhando de braços dados com uma mulher com síndrome de Down... a mulher deve ter uns trinta anos, mas está vestida com roupas de criança, um chapeuzinho cor de rosa para proteger do sol... as três passam devagar à minha frente, observam uns macaquinhos desanimados, a mulher sorri e as velhas também... tenho vontade de... não quero ficar triste. É muito fácil me entristecer e começar a achar culpados para a minha situação, não existem culpados, a mulher nasceu daquele jeito, ela não sofre mais do que qualquer outro. As três pessoas não são mais tristes do que eu, ou qualquer um.

Sou observadora e não juíza, sorrio para os macacos em solidariedade à mulher e às velhinhas. Eles não deixam de ser engraçados, apesar de continuar achando-os tristes, acho que as duas coisas podem conviver... qualquer pessoa é engraçada e triste. Elas se vão e os vendedores de balões aparecem... desanimados, é cedo ainda, são nove e meia da manhã, as crianças só chegam mais tarde. Todos os formatos e todas as cores, realmente aquele enorme conjunto de balões deve atrair bastante as crianças, muito mais do que qualquer balão individualmente.

Também os rapazes atraem-se muito mais por um grupo de moças, do que por qualquer uma delas individualmente, e as moças não são diferentes. E talvez ninguém seja diferente em nenhum aspecto.

Uma criança de três anos com os olhos brilhantes escolhe entre muitas opções o balão que mais lhe agrada. Depois

desse instante, a criança não percebe, que toda sua vida até o dia de sua morte, todos seus atos serão repetições dessa escolha. Se eu fosse escolher um deles acho que... o formato dele não me atrai tanto, é um misto de golfinho com tubarão, mas as cores... um roxo brilhante misturado com um verde mar, e além disso os reflexos leves de um sol da manhã. Esse é o meu balão. O vendedor cansado caminha para perto dos pedalinhas. É lá que se darão as escolhas. Um primeiro balão vendido, e é justamente o meu, o menino loirinho sai contente olhando para cima.

Vou andando, o posto policial, os tabuleiros de xadrez ainda vazios, as pessoas andando rápido para emagrecer. Um banco bem ao lado do lago... com vista para as carpas vermelhas, que surgem da água verde para comer as pipocas que uma criança está jogando. Outro menino ensaia o eterno correr atrás das pombas, sua mãe “vem cá, cuidado você vai cair”, eu e meus olhos somos as testemunhas dessas pequenas cenas de domingo. E assim como não sei as razões do meu desassossego, também não sei o que dizer de tudo isso que enxergo. São coisas que apenas são. Mas a verdade é que não quero emitir qualquer julgamento, estou olhando... estou me vendo refletida nas águas verdes do lago, aparento mais idade, pareço mais gorda. Na grama sentada, encostada numa árvore, sinto-me bem, tiro os sapatos e estou desfrutando a sensação da grama nos pés.

Eu inventei uma desculpa, disse que ia passar o domingo na chácara de uma amiga, o que não deixa de ter um fundo de verdade, o Passeio Público não deixa de ser uma espécie de chácara e a amiga... sou eu mesma. Eu e eu passaremos um domingo inteiro conversando, eu contarei a mim mesma

o que sinto, onde dói, daí eu tentarei curar as dores ou pelo menos descobrir as origens delas. Só que não tenho a menor idéia de por onde começar, como iniciar a conversa comigo mesma, e depois, o que dizer, o que responder, o que concluir desse encontro?

Não sei porque desde que acordei hoje de manhã, me veio à mente a imagem de uma grande concha do mar cor-de-rosa. Não sei se é alguma coisa que eu sonhei e me esqueci, é uma concha bonita do tamanho da minha mão aberta, parece, sinto... não sei o verbo, acho que eu tenho de colocar alguma coisa dentro dela, não sei porque... sinto que tenho de preenchê-la de alguma maneira, do mesmo jeito que não sei um monte de coisas, a primeira coisa que me ocorreu colocar dentro dessa concha foi um relógio. Logo depois alguma coisa me disse que tudo o que fiz até hoje foi colocar um relógio dentro da concha, era um reflexo condicionado.

Misturo os dois mundos em que vivo e descubro que estou aqui nesse parque, e não em casa com a minha família preparando o almoço de domingo, justamente porque não quero continuar colocando um relógio dentro da concha cor-de-rosa. A concha vazia é linda mas me mostra os reflexos do meu rosto envelhecendo. Sei que tenho de enchê-la de alguma maneira, mas nunca de qualquer maneira. A concha cheia de terra preta é uma imagem que me assusta, me faz lembrar de ostras já comidas cujas cascas são jogadas no lixo.

Um casal passeia com uma criança, uma menininha de dois anos com um vestidinho todo cheio de laços de fita. Ela vem até mim aperta meu dedo e sorri. As fitas, as fitas todas

do vestido, compridas e enroladas, a concha parece estar preenchida por uma espécie de fita, só que é de papel e está escrita. Parece que a concha está sorrindo por estar engolindo esta carta comprida e estreita.

Eu tinha trazido, sem saber que precisaria, eu trazia na bolsa papel e caneta. No fundo eu sabia mas não tinha falado para mim mesma. Escrever, será que é por aí que me encontro? Professorinha do jeito que sou, vou fazer redação e corrigir os erros de português. A concha cor-de-rosa não me sai da cabeça, ela me atrai como os homens me atraíam na adolescência, o mistério, o doce da infância dentro daquelas doceiras que giram e fazem barulho. E agora ela, ela me pedindo, ela sendo o meu desejo e a quem quero satisfazer. Eu louca?

Sempre fui tão racional, eu em curto-circuito entupida de remédios, com o olhar parado e recebendo carinhos cheios de pena dos filhos. Eu estragada para sempre... caída nas tentações da primeira imagem que me vem a mente. Não. Não. Não. Eu escrevendo algumas coisas nesse bloco que trouxe de casa com esse propósito, escrever, falar, gritar e ser.

Passos , passos são necessários , sombra me é necessária, um gole no bebedouro... não... o pensamento é uma enxurrada sem controle que arrasta tudo, um monte de porcarias perdidas de outros chegam até mim , inclusive um olho humano, enxergo-o me olhando de dentro da minha concha cor-de-rosa.

Dou as costas para o cercado de pássaros, um banco na sombra, agora preciso encher os papéis, transformá-los em estreitas fitas cheias de minha escrita. Tiras de mim.

“Nunca mais me esqueci de um momento que vivi, eu

era criança e fui até Morretes com meus pais, paramos no rio São João para tomar banho, eu vi um relógio de pulso embaixo d'água. Peguei-o e vi que ele estava quebrado e enferrujado, alguém o tinha jogado fora. Então resolvi colocá-lo onde o tinha encontrado e fiquei observando-o. Protegido pelas águas ele perdia suas imperfeições, o movimento mudava suas cores e sua textura, ele se tornava um objeto mágico um parente da concha do mar cor-de-rosa. Apesar de ele não marcar mais as horas, ele era um marco do inusitado instante, do momento que acontece sem que percebamos, o mensageiro secreto das mudanças.

Eu era criança e tudo isso que falo daquele instante são idéias que me ocorreram depois de adulta. Mas já naquele momento percebi que ali estava algo de muito diferente da escola, das minhas brincadeiras, e das regras de comportamento que eu deveria obedecer. Mas o cotidiano encobriu aquele instante sem no entanto destruí-lo, ele continua vivo e pulsando dentro de mim. Talvez seja ele a razão pela qual estou aqui no Passeio Público e não em casa comendo a macarronada de domingo. Eu fui o rio que encobria o relógio e ao mesmo tempo o olho melancólico que observa o objeto que não deveria estar ali.

A partir desse pequeno evento que se passou quarenta anos atrás, me transformei. Tenho certeza de que seria outra se não o tivesse visto, talvez estivesse em casa agora, talvez morta, talvez morasse em outro país... o episódio me mudou. Nunca procurei mergulhar muito fundo nele por achar que não daria conta de sua profundidade. Ali estaria o "X" da questão.

O cérebro está constantemente pintando com finas camadas de tinta toda a realidade, e essas camadas vão se sobrepondo. Algumas das mais antigas vão se descolando e formando bolhas, que acabam por arrancar a pintura mais nova expondo as tintas mais antigas. Tudo se mistura e já não sabemos mais de que cor as coisas são, o que éramos em cada tempo. Nossa imagem de nós mesmos é distorcida, uma salada de opiniões e aparências que resultam em rio fundo, e nós no relógio que está perdido. O retrato que fazemos é o de quem está observando de fora d'água.

Mas o episódio não se referia à mim, nem o relógio queria dizer apenas “tempo”, pelo contrário, ele falava e me fala de um estado onde o tempo não existe, um esconderijo onde a mente pára e as idéias não ficam empurrando umas às outras.

A calma, o pairar do urubu que se deixa levar pelas correntes de ar... lá havia um mundo diferente. Não tenho medo do esforço, mas muitas vezes ele simplesmente não é necessário, ele é uma burrice, mesmo que esse esforço seja recompensado pelo prêmio merecido. Esse prêmio também é inútil e burro. A pausa é o instante nobre, o relógio anda mais devagar, as idéias diminuem a velocidade, a atenção desprega-se do encadeamento de fatos e amarra-se a apenas um.

E então eu decidi abandonar minha corrente de ar que me levava confortavelmente para onde eu queria, decidi pousar, mais para isso é necessário escolher, só podemos pousar em um lugar. Foi o que fiz.

Enfio a cabeça no rio São João e lambro o vidro do mostrador do relógio, fico lá até perder o fôlego e não agüentar mais, então tiro a cabeça para respirar, meus cabelos

encharcados e meus olhos brilhantes refletem nas águas e eu tenho novamente oito anos de idade. Dessa vez trago no paladar o gosto do vidro, cheiro das pedras e do musgo, o meu cheiro de corpo molhado, escuto o barulho exótico de uma cavocadora de momentos escondidos. Descobridora da pequena superfície geladinha, nas águas menos geladas.

E o que tudo isso pode me ajudar a parar de sentir o mal-estar que sinto, o peso que vai aumentando sobre minhas costas? As pipocas com bacon talvez sejam mais úteis para mim, do que todo esse mundo inacessível que está encoberto, e que ou descubro de vez, ou deixo soterrado para sempre. Não existe mulher meio grávida. Sejamos práticos, eu...

Chega por enquanto, o sol e as sombras vão se movendo, e agora eu me mexo porque senão fico suada e queimada... vermelha olhando os macacos. Já deve ser umas dez e meia, também não quero ficar andando de um lado para o outro feito barata tonta, vou acabar experimentando todos os bancos do passeio. Daqui a pouco vou pro restaurante almoçar, daí talvez continue a escrever.

As crianças começam a chegar, as pombas já parecem mais nervosas... voam em direção da praça Santos Andrade. Que lindo dia escolhi para vir aqui, nenhuma nuvem no céu e uma luz que faz tudo brilhar. É um belo dia para poder tocar em assuntos sombrios, enfiar o dedo em escolhas feitas, não certas nem erradas, mas escolhas que foram feitas. As luzes belas ajudarão melhor a suportar os amargos das sensações. Só que eu queria dar um jeito de extrair todo o falso amargo, tudo aquilo que eu mesma crio e depois reclamo porque está me incomodando, esqueço tudo isso e só enfio o dedo naquelas feridas que não forem de minha própria autoria.

Minha barriga por três vezes cresceu. Sem eu ter idéia de porque, três crianças me foram entregues. Amo meus filhos, mas enfiando o dedo nessa ferida encantada, tudo me parece muito estranho, o processo e a razão pelas quais eles surgiram, é como um sonho distante onde as coisas acontecem sem lógica. É um mistério do qual não me arrependo de ter participado, mas gostaria de ter tomado um papel mais consciente e questionador.

É tudo muito estranho, parece que servimos de cobaia a uma grande e invisível força à qual somos proibidos de questionar. Até hoje me sinto perdida em relação a todo o processo, desde a concepção até a idade adulta. As vezes me pergunto o que eu tenho a ver com eles, depois as camadas do coração e dos costumes encobrem minha pergunta inocente e acabo agindo como se os conhecesse desde o dia em que nasci.

Mais alguns passos até o próximo banco, esse salto está me matando... que idéia essa de sair de salto alto... já estou ficando com bolhas nos pés. Tiro o sapato de novo... o calor dos paralelepípedos aquecidos pelo sol. Sinto que a natureza quando me toca fala diretamente comigo, mesmo que seja uma natureza reciclada como essa dos paralelepípedos.

O vento, as árvores... sinto que essa é a língua que falo, o resto, o mundo organizado... é como se fosse uma língua estranha falada através de uma parede grossa. Mas o que existe de mais natural do que ter um filho? Então por que isso nunca me tocou de verdade? Talvez seja porque esse natural veio tão embalado pelas exigências sociais que eu jamais experimentei seu gosto. Meus filhos foram bonecos que se mexiam embrulhados em papel celofane. Não foram

o mistério da ave na noite... nem dos peixes que não vemos quando atravessamos um rio a nado.

Talvez possa chamar de amor o que sinto por eles... mas não tenho certeza... talvez essa dúvida seja uma das razões do meu incômodo... mas o mais provável é que seja apenas uma consequência.

No momento em que a enfermeira me trouxe meu primeiro filho... eu gostaria tanto de ter sentido o que senti, quando na infância vi aquele relógio embaixo d'água. É difícil até mesmo pensar sobre o que é mágico... as coisas SÃO, simplesmente isso... uma cadeira é, um prédio é, eu sou. Mas nesse mundo mágico as coisas são e não são, e o mais interessante e rico desse estado de magia, não são os momentos em que as coisas são e nem aqueles em que elas não o são, o interessante são os instantes em que as possibilidades estão abertas, uma coisa é, e pode vir a não ser, ou não é, e pode vir a ser. E essa possibilidade é tão ou tão pouco real, quanto o ser e o não ser. Ser ou Talvez não ser, eis a questão mágica.

Acho que talvez minha dor seja bem maior do que o que sinto, e o instante mágico seja meu anestésico secreto, que alguém me aplica sem que eu saiba. Se for assim, então o que preciso fazer para acabar com a dor que resta e que me incomoda, seria aumentar a quantidade de magia no meu cotidiano. E é isso que estou tentando fazer hoje.

O problema é que parece que o instante mágico só aparece quando ele quer... só que a rotina bloqueia seu caminho, e o que estou fazendo hoje, pelo menos, é um convite aberto para que ele aconteça.

Esse homem negro e pobre, triste maltrapilho e alcoólatra

observa os jabutis à minha frente, arregala os olhos quando um dos pavões abre suas asas... fica de queixo caído... vou até me aproximar mais para ver melhor a cara dele... ele está fascinado com aqueles desenhos nas asas dos pavões... que parecem olhos. Nem repara que eu o observo a pouca distância... talvez meus olhos sejam os primeiros que o observam em muito tempo. Talvez esse homem, esteja nesse instante vivendo um momento mágico... eu sou aquela que assiste a quem está encantado, o que não deixa de ser interessante.

Mas eu sou egoísta, gostaria de estar no lugar dele, mergulhada, apalpando o fundo de alguma coisa que não enxergo. Pode ser que tudo não passe de cachaça, e o homem esteja com o olhar vidrado e o queixo caído por causa de um enjôo de estômago. O pavão fecha as asas e o homem imediatamente sai andando, nunca vou saber de verdade o que aconteceu... pelo seu andar ele não parece bêbado.

Eu poderia até escrever a história desse homem, inventando um momento antes e um depois de ele ter visto o pavão. Criar para mim o encantado, que talvez para ele tenha acontecido. Se escrevo o que faço é criar um mundo encantado para quem, eventualmente, venha a ler o que escrevi. Eu estou apenas trabalhando minhas dúvidas, pisando em pedras soltas e praticando o equilíbrio... saindo provisoriamente de perto da dor. Não sou escritora e nem quero ser, só quero não sentir dores, até me sujeito a escrever se isso ajudar.

Mas não é somente a questão dos meus filhos que eu não sei responder. Meu marido, por que é que eu tenho de passar a vida inteira ao lado dele, por que é que só podemos ter um marido, e temos de ser fiéis a ele e exigir o mesmo dele?

Tudo isso em nome do que? Por que existem os batismos, os juizes, as eleições, os impostos e os empregos? Por que temos de entregar nossas mais preciosas energias a um trabalho? Para que servem a pátria e Deus?

Por que deve haver tantos carros, tantas ruas, por que tudo deve ser numerado e classificado? Por que devemos esperar algo diante da morte? Eu nunca entendi nada disso, mas também nunca me esforcei muito para conseguir qualquer resposta. Não engoli e também não cuspi, fiquei a vida toda de boca cheia. Talvez seja o momento de perseguir as respostas... mas não quero chegar a conclusões ou definições, só quero abandonar o peso que carreguei inutilmente.

Sem nunca ter aceito e nem rejeitado tudo o que sustenta o mundo em que vivemos, eu acabei me tornando uma estrangeira... não experimentei os prazeres de acreditar em algo, mesmo que ele seja falso... nem as glórias de ser uma denunciadora da mentira.

Acho que sou uma mulher razoavelmente inteligente... mas por mais que eu me esforçasse nunca consegui entender porque o mundo é desse jeito que é, e nem porque as pessoas são como são, por que devemos obedecer a todas essas regras, em nome do que? Ainda mais quando é facilímo enxergar que os que mais obedecem às regras são sempre os mais infelizes.

Mas o que eu deveria fazer se descobrisse como me livrar de alguns pesos inúteis? Eu tenho minha vidinha de professorinha recentemente aposentada, vivo com um marido com o qual não brigo, tenho três filhos trabalhadores e uma netinha linda... o que eu devo fazer? Jogar tudo para o alto e ir morar no mato feito um bicho selvagem... ou então virar

uma dessas putas de meia idade aqui do Passeio Público... daí então eu visitaria os gloriosos empregos de meus três filhos trabalhadores e explicaria aos seus colegas de trabalho, que era a mãe de cada um deles, que tinha recentemente me aposentado como professora, e que agora, aos quarenta e nove anos tinha decidido virar puta. E que por conseqüência disso meus três filhos tinham se tornado três filhos da puta.

Eu sou fraca, sempre fui, vou acabar tratando somente os efeitos das dores, varro as causas para debaixo do tapete. Para uma mulher da minha idade, a maior força que atua contra as principais mudanças é o medo do ridículo. E mesmo se eu racionalmente souber que ter medo de ser ridícula, é justamente valorizar quem eu mais desprezo, mesmo assim essa força tem o poder de enfraquecer as certezas e destruir os ideais. Auxiliada pelo envelhecimento a força nos faz sentir velhas, sujas, podres, feias, fedorentas, lixos que querem a todo custo saltar para fora da lixeira... e que para não sermos algo tão miseravelmente exposto, apodrecendo à vista de todos, então acabamos decidindo que o melhor ainda é ficarmos onde estamos. Para as dores existem os anestésicos, e o mundo sempre foi e sempre será desse jeito.

Aos vinte anos de idade, quando a mãe de uma amiga se matou, aquele foi um momento meu de possível mudança... que eu deixei passar. Aquela longa carta que ela deixou... e que lemos eu e a filha dela abraçadas e chorando. Tudo descrito minuciosamente, o alcoolismo do marido, um pai e um Deus repressores, o vício em antidepressivos e depois bebida, tudo isso misturado e pulsando, destruindo-a dia a dia.

Os vizinhos chamando-a de bêbada, as surras do marido, a culpa... a eterna culpa pesando sobre seus ombros, até

que um dia ela se enforcou no varal da lavanderia. Tudo aquilo me provocou um saudável espírito de destruição... jogar fora o que eu achava que estava apodrecido, uma revolta contra as mil formas de miséria humana. Meus instantes mais verdadeiros... jurei que eu nunca sofreria e faria todo o possível para não deixar ninguém sofrer como aquela pobre mulher... utilizaria todas as forças de minha juventude para aquela cruzada. Logo em seguida a gravidez inesperada e o casamento às pressas consumiram as energias que sustentavam meus ideais. Acabei levando uma vida pela metade... incompleta.

Mas a figura daquela mulher enforcada, com toda a língua para fora da boca nunca me saiu da cabeça. E eu ainda sou, de certa forma, aquela mesma moça de vinte anos que chorava e gritava “Que miséria, que desgraça, por que isso tem de acontecer? Que essas forças tenebrosas que levam as pessoas a fazerem isso, sejam destruídas, mesmo que essas mesmas forças facilitem que milhões de pessoas levem vidas em conjunto, isso está errado, é uma mentira cruel. Isso não deveria existir, o mundo deveria ser outro.”

E essas lágrimas inocentes dos meus vinte anos parece que estão querendo voltar... arrependimento, covardia, tristeza, raiva de mim mesma. Mas não adianta, se não fiz nada naquela época isso já não importa mais, é passado. Estou aqui para decidir o que faço ou não da minha vida de agora em diante.

Mas antes que eu encerre essa sessão de arrependimentos, quero me dar mais uma cutucada. Os vinte e cinco anos que eu desperdicei em sala de aula repetindo conteúdos completamente fora de contexto, e que não serviam para

nada além de reforçar os valores de competição e de que a vida e o mundo são compostos de pequenas gavetinhas isoladas que não tem comunicação entre si.

Desperdicei-me, e também aos milhares de alunos que tive. E o engraçado é que sempre tive opiniões contrárias ao método e ao conteúdo do que eu ensinava. Sempre soube que, como professora, eu tinha essa possibilidade de mudar o mundo um pouquinho. Não sei porque não agi, não foi por medo de ser repreendida ou perder o emprego... acho que foi por comodismo mesmo, preguiça, mas principalmente por falta de auto-confiança. Nunca consegui conviver com a dúvida, e preferi durante vinte e cinco anos ensinar o que eu sabia que era errado, a arriscar ensinar o que poderia estar errado.

Agora chega, acabaram-se as lamentações. Não vim aqui para isso, lamentar-me seria continuar lendo para meus alunos o velho livro do professor, com as respostas já preenchidas.

Pela posição do sol já devem ser umas onze e meia, daqui a pouco vou almoçar ali no restaurante do Passeio, mesinha à beira do lago e memórias emergindo das águas verdes. Antes do almoço quero escrever mais um pouco, não sei bem sobre o que, não quero lamentar, também não quero fazer planos, e como sou alguém que sempre temeu a dúvida não me sinto segura para escrever ficção, quero dar vazão:

“Me lembro uma vez, há uns vinte anos atrás, meus filhos eram pequenos e fui com eles e com meu marido num churrasco na casa de uns amigos. Num certo momento, enquanto todos se divertiam inclusive eu mesma, olhei para a casa ao lado, e no jardim da frente havia uma roseira com

uma única rosa. Ela era vermelha escura e estava no seu ponto máximo de beleza.

Não sei explicar exatamente a sensação que aquela flor me trouxe. Escrevo isso nessa tentativa: o sorriso despreocupado que eu tinha desapareceu na hora, mas não por tristeza. A rosa me hipnotizou. Eu saí de perto dos outros e procurei me aproximar mais do muro para melhor observá-la. O que me vieram então foram mais sensações do que idéias, um sentimento de que aquela flor era uma espécie de luz especial, não feita propriamente para iluminar as coisas, mas sim para tornar as coisas mais límpidas.

Acho que não consegui me exprimir direito, talvez seja melhor eu tentar traduzir aquelas sensações em idéias: naquele instante prosaico em que eu me divertia conversando amenidades, a imagem daquela rosa vermelha abriu dentro de mim um compartimento secreto, um compartimento que se quisermos viver nesse mundo como ele é, deverá permanecer fechado. É um canal de comunicação que une objetos, sensações e tempos que aparentemente vivem distantes e isolados.

Me pareceu que o sol e a Terra, que as minhocas e os minerais que se dissolvem no solo, me pareceu que o olho humano e a luz, e que todas as lindas flores de todas as épocas, toda a beleza que existiu e existirá, tudo estava ali amarradoentrelaçado, simbolizado naquela única rosa vermelha.

A flor era a essência do que é a beleza. Todo o escuro da Terra e as explosões solares, a conjuntivite dos olhos, as luzes acinzentadas, as minhocas mortas, toda a feiúra do mundo tinha sido coada, e o que sobrava dessa filtragem perfeita

era a definição maior do que é o belo. Mas essa perfeita gota de beleza transcendia o aspecto físico, era algo que agia em diversas dimensões, invadindo meu aroma, meu coração, meus sonhos, cobrindo todas minhas recordações e expectativas com um manto da mesma cor que a rosa.

Continuei observando a flor e a sensação que ela me provocava só foi aumentando, eu sentia-me no meio de uma grande conspiração para o bem, onde não existia diferença nenhuma entre nada, eu era o gramado que envolvia o pé da roseira, todas as pessoas eram cada uma das pétalas da rosa.

Fui despertada desse transe pelo meu marido que me deu um beliscão no braço. Veio me dizer que as pessoas estavam comentando se eu estava passando bem, porque eu estava há uma meia hora olhando fixamente para o vazio. No carro ele foi agressivo, disse que eu o tinha feito passar vergonha diante de seus amigos, que eles iriam pensar que ou eu era uma louca ou uma drogada.

Até pensei em tentar explicar-lhe o que tinha se passado, mas ainda sob efeito daquele encantamento, apenas escutei o desabafo orgulhoso dele. Em casa ele ficou ainda mais nervoso e só faltou me bater. Tive pena dele. Mas eu sabia que aquilo que eu tinha sentido era real, e que aquilo era um refúgio meu e da humanidade para os momentos de desespero.

À noite sonhei que meu marido tentava com uma enorme colheitadeira, destruir um roseiral, e eu tentava impedi-lo.”

Desabafos escritos de maneira empolada, aquelas técnicas de redação que nos ensinam na escola destroem toda a espontaneidade da escrita. Não se considera a escrita

como uma continuação do pensamento e da linguagem, considera-se uma coisa isolada e formal que deve ser separada da realidade. Somos treinados a escrever como múmias, a escrever e a falar, qualquer pessoa que tenha feito o ensino médio, quando tem de falar em público ou na televisão esquece-se das idéias e procura dar uma forma pseudo-erudita ao que diz.

Mas isso é só mais uma conseqüência de uma maneira de viver que privilegia a forma em detrimento do conteúdo. As aparências são falsos muros divisórios da realidade. Se eu voltasse a lecionar diria: “crianças, pensem e falem claro, ou se calem, se forem escrever alguma coisa, saibam que a caneta é somente um instrumento de transferência das idéias para o papel. As regras para se escrever uma redação são as mesmas que as para se viver: não existem.

O resto é uma grande bobagem que talvez seja útil para fazerem vocês passarem no vestibular, mas que os prejudicará pelo resto de suas vidas. Outra coisa, esqueçam a grande bobagem que é a matemática ensinada nas escolas, um nada boiando no meio de outro. A matemática tem que fazer vocês desenvolverem o raciocínio e a imaginação, tem de fazer vocês pensarem sobre o infinito e sobre o infinitamente pequeno.” Eu teria de dizer tantas coisas contra tantas disciplinas, que seria melhor eu resumir dizendo: “vão embora, não percam tempo aqui nesse reino de múmias mal conservadas, vocês não precisam disso, mas antes de irem embora gostaria que vocês me ajudassem a atear fogo à escola.”

Se eu escrever um outro texto vou tentar me soltar mais, vou abandonar as redaçõezinhas que me ensinaram e que eu ajudei a ensinar a outros. Aliás, o pior é que também somos

ensinados a vivermos em forma de redação, cinco parágrafos sem mudanças de assunto nem muita fantasia, com começo, meio e fim bem definidos. A mãe da minha amiga, no terceiro parágrafo, amassou o papel e jogou no chão.

Ou talvez eu dissesse a meus eventuais futuros alunos: crianças, escutem bem, olhem bem para mim, olhem para meus olhos, esqueçam-se das rugas que estão em volta deles... se vocês quando chegarem à minha idade, não quiserem ter olhos como os meus, não façam o que fiz. Uma criança mais esperta me perguntará: professora por que tem olhos assim tão vazios? E continuará perguntando: por que nem a dor se enxerga neles? O que aconteceu com a senhora? Professora, olhe para nossos olhos, eles estão cheios, será que temos de freqüentar a escola por tantos anos somente para que eles se tornem vazios?

Uma idéia, uma possibilidade. Só por ela o dia de hoje já valeu a pena. Quem sabe volto a lecionar, ou melhor, começo a lecionar de verdade. Não quero assumir um compromisso comigo mesma, sei que da mesma maneira que imaginei meu retorno, logo começarei a imaginar as dificuldades dele. E são tantas que não quero nem começar a pensar senão desânimo, aliás a mais forte de todas é justamente o desânimo, a velha pergunta que já destruiu muita coisa boa para a humanidade: "Por que eu vou me incomodar com isso?"

De qualquer maneira deixo essa idéia guardada na memória esperando o momento certo de reaparecer ou então de desaparecer de vez. Mas pelo menos existe a possibilidade, ontem eu passeava pela rua, hoje eu entrei dentro do cassino e apostei na roleta.

Preciso me movimentar um pouco... o parquinho infantil...

o viveiro de pássaros... lá estão as duas senhoras e a mulher com síndrome de Down... ela está olhando fixamente para uma árvore florida, as duas senhoras a esperam pacientemente... vou me sentar um pouco aqui para ver como essa cena termina.

A moça contempla as flores vermelhas que enchem a copa da árvore e se esparramam pelo chão. Seu queixo caído deve ser o mesmo que tive quando contemplei a rosa. Acho que o problema dela, não sei se é assim que deveria chamar, não impede em nada que eu atinja o estado que eu atingi, pelo contrário, como ela tem muito menos treinamento social e preconceitos acumulados, acho que ela pode ir muito mais longe do que fui. Algumas flores caem sobre o rosto dela e para mim, nesse instante, aquela mulher é aquela árvore. Ela parece ter conseguido a fusão que não consegui... e agora é a minha vez... eu vou fundindo essa mulher-árvore com minha rosa secreta... vermelhos se misturando até que é amarelo por tudo... olhos fechados... eu bem eu sentindo árvore cheiro rosa mulher um grande sentimento de grande união.

Segunda vitória do dia, que curto momento lindo vivi... duas lágrimas de não sei o que escorrem dos meus olhos... uma pequena amostra grátis do que é a verdadeira vida. As duas senhoras deram todo tempo necessário à moça em seu instante maior, olho para essas duas velhas mulheres de mais de oitenta anos... dignidade... dignidade... dignidade... elas são isso. Meus olhos escorrem mais... hoje é dia de aprendizado... como é que eu podia ensinar alguém se eu não sabia nada? Estudante atrasada querendo recuperar vários anos reprovados em... em um domingo.

Elas estão indo embora, as três abraçadas... a última coisa que digo para meus eventuais futuros alunos: “olhos abertos crianças, abertos, abertos e abertos, façam de seus narizes e orelhas olhos também, as coisas mais importantes são ditas de maneira indireta e quando menos esperamos.”

Estou com fome... um delicioso almoço comigo mesma no restaurante do Passeio com mesa ao lado do lago. Ainda está vazio, a mesa que quero vazia... deixa eu ver, nada muito pesado porque senão vou ter sono.

“Um espaguete ao sugo e uma Coca light.”

“Com limão e gelo a Coca?”

“Sim, por favor.”

Que engraçado, ali à esquerda tem uma ilhazinha, com uma estátua, uma escadaria de pedra, e bastante vegetação verde escura... as pedras e o bronze da estátua também são escurecidos. O estranho é que no meio dessas cores pesadas, uma menina de uns cinco anos brinca, sobe e desce a escada escondendo-se no meio das plantas. Ela está vestida de cor-de-rosa e suas roupas imitam as de uma fada. À distância em que estou a cena toda parece uma alucinação, uma minúscula fadinha fazendo suas estripulias no meio da natureza. É bonito de ver a manchinha cor-de-rosa cheia de energia movendo-se entre as sombras da ilha.

E se... não que bobagem... estou censurando até meus próprios pensamentos... e se aquela menina... não for uma menina... for uma energia qualquer passeando no meio da natureza. Que bobagem, logo os pais dela devem vir buscá-la... eu poderia perguntar a alguém “o senhor conhece aquela menininha de cor-de-rosa, ali do outro lado?”

Eu saio um pouquinho da rotina e já mergulho de vez na

imaginação. Equilíbrio, sair devagarzinho das pressões do cotidiano... senão um dia acabo dando aula para alunos que não existem.

“Bom apetite.”

“Obrigada.”

A comida está com uma cara ótima... estava com sede... essas abelhas não me deixam em paz, é por causa do açúcar do refrigerante... uma caiu dentro do copo... no chão... acho que morreu. Será uma Coca adocicada com mel... ponho a garrafa longe e elas me deixam em paz... com meu macarrão elas não querem nada.

As abelhas são um pouco o charme do lugar, e enquanto você tenta escapar delas pode assistir a fadinhas brincando. E a menina, não estou mais vendo... deve ter ido embora enquanto as abelhas me distraíam... mas a única maneira de sair da ilhazinha é essa ponte, se ela tivesse passado por ali eu teria visto... pode ser que não, eu olhei um bom tempo para o outro lado... vou me dar um presente... a menina desapareceu, ela era um espírito elemental colorido que quis se mostrar para mim... era a mesma energia que um dia foi uma rosa e que hoje foi aquela mulher extasiada olhando para as flores... acho que nunca exercitei tanto minha sensibilidade quanto no dia de hoje.

Talvez o que tenha me faltado a vida inteira fossem esses momentos de estar só. Não que o ruim da solidão não me falte, freqüentemente rodeada de pessoas que me querem bem, não enxergo nada mais do que paredes vazias, e não é culpa das pessoas, sou eu que mergulho dentro de mim e fico lá sozinha, pensando se qualquer tipo de relação com qualquer pessoa não é também, de certa maneira, uma

mentira. Daí vem a pergunta desanimante minadora de energias “Será que vale a pena?”, então os corpos passeiam ao meu lado... me cumprimentam e eu até respondo algumas de suas perguntas... mas são respostas e sorrisos automáticos. Se alguém olhar no fundo dos meus olhos descobrirá que eu não estou presente.

Mas dessa boa solidão... tempo para mergulhar dentro de mim para encontrar onde estão os furos que fazem com que a água chegue até a garganta... dessa nunca tive. Meu tempo esteve sempre ocupado, e não culpo os outros por isso... quando havia momentos em que eu não tinha nada para fazer, eu arrumava qualquer bobagem para que não precisasse ficar sozinha comigo mesma.

Uma vez li um ensaio da Virgínia Woolf em que ela analisava a razão pela qual antes do século dezanove não havia existido praticamente nenhuma escritora. Com raríssimas exceções as poucas mulheres que tinham escrito, não tinham deixado nada de importante. A conclusão que ela tinha chegado era simples, elas não tinham um lugar onde pudessem ficar sozinhas para escrever, estavam sempre ocupadas com algum afazer doméstico e mesmo nos momentos de descanso havia sempre alguém por perto que impediria a mulher de ter a tranqüilidade necessária para se concentrar e escrever.

Não havia um quarto ou um escritório para as mulheres. A falta de privacidade foi um pequeno detalhe que fez uma enorme diferença. No século dezanove o mundo começou a mudar, a rotina e o trabalho modificaram-se, uma parcela das mulheres teve acesso à privacidade, e as escritoras começaram a aparecer.

Isso me faz pensar que talvez as mudanças mais radicais

sejam as mais sutis e vice-versa. Acabo com minhas dores apenas arrumando melhor minha caixa de costura... ui ui ... agora está demais não agüento mais essas abelhas.... pago no caixa e sigo meu dia de parque.

Uma caminhada para fazer a digestão, deve ser meio-dia e meia, o sol está forte... vou pela sombra... então uma mudancinha de nada e tudo se resolve... paro de sentir os incômodos que sinto... mais momentos meus, mais encontros comigo mesma, isso é obrigatório. Não que isso seja uma garantia de que as coisas vão melhorar, não garante nada... mas é uma porta aberta por onde posso caminhar e fazer coisas diferentes... dar minhas cambalhotas em paz. E vou ser tão rigorosa na observação desses momentos, quanto é uma adolescente anoréxica no controle de seu peso.

Eu preciso desses instantes... já estou vendo as desculpas que vou ter de inventar e até as suspeitas que posso despertar. Se disser a verdade ele simplesmente vai achar que é uma bobagem e que eu devo ficar ao lado dele e da família... se eu teimar vai dizer que eu preciso de tratamento, tomar uns calmantes e pronto. Ele é um coitado, é incapaz de qualquer ato que não seja uma ação prática, tudo o que não tiver um objetivo concreto, para ele é bobagem. Ele usa sempre a palavra solidez, educação sólida, princípios... mas ele não se dá conta de que o sólido em que ele assentou sua vida, é como a sólida madeira dos restos de um navio que bóiam em alto mar... ele não vê nada e exige que os outros se agarrem a mentiras que estão prestes a afundar.

E eu o escutei e passei minha vida toda agarrada a um pedaço de madeira apodrecida, e achando aquilo bom, porque assim pelo menos não me afogava. Mas ele não é mau, é só

ignorante. Nunca conheceu outra maneira de pensar que não fosse essa, e nunca suspeitou que pudesse haver um caminho que não fosse o dele. Ele é um elo na corrente da civilização e eu quero ser uma ruptura.

Não quero perder meu tempo achando defeitos nos outros, porque daí eu mergulho num mundo de picuinhas e ressentimentos e acabo não chegando em lugar nenhum.

Ah, que pena! Lá está ela acompanhada pelos pais, a fadinha de rosa. Ela me olha e sorri, talvez nem seus pais saibam que é uma fada. Mas isso não estragou aquele momento que vivi, observando-a de uma maneira... diferente. Ela é uma menina real que por alguns instantes assumiu o papel de fada.

Não posso esperar ser uma mulher mudada amanhã de manhã. É o início de um processo. A menina está pedindo para seu pai lhe comprar uma maçã-do-amor, o homem lhe dá a fruta e a criança brinca com ela, lambe-a, depois morde-a, tenta comer somente a parte caramelada, depois pede que a mãe dê uma mordida na parte fruta... sua mãe morde e ela continua a comer a parte doce.

E a criança se diverte, ri, corre um pouco com o doce na mão... ela é tão graciosa e pura em suas pequenas atitudes, que uma onda de um sentimento forte vai me invadindo... acho que nesse instante amo essa criança... mais do que tudo... amo ela com um amor que deveria estar espalhado por todas as pessoas, mas que escorreu para essa menina, e não é nem sobre ela em especial, é sobre ela durante esses instantes em que está brincando com a maçã-do-amor.

Um sentimento grande, puro e desinteressado, que não tem nada a ver com o que por aí chama-se de amor. É uma

identificação completa, chegando quase à união, talvez num amor total essa união se consume. Eu inconscientemente identifiquei o que de mais puro existe em mim e enxerguei essa pureza nas brincadeiras da menina. Será que eu deveria... que besteira, o que eu diria a ela “Como é seu nome? Quantos anos você tem?” Destruo o mistério... ela sorriu para mim... aquilo foi um sinal de que ela... não... sem mensagens simbólicas nem nada disso... ela sorriu para mim e ponto final.

É tudo como as frequências de rádio, se colocamos nosso rádio em AM, vamos ouvir apenas as rádios AM, mas se mudamos a frequência podemos escutar as rádios FM, as de ondas curtas... se passasse o domingo comendo e assistindo televisão, nunca conseguiria sentir o que senti nem pensar como pensei hoje.

A menina está indo embora... o que será que acontece com aquele amor que senti por ela há alguns instantes atrás? Será que vai se deteriorando junto com as memórias do momento, ou será que encontra uma outra frequência onde possa se manifestar? Eu fui e sou apenas um canal, o amor não me pertence, não é nem de quem ama nem de quem é amado... é uma onda que vibra e não pode ser armazenada... uma energia sem tempo nem espaço.

Agarre-se nesse pedaço podre de madeira comida por cupins, ele é a única coisa que importa, é o que de melhor você vai ter, a essa madeira você deverá dedicar todas suas energias e prestar teus maiores respeitos, nada que não seja ele tem alguma importância. E quando alguém diz que sim, essa pessoa está mentindo, entendeu bem, está mentindo e mentindo... eu que minutos atrás encostei num amor tão

puro, agora me pego aqui... querendo odiar meu marido.

Não vou... não vou entrar nesse jogo destruidor... não vou odiar ninguém. Somos seres instáveis por natureza, o instante flui do amor ao ódio... do dia à noite. Vou descobrir uma maneira de amar meu marido da mesma maneira que amei aquela criança... e se não for meu marido... que seja uma arara ou qualquer outra pessoa.

Eu tinha uma técnica para me acalmar quando ficava muito nervosa. No auge do nervosismo imaginava uma panela cheia de lava incandescente bem na altura da minha cabeça, então eu ia esfriando-a e depois imaginava que enterrava essa panela no fundo de uma geleira, até que ela perdesse totalmente a cor vermelha e a temperatura. Seria uma panela com um conteúdo azulado, enterrada no gelo, e eu estaria perfeitamente calma e serena longe dos calores da irritação.

É só com serenidade que consigo entrar em contato com esse mundo que realmente me interessa. A euforia, a tristeza e a agressividade são inimigos de igual perigo, se quero estar comigo mesma num bosque de flores onde vente amor.

Panela gelada... panela gelada... panela gelada da serenidade... para que eu possa sentir o sutil movimento verdadeiro das coisas... enxergar o verdadeiro que está escondido... o reconfortante riacho de águas doces... panelinha se você quiser eu entro dentro de você e congelo-me, faço isso se for necessário, daí fica mais fácil para eu saber se essa coisona feliz que não tem medo de nada, mulher corajosa que não morre e paira, flutua num movimento, mãe e filha ao mesmo tempo, eterna essência da rosa vermelha e do sorriso de criança, se essa mulher especial poderá algum dia existir.

Como é que faço? Quem procuro? Perdida de novo,

precisando de ajuda e nervosa, a panela borbulhante de lava escaldante.

“Um sorvete de morango, por favor.”

É tudo uma questão de temperatura, o gelado do sorvete me acalma... paro de tentar arrancar respostas impossíveis... de tentar fazer acontecer o que apenas deve acontecer... riachos são riachos, eles têm a corrente que impulsiona suas águas, a corrente acontece, apenas isso... é o ritmo natural... hoje de manhã eu estava dentro desse movimento da vida, depois entrei nesse jogo de sim e não, nessas distrações constantes, nessa confusão que é nossa maneira de pensar. Naturalmente a panela tende a esquentar-se, daí novamente tenho de gastar energia para tentar esfriá-la e começar do zero.

Para viver de uma maneira pura, como uma flor que é levada por um riacho, é preciso mudar a maneira como pensamos. Mas será que é possível mudar a maneira de pensar e continuar vivendo no mundo do jeito que é? O mundo teria de modificar-se também. E se mudarmos a maneira de pensar, será que a modificação do mundo não seria automática? Mas como mudar a maneira de pensar, o que corrigir e o que adicionar?

Voltamos para aquela escola que decidi incendiar com meus eventuais futuros alunos, das cinzas delas teria de ser construído um novo modelo de escola, onde houvesse apenas uma grande disciplina, e até esse nome horrível seria abolido, porque já que o assunto era único, não haveria necessidade de nominá-lo. Mas caso quisessem dar um nome, em vez de disciplina, que é rigidez e falta de criatividade, poderíamos chamar o conteúdo escolar de divertimento.

Nessa escola todos os aspectos práticos da escola seriam abordados, o sexo, a morte, as relações humanas, as relações sociais, o mundo dos sonhos, a arte, os mistérios sem resposta... tudo entrelaçado e interrelacionando-se com todo o resto. Um sistema educacional vivo que se encaixaria nos sistemas vivos que são o homem e o mundo. Dentro desse sistema pulsante de viver, teríamos de achar uma maneira de diminuir a velocidade do pensamento tradicional que funciona: A vai para B, C, D... diminuindo-se essa velocidade, através de exercícios mentais que sairiam de dentro de cada um dos aspectos da vida que estivéssemos abordando, aí então teríamos espaço para trabalharmos a intuição, com uma mente que tenha um controle da velocidade do fluxo de pensamentos e com uma intuição desenvolvida, poderíamos então explorar estados mentais onde nunca estivemos.

Saindo da linearidade do pensamento deixamos para trás também a noção tempo-espaço, e sem esse peso poderemos ir mais longe e mais perto do que em qualquer sonho. Com esses estados mentais que teremos acesso, através do aprofundamento e melhoramento das maneiras de pensar, as lembranças de quando ainda não tínhamos desenvolvido a técnica de melhor pensar, nos parecerão como nossa idade média mental. E as perspectivas de um melhoramento ainda maior na técnica, através do uso de substâncias químicas criadas por mentes que compreendem como funcionam os estados mais libertos da consciência, criará para a humanidade uma nova idade das luzes. Só que essa estará para o iluminismo assim como o sol está para um fósforo aceso.

Obviamente tudo terá de ser feito de maneira gradual e segura, porque uma pessoa corre riscos se quiser saltar etapas

sem ter bem consolidada a anterior. A loucura é o maior dos perigos, a carga elétrica torna-se grande demais para as instalações do indivíduo e todo o sistema entra em curto.

Digamos então que esse modelo de educação funcione, e suponhamos algo mais difícil, que ele seja implantado em larga escala por todo o mundo. Após algum tempo, talvez uma geração, como seria esse novo mundo? Certamente estaria completamente modificado. Acho que primeiro esse novo mundo seria muito mais fluido e sendo assim tudo que fosse rígido não teria mais lugar nele. As instituições de um modo geral ou se modificariam completamente, se adequando ao novo mundo, ou desapareceriam.

A grande maioria deixaria de existir pela simples razão de não serem mais necessárias. Governos, religiões, polícia, juízes, bancos, prisões, políticos, nada disso mais seria necessário. Também diminuiria a quantidade de carros, a necessidade de estradas, o comércio seria basicamente feito à base de escambo e a boa vontade e a aceitação alheia fariam sempre com que a generosidade ajudasse as trocas a funcionarem.

Ninguém temeria ou esperaria recompensas de nenhum Deus paternalista, portanto as igrejas e os templos não teriam mais serventia. Mas a comunicação com o desconhecido e o culto à espiritualidade, não diminuiriam por isso, muito pelo contrário, por mais expandida que estivesse a mente humana ela teria sempre um limite. E para ir além e tentar encostar no eterno, o homem desenvolveria individualmente suas técnicas, sem necessidade de organizadores ou intermediários.

A harmonia da vida com a natureza seria a consequência mais evidente na mudança do paradigma do pensamento.

Com pessoas diferentes as relações humanas mudariam, a família que conhecemos hoje desapareceria, as crianças seriam filhos do mundo e não importaria muito de que barriga saíram, porque todas elas seriam tratadas da mesma forma por todas as pessoas.

A taxa de natalidade diminuiria porque ninguém mais teria filhos sem o sentimento profundo, de que a criança que nascesse, não seria fruto de nenhum desejo pessoal mesquinho, e que apenas nasceria para o desenvolvimento ainda maior do homem no mundo.

Com isso a população mundial envelheceria, mas após algum tempo a pirâmide etária voltaria ao equilíbrio, desta vez com uma população bem menor. E essa população abandonaria as cidades, que ficariam cada vez menores. O homem viveria no campo, plantaria para sua própria subsistência. À noite, os lagos onde a lua se reflete estariam repletos de pessoas que estariam lá para contemplá-los.

Haveria artistas que interpretariam esse mundo em poemas, em pinturas, em músicas, mas a grande arte dessa época possível seria aquela que não precisa de nenhum suporte. As pessoas viveriam de maneira artística, cada um seria sua própria obra-prima. A arte hoje em dia é o grito de desespero de quem não se aceita nem aceita o mundo como ele é. No mundo do pensamento modificado, essa saudável revolta seria aproveitada dentro do próprio homem, e cada gesto seu, desde o abrir até o fechar das pálpebras, seria repleto de uma graça, uma sutileza e uma profundidade que só a grande arte possui.

Daí surge de novo minha insegurança: “quantas pessoas muito mais qualificadas que eu já pensaram esse mesmo

mundo e até tentaram colocá-lo em prática... mas as coisas nunca se modificaram.” Na verdade todas as tentativas de mudança que eu já ouvi falar, foram diferentes daquela que eu desejo. Elas partiram sempre de um esforço de mudança social, e queriam que o homem fosse modificado por essa nova sociedade. E todas elas, sem exceção, falharam: o poder das flores que pregavam os hippies nos anos sessenta era baseado em flores sem raízes. Tudo ficou muito em cima de detalhes sem importância, e o fundamental, que é o que dá mais trabalho e menos recompensas para mudar, ficou esquecido.

As sociedades são frutos de nossa maneira de pensar. Não adianta artificialmente colocarmos uma pêra na haste de uma macieira, isso só servirá como uma curiosidade e em pouco tempo aquela fruta cairá no chão e a macieira continuará a produzir maçãs. Se quisermos comer pêras teremos de plantar uma pereira.

Modificando-se as raízes teremos frutos diferentes. Todo o resto são paliativos que alguns poucos anos fazem desabar. É incrível como os que se dizem revolucionários são os que mais temem as mudanças. Eles fazem de tudo e têm mil teorias complicadas para provar que se você arrancar todas as maçãs de uma macieira e colar nela pêras, então essa árvore automaticamente se transformará numa pereira.

E quando as frutas que foram amarradas nas hastes começam a apodrecer, pois não têm de onde se nutrir, normalmente eles dizem que as pêras apodrecidas são frutos ainda melhores, pêras ideais, e quando elas finalmente caem dos galhos para terminar de apodrecer no chão e começam novamente a brotar pequenas maçãs, nessa época os

revolucionários já passaram dos cinquenta anos, e ou renderam-se à macieira ou amargurados vão procurar colar pêras em outras árvores.

São poucos os que pensam em plantar árvores, e a maioria dos que querem fazem como eu, ficam só no pensamento. Eu estou me contradizendo, faço exatamente o que digo que vejo de errado nos outros, estou pensando em mudar a sociedade antes de me modificar. Acabo entendendo um pouco mais os revolucionários, são pessoas que por mais que digam que estão se doando a causas coletivas, e muitos deles realmente dariam suas vidas por suas causas, o que existe no fundo é o culto a seus próprios egos, o desejo escondido de virarem estátuas de bronze em praças públicas.

E se eu sei de tudo isso, ou não faço nada ou faço a coisa certa. O mais cômodo seria deixar que essas idéias e o dia de hoje fossem lentamente sendo esquecidos, eu poderia até extrair dessas experiências alguma coisinha que me alivie as dores, talvez escrever alguns textos para me distrair, hábito que seguramente vai terminar virando um diário onde eu desabafaria meus desencantos cotidianos. Até que em um miserável dia, daqui há uns onze anos, alguém me encontra de língua de fora pendurada na lavanderia... e as últimas páginas do diário estariam cheias de culpa, desespero e raiva de mim mesma.

Eu ainda sou nova e saudável, vou ter bastante tempo livre de hoje em diante, não tenho nenhum grande problema real além desse incômodo que sinto e que é suportável... eu tenho idéias que as pessoas não têm... sou diferente... uma bela diferença que me faz chegar até essas idéias que acho importantes, pensamentos sobre como modificar a forma de

pensar... eu simplesmente não posso jogar tudo isso fora. Não tenho esse direito. No meu jardim afluam pepitas de ouro... tenho de colhê-las.

Como é que faço para sair da teoria e começar a pensar de maneira diferente? Pela minha receita, o primeiro passo seria diminuir a velocidade do encadeamento de idéias. Vamos lá, então as distâncias entre o pensamento A, B e C teriam de aumentar, e por conseqüência A, B e C, seriam conhecidos em maior profundidade. Eu poderia tentar uma experiência nesse sentido. Vou repensar, desse novo jeito, as idéias-sentimentos que tive hoje quando vi aquela moça com síndrome de Down contemplando a árvore de flores.

Ela está lá... mulher... luz... árvore... flores vermelhas... outras no chão... olhos oblíquos brilhantes... flores... olhos meus nos dela e os dela nas flores... luzes coloridas embalando a cena... meu coração cheio de amores... amando a mulher... a mulher amando as flores e as flores se jogando sobre a mulher...

Uma experiência, acho que diminuir a velocidade do encadeamento de idéias torna o pensamento muito parecido com a poesia. Só que fica tudo muito na teoria, se eu pensasse cem por cento do tempo dessa maneira, seria impossível viver no mundo como ele é. Teriam de haver muitas outras pessoas que pensassem diferente para que eu pudesse mergulhar de vez nessa aventura. Senão, provavelmente nos primeiros dez minutos eu seria atropelada por algum ônibus ou levada para um hospício.

Mas do que adiantam exercícios mentais se o pensamento se perde, eu teria de fixá-lo através da escrita, não propriamente um texto que imitasse a forma de pensar, mas que

fosse escrito utilizando-se dessa nova técnica. Eu poderia pegar algo que já escrevi e reescrevê-lo, talvez o episódio do relógio embaixo d'água:

“Nas águas cristalinas e transparentes... espelhos em camadas escondidas... luzes furando ares e líquidos. Verdes... marrons... um vermelhinho de um lambari... degradês vivos que se movem em todas as direções. Prismas de luz invisíveis dividem as cores... sublinham os objetos. Eu em cima, em baixo e no meio dessa festa... embrulhada nessas luzcores... duas camadas transparentes encobrem os ponteiros mortos, água e vidro, e lá no fundinho do riacho está o relógio... estranho tempoespaço perdidos encontrados... um mundo dizendo que existem outros -... não sou só eu, tem também meus amigos e meus inimigos... - eu acredito, e mergulho no mundo sem função do relógio morto.

A essência do estranho, passa a ocupar o lugar do meu ego. Sou esquisita para mim mesma, e tudo que me acontece o é ainda mais. Minhas idéias deixam de ser idéias e passam a ser outra coisa... um grande acontecendoeternamente misturado com visões... estou na casa de quem era dono do relógio... não sei como sei disso... a casa aparentemente está vazia... caminho pelos cômodos... há uma luz num deles... enxergo pelas janelas que é noite escura, mas a luz não sai de um dos quartos, é a luz natural das primeiras horas da manhã. Sem me aproximar muito vejo que sobre o batente da porta estão projetados raios solares alaranjados.

Eu sou tão esquisita que isso para mim é normal. Aproximo-me da porta. Um casal dorme em um colchão colocado diretamente sobre o chão. Dentro do quarto, sem janelas, os raios de sol mancham de amarelo o homem e a

mulher. Ela está semi-nua e tem os quadris largos, uma máquina reprodutora, ele parece que... não sei dizer isso em palavras-pensamento, mas ele parece que não está vivo. Ele ronca e vira-se de vez em quando, mas continua parecendo não estar vivo.

O quarto e o casal parecem um recorte de um outro tempoespaço que foi colado ali, aquela luz do sol durante a noite foi a maior evidência disso... além disso aquela mulher me parecia um útero dormindo, a força reprodutiva de todas suas curvas não pareciam deixar espaço para que outras energias morassem ali. O homem era um retratinho de porcelana de túmulo, difícil de explicar... e os dois juntos dormindo no meio daquele sol da noite... são o mistério profundo acontecendo agora comigo. Reparo que no pulso do homem, uma marca de sol denuncia que seu relógio está faltando. Ninguém dorme de relógio, é verdade, mas esse é um caso especial... e interpreto a marca de sol como a certeza de que aquele relógio perdido lhe pertencia.

E agora o que eu faço, o que deduzo de tudo isso? Danço um pouco em frente ao casal para ver se algo se modifica ou se eu me modifico. Samba, jazz e tango sem parceiro... cansada paro e entro no quarto, sentando na beira do colchão, próxima à mulher. Seu corpo é tão reprodutivo que sinto uma tremenda vontade de enfiar a cabeça dentro dela.

Primeiro passo a cabeça por suas coxas, quero entrar inteira dentro do útero dela. Enquanto isso o cadáver roncador mexe-se para lá e para cá. Com as mãos afasto as pernas da mulher para tentar enfiar a cabeça dentro dela. Uma revelação desabando sobre mim: as forças reprodutivas dela eram tão potentes que acumularam informações que não me foram

ditas... revelação sem explicação... uma cortina que cai e por detrás está o impensável, a mulher apesar de ser mais jovem do que o homem é sua mãe.

Ela ainda vive e está velha, o relógio foi um presente ao filho que morreu no rio São João, quando caiu bateu a cabeça e perdeu seu relógio, a luz do sol é o desejo do reencontro, ela ilumina os caminhos, mas ambos ainda estão adormecidos. Ela tenta abrir seus olhos, mas o fato de ainda estar viva não a deixa, ele, apesar de morto, ainda não conseguiu emergir das águas onde afundou.

As idéias me atacam... se eu trouxesse o relógio que encontrei e colocasse no pulso do morto, ou então se o devolvesse para a mãe? Mas fazem quarenta anos que o vi, ele não deve mais existir, a mulher já deve ter quase noventa anos, logo abrirá os olhos para encontrar seu filho querido, e quando fizer ele também abrirá os seus... os dois poderão viver nessa casa enorme e iluminá-la inteirinha com o sol, poderão transformar em dia essa noite que envolve a casa.

Decido não entrar dentro do útero daquela mulher , ali é lugar de seu filho morto, deixo-os, volto para minha infância... o instante em que vi aquele relógio... o musgo e os peixinhos... o barulho do riacho chuaaah chuaaah... o círculo parece que fechou-se... estou sorrindo para aquele objeto... mas a sensação de encontrá-lo é algo quase natural. Engoli o mistério.

Sou novamente a mulher de quarenta e nove anos que se recorda do dia em que encontrou o relógio. O filho morto e a mãe envelhecida... essa idéia me assalta e não sei como reagir e nem se devo. O filho morto dorme com a mãe envelhecida. As coisas começam a fazer sentido... sou a mãe velha de meus ideais mortos, durmo ao lado deles mas não consigo abrir meus olhos.

As luzes da vida fazem de tudo para que eu desperte, jogando os raios de sol bem sobre minhas pálpebras... são os incômodos que sinto, é a razão pela qual não almoço com a família... tudo está conspirando para que eu abra os olhos e depois desperte da morte meu filho, meus muitos filhos que dependem de mim para ganhar vida. Sou útero fértil que quer reproduzir mil filhos diferentes... alguns com duas cabeças, outros hermafroditas, outros com três corações, espalho minhas crias pelo mundo e depois posso voltar a dormir.

Acorde, sua inútil, para que possa dar a luz, acorde-me grande útero pulsante, o mundo precisa dos teus-meus monstros, que aos teus-meus olhos são anjos de beleza. Acordo. Abro meus olhos e o lindo homem que dorme a meu lado também abre os seus. Ele levanta seu pulso e vê as horas.”

A mudança na maneira de pensar faz com que fiquemos mais próximos da poesia. Então a conclusão que chego é que o mundo deveria ser mais poético. Conclusão de uma menina de treze anos que está começando a conhecer a vida. Mas talvez seja por aí mesmo, as coisas simples são as mais importantes... e se eu for ver, no fundo o que mais me emociona é o imensamente simples... são esses pombos que passeiam perto dos meus pés procurando comida, a brisa que nesse instante balança as copas das árvores e a sombra delas balançando no chão... as pombas atravessam esses buracos de luz que aparecem e desaparecem com o movimento.

O ritmo da vida é igual ao ritmo mais natural de pensar, então, quando entramos na tradicional idéia-leve-rapidamente-a-idéia estamos nadando contra a maré da vida. Ontem quando eu passeava pelo calçadão da XV e começou a chover, comecei a reparar nas pessoas que se acumulavam sob as

marquises, reparei nos rostos, nas expressões, na linguagem corporal, minha conclusão é que em maior ou menor grau as pessoas sofrem. A moça bonita sofre porque o tempo destruirá sua beleza, o jovem porque não consegue realizar seus sonhos, o velho porque não conseguiu realizá-los.

Desde os mais nobres até os mais mesquinhos, dos ricos aos pobres, dos que acreditam numa causa aos que perderam as esperanças, todos estão sujeitos a uma frustração coletiva, um desencanto por um fracasso atávico da humanidade. O mais fácil é dizer que é um medo da morte, mas não acho que seja bem assim. Talvez o medo da morte seja o sintoma desse mal desconhecido que atinge a todos.

A chuva faz com que isso seja mais fácil de ser enxergado. Esperar embaixo de uma marquise, molhando os pés, deixa claro para um bom observador que assim como a chuva atinge a todos, esse sintoma humano também. Num dia de sol tudo fica mascarado pelos barulhos, pelos sorrisos e outras distrações, cada um individualmente escolhe sua maneira de desaguar essa dor. Alguns se tornam agressivos, outros depressivos, outros viram fanáticos religiosos ou por dinheiro, outros ainda decidem comer por duas pessoas.

Será que esse mal tem cura? Ou será que é assim mesmo, ser humano é sofrer? Eu não sei, mas não me custa nada imaginar um mundo livre dessa dor... melhor do que isso... uma maneira de curar o mundo dessas dores.

Primeiramente acho que quanto menos dissimularmos as dores melhor para um diagnóstico. Grande parte da cultura mundial é nada mais do que um anestésico coletivo para que as pessoas continuem suportando suas vidas e não se questionem de verdade sobre o que as faz sofrer. O sofrimento

é visto como algo medonho que deve desaparecer a qualquer custo, não importando os métodos que sejam utilizados para acabar com ele.

Nosso estado normal deve ser uma alegria contínua , um bom humor permanente. Só que isso não é natural, o natural é existirem momentos positivos e negativos, mas o negativo é considerado algo ruim e nocivo e deve ser acobertado a todo custo. Mas o positivo simplesmente não existe sem ele, quando acobertamos o negativo estamos sufocando as raízes do positivo. Devemos então deixar o negativo manifestar-se livremente, sem hipocrisias sociais e nem saídas paliativas baseadas em alegrias vazias. Doer vai doer do mesmo jeito, é só não ficar engolindo os gritos nem os transformando em estúpidas canções falsamente alegres.

A partir daí, com uma humanidade que não esconde suas dores, chegamos a outra bifurcação: o que causa as dores? Isso não é difícil de responder, as dores são causadas por expectativas frustradas. Só que não há como realizar as expectativas de todas as pessoas, mesmo porque a realização de um pode ser a desilusão de outro. E mesmo os que concretizam seus sonhos... em pouco tempo essa alegria desaparecerá, e ele poderá ser o próximo desiludido. O que fazer então?

O caminho lógico seria a diminuição das expectativas, que em grande parte são sutis imposições da civilização. Não quero dizer que a sociedade é má e deturpa o homem, mesmo porque o homem é que construiu essa sociedade, então os problemas dela são conseqüências aumentadas dos problemas de cada indivíduo. Mas como então o homem poderia se proteger um pouco desses desejos do coletivo,

para diminuir suas expectativas, e como consequência o sofrimento?

Acho que volto para a escola incendiada, é a única maneira que enxergo. Teria de ser dito nas escolas: A vida é um rio que flui... e todo rio só flui porque o local da nascente é sempre mais alto que o da foz. E apesar desse declínio natural, toda parte do rio tem sua importância, formando um corpo único. Nós não somos somente jovens, nem velhos, nem crianças, somos a soma de tudo isso, e isso não vale somente para o tempo, mas sim para todos os outros fatores da vida.

Somos um pouco de cada coisa que nos forma, assim como o rio tem trechos em que é estreito e outros em que é largo, todos esses trechos formam o mesmo rio. E mais uma semelhança existe entre nós e os rios, assim como eles, nós também somos as margens, as curvas, a profundidade, as pedras, e ao mesmo tempo somos a água que flui... e mais uma coisa somos também, o movimento, a força invisível que faz as águas fluírem.

E mais importante que tudo, nós somos o rio em si, um eterno mistério de brilhos, reflexos, batalhas cotidianas pela sobrevivência, mas sobretudo idéias. E é aí que encaixo o assunto das expectativas e frustrações, já somos basicamente ao nascer o que devemos ser. O que adicionamos ao longo da vida são, ou pesos inúteis que carregamos sem ter por que, ou então, pinturas e maquiagens que apenas realçam nossa beleza natural. Mas que também não são tão fundamentais assim, sem elas o que é belo continuará sendo, e a ausência desses ornamentos não pode ser razão para que se encha de frustrações corações naturais.

Talvez isso não devesse ser dito dessa forma, talvez a

arte pudesse ser utilizada para incentivar a criatividade a dar um mergulho profundo na vida, nos sonhos, na imaginação... não sei bem como. Poderia ser através da revelação de que todo dogma é fraco e não se sustenta por si só, e de que, todo o universo e todos os aspectos da vida humana estão interligados. Por isso não há o que temer, não há por que ser ansioso... tudo é o que deveria ser... e se as pessoas passassem a acreditar mais nisso, as coisas que deveriam ser de outra maneira, logo se modificariam naturalmente. E logo chuva e sol seriam recebidos do mesmo jeito pelas pessoas que passeiam pelo calçadão da XV.

Não sei se apenas isso resolveria, talvez a tristeza seja... para sempre, e o fato de nascermos seja o gatilho que a dispare. Mas não tenho dúvidas de que ela pode ser muito diminuída.

E eu, qual é a expectativa frustrada que me faz sofrer? Quando é com a gente é sempre mais difícil dizer. É que nem quando um dente dói, dificilmente sabemos exatamente qual é. Mas... deixa eu ver... eu acho que sofro porque sinto que estou perdendo meu tempo com a vida que levo. Nada do que fiz foi muito útil nem para mim nem para os outros. Levei uma vida banal, mesmo não tendo uma vida interior banal, fui covarde... são os pesos que carreguei a vida inteira inutilmente... primeiro o peso de ser mulher em um mundo feito para homens... depois esse peso classe média católica, de ser uma mulher decente que estuda... só faz sexo com o marido... o magistério é o melhor retrato disso.

Um emprego para mulheres, lidar com crianças... instinto materno... o tremendo peso de reproduzir-se para levar a sociedade adiante... fui aceitando todos esses pesos sem

recusar nenhum... mas o pior é que não há nenhuma recompensa para esse esforço... pelo contrário, é daí que vêm as dores. Não me arrependo de ter tido meus filhos, mas eu me pergunto quanto do desejo de tê-los foi natural, essa vontade mística e profunda de compartilhar a vida com mais alguém, e quanto foi apenas o cumprimento da missão da fêmea na sociedade?

Acho que obedeci muito mais à sociedade que a meus desejos espirituais, mesmo porque se tivesse obedecido jamais teria tido três filhos, um seria suficiente. O peso de ter de ser bela o tempo todo... em todas as idades... mas principalmente na juventude quando se é mais reprodutiva... e todos esses padrões estéticos e dogmas de comportamento... todo esse pseudo-liberalismo, que no fundo só reforça o que há de mais conservador... essa fábrica de infelizes.

É muito mais fácil se tornar uma mulher extremamente infeliz do que um homem, são muito maiores os pesos extras que pesam sobre as mulheres. Mas não quero só reclamar, quero ver o que posso mudar, e se posso. Não acredito nesse feminismo bobo, que quer somente fazer com que as mulheres assumam papéis de homens. Antes de sermos homens ou mulheres somos pessoas, e não importa como se chame um rio e em qual direção ele corre, o que importa é que ele é um rio.

Não quero também simplesmente depositar os pesos que carrego nos ombros de outra pessoa, quero jogá-los fora. Não acredito em revoluções. O revolucionário verdadeiro é sutil e ninguém o conhece, e o que ele faz se chama evolução. Os tamanhos das coisas impressionam e enganam, eles são os artifícios que nos fazem acreditar que somos pequenos e que por isso devemos aceitar essa condição, carregando

nossos pesinhos em silêncio... “não demos sorte de sermos grandes nem poderosos... não somos belos... nem temos nenhum talento especial...”, então levamos nossas vidas glorificando quem supostamente é maior do que nós. Mentira... somos todos iguais... ninguém precisa se ajoelhar para ninguém e nem carregar porcaria nenhuma.

Sei de tudo isso, mas a pergunta continua perguntando-se, e no meu caso, como adapto a teoria à prática?

Vou caminhar um pouco... refrescar a cabeça, hoje é o primeiro dia que eu paro pra pensar... algodão doce, esse presente vou me dar...

“Um algodão doce e um cata-vento, por favor.”

Ele é que nem eu... uma hora gira com força para um lado, parece saber exatamente para onde tem de ir... depois pára, fica um tempo parado e acaba girando para o outro lado. Não posso me dispersar... eu estava no meio de um raciocínio importante... gire com força cata-vento... o açúcar me dá energia... e eu, como é que me livro dos pesos?

Como faço para enxergar o rio inteiro? Que agonia! Ela acaba sempre me levando pro caminho da raiva... calma, respirar fundo, ficar tranqüila, pensar em alguma coisa alegre... não me ocorre nada... mas só essa luz e essas crianças rindo para as araras, já é bonito... agora diminuindo... e surpresa, um vento faz o cata-vento girar a toda velocidade.

Não posso ficar parada, sou muito nova para dizer “sou uma aposentada”, tenho de inventar alguma coisa para fazer... é por aí meu caminho... primeiro não ficar parada, mas essa ocupação tem de ser alguma coisa que não seja somente para me distrair... emprego na minha idade já é tão difícil e eu ainda quero ficar escolhendo... e eu me lembro bem do

que ouvi quando me aposentei “agora você vai ter mais tempo para se dedicar para a casa e para mim.” Desgraçado, é um egoísta que só pensa nele, sou um acessório de sua propriedade... não vou dedicar tempo nenhum a mais para porcaria nenhuma.

Por mim eu me separava e ia morar em outra cidade e começar uma vida nova, talvez só isso não seja jogar os pesos fora, mas já ajuda. Mas e viver de que? Minha aposentadoria daria para pagar o aluguel de um quarto e comer... e eu fico num lugar onde não conheço ninguém, passando dificuldades e sendo odiada pela família... e ainda sem ter resolvido nada do que me aflige. Não, isso seria apenas uma fuga, uma falsa mudança.

O rio, a escola incendiada... façam o que eu digo e não o que faço... quantas mulheres eu conheço que com pílulas conseguem viver melhor... miséria, miséria, não, não é isso que quero, isso é desistir de tudo em que acredito, em que ainda acredito... tomar pílulas para isso e para aquilo é que nem secar um rio, os peixes e os brilhos desaparecem junto.

Eu vou me curar dessa agonia que sinto... ou então explodo de vez. Meus alunos imaginários vão me ajudar, e as aulas mentais que eu dou serão meu remédio, e eu grito para eles:

“Queridos, esqueçam-se do hino nacional e das cores da bandeira do país. Queridos, todo o nacionalismo de todos os países do mundo, foi construído em cima do assassinato. Todos os países, sem exceções, deveriam ter a bandeira de uma só cor: vermelha. Porque para que o país fosse construído, milhares de pessoas tiveram de ser mortas. Divide-se um território, para que nele o poder político e

econômico possa ser exercido. Para isso, uma população que se opõe a essa divisão sempre é exterminada. A mentalidade nacionalista é a mentalidade de quem, consciente ou inconscientemente compactua com o genocídio.

Os poderes judiciário, executivo e legislativo que surgem com a formação da nação, são os instrumentos pelos quais se dá legitimidade aos atos de apropriação e homicídio. A partir da instalação de poderes constituídos em um estado, todos os crimes acontecidos para que esse estado fosse formado, passam a não mais serem considerados.

A partir da criação do estado, a mentalidade nacionalista inventou uma maneira de justificar seus crimes sugerindo, de maneira velada, que as eventuais benesses que o estado possa trazer à sua população, compensariam a destruição causada pela sua criação. O nacionalista é um sofredor que quer fazer outros sentirem seu sofrimento. É um egoísta que se julga proprietário do rio e no direito de destruí-lo.

E essa mentalidade que criou as nações se espalhou por todos os campos da vida humana, e nós a obedecemos sem nunca questioná-la, e sem procurar um caminho alternativo a ela. Há uma crença muda mundial nesse paradigma nacionalista, e nem reparamos que nossos casamentos são baseados nesse mesmo princípio, nossa educação, nossas famílias, nossa religiosidade, nosso sexo... é tudo uma reprodução do grande esqueleto nacionalista divisor-destruidor.

Meus queridos, pensem em qual é o sentido de uma fronteira, por que devemos dar nossas vidas para mantê-las? Falo de uma maneira genérica, referindo-me a todos os tipos de fronteiras, mas principalmente àquelas em que a mudança está mais ao nosso alcance: as fronteiras mentais.

Vamos esquecer, começamos esquecendo as cores da bandeira nacional, e terminamos esquecendo qualquer fronteira mental que o mundo queira nos impor. O passaporte do homem verdadeiro é a poesia que ele traz na alma, é o brilho de seus olhos, é o seu sorriso, quando esse se parece com o de uma criança.

Não acreditem em outros passaportes, não acreditem em papéis e poderes inúteis, eles são as armas dos ignorantes, daqueles que dependem da força bruta para que seus desejos sejam realizados. O outro caminho é muito mais sutil, profundo e misterioso... é o rio escorrendo pela noite adentro, fazendo seus barulhos enquanto a lua se derrama em suas águas... todo ser humano é isso... é lá que ele deveria estar... e se não está, é para lá que deveria tentar ir.

Muitas risadas vocês escutarão quando não quiserem seguir caminhos impostos... serão alertados que seguem um percurso que leva a muito sofrimento... é talvez a única verdade que dirão... sofre-se mesmo e não há certeza de nada. É por isso, meus alunos, que nunca ouvirão de mim “sigam-me”, se dissesse isso, de uma certa maneira estaria me comportando exatamente como aqueles que abomino. Mas posso dizer “contemplem”, “pensem”, “abram os olhos”.

E abrindo-os, reparem que o Deus paternalista das religiões, é a continuação da civilização, num espaço que deveria estar reservado à espiritualidade. Ele pune e recompensa como a sociedade. Deve ser temido e idolatrado, e assim como a sociedade ele tem até uma espécie de código penal.

Que tal um outro, o Deus-Poesia: o verbo relativo a ele não é fazer, e sim o verbo “surgir”, talvez também “brotar”. Esse Deus eclode como uma tulipa vermelha, esparramando-se

à nossa frente quando os olhos estão cheios de lágrimas. Ele é cada um dos homens em certos instantes de desapego, quando deitamos à noite em um campo de margaridas e contemplamos as estrelas. Esse Deus é o que faz acontecer a grande poesia, a escrita e a vivida, que acontece a todo instante. Ele brota como uma planta, mas não tem raízes, surge e desaparece onde menos se espera. Quem dele espera favores ou recompensas, nunca receberá sua visita. Também nunca ninguém precisará temê-lo.

O homem que dormiu no campo de margaridas enquanto observava as estrelas e tentava ser uma delas, terá a companhia desse Deus em seus sonhos. Eles serão uma continuação de seu mergulho estelar. Sonho e vigília, margarida e estrelas, Deus e homem, tudo será um todo.

Nas feridas do mendigo, no esterco das vacas e na baba do suicida esse Deus poderá se mostrar. Ele não tem preconceitos, ele brota a beleza do grotesco. Dos nomes na lista telefônica, ele faz surgir o mais lindo dos poemas, com os mais lindos versos que englobam toda a beleza que existe. A beleza aparente e também aquela que precisa ser lida através de símbolos.

Florescendo tanto nos corações quanto na escuridão, o Deus-Poesia é mais poesia do que Deus... ele é a folha sendo levada pelo riacho assim como eu e vocês somos levados pela vida. O eterno fingindo-se de mortal. O todo fingindo-se de alguma coisa, e ao mesmo tempo o nada fingindo que existe.”

O cata-vento gira com toda a força no sentido contrário ao que girava antes. As pessoas me olham e riem, mas só hoje não vou me importar com isso. Falar mentalmente com meus alunos imaginários é um misto de alívio com agonia...

é o dedo na ferida... acabo achando que é ali que está o problema, é por ali que me curo ou me destruo de vez. Tenho muitas idéias dentro de mim, mas nunca as coloquei para fora e elas estão mofando. Tenho de limpá-las, pô-las para fora junto com toda a sujeira que tem por lá.

Luz das três da tarde... o que mais eu teria a dizer para meus alunos? Chega. Tenho agora de dizer umas coisas práticas para mim mesma, uns verbos como: faça... mude... diga... saia... volte... resoluções claras de uma mulher que não quer mais sofrer e toma decisões maduras. Isso é o mais difícil, principalmente para uma pessoa como eu que sempre me fiz de vítima... e por causa disso já perdi muita coisa.

Se eu não tiver coragem para mudar nada na minha vida, é melhor também esquecer todas essas idéias de um mundo melhor... elas só me farão sofrer mais... seria melhor então se eu acreditasse em alguma bobagenzinha e seguisse minha vidinha até o final. Só que eu nunca iria conseguir acreditar plenamente em qualquer bobagem, eu estaria apenas fingindo que acreditava . Não tenho escolha... tenho de seguir em frente, mas as bifurcações são tantas que qualquer atitude que eu tomasse seria praticamente uma atitude aleatória. Algo para arrepende-me e voltar a acreditar que é normal na idade em que estou, sentir essa agonia, e que isso passa com o tempo.

Sinto que estou prensada entre ódio e amor, mas não tenho coragem de me mexer, porque com qualquer movimento um dos dois poderia me esmagar. É como se alguém, com medo de morrer durante a cirurgia, a ficasse adiando...

Amor... sei que é a você que tenho de me entregar, mas não é fácil... quando imagino estar ensinando alunos com o

que realmente acredito, aí estou me entregando ao amor... se eu voltasse a lecionar revelando às crianças esse mundo escondido? A pontada de alegria que me atravessa o coração... um segundo depois... não me deixariam ensinar o que quero... em qualquer escola eu teria de seguir o currículo escolar, que é aquele lixo que não leva a lugar nenhum.

Eu poderia seguir o currículo mas ir encaixando uma ou outra coisa... e quando viesse a primeira mãe de aluno com perguntas sobre se pontinhos específicos do currículo estavam sendo seguidos... aí acho que eu esqueceria todo o amor e pularia num mar de ódio.

Além disso tem um outro problema mais complicado, eu não teria certeza de nada do que estivesse ensinando, o que não é mal, mas temo que a uma certa altura eu fosse contraposta com argumentos sólidos... argumentos que não teria como rebatê-los, e estaria sendo desonesta se tentasse fazê-lo sem certezas.

Talvez essa tarefa de ensinar uma nova maneira de pensar e uma nova maneira de ver a vida, seja grande demais para mim, e eu possa fazer muito mais mal do que bem para as crianças a quem eventualmente, viesse a ensinar. Por outro lado também fico pensando, o que pode existir de pior do que o que já está por aí? O risco faz bem de vez em quando.

E todos esses milhões e milhões de pessoas sofredoras que choram e sangram? Sofrimento em gotas e em enxurrada, sofrimento secreto que molha as franhas nas madrugadas. Que faz as crianças criarem padrões de dor que se repetirão pelo resto de suas vidas. Sofrimento fantasiado de alegria, vestido de sucesso. Mentiras pesadas que machucam. Grande parte de tudo isso poderia ser evitado.

Enquanto não tomo coragem continuo a dar minhas aulas imaginárias, até para desenrolar as idéias e recobrar a prática... não, chega disso... vim aqui para resolver meus problemas e não os da humanidade. Jogo meu cata-vento parado no lixo... pílulas e pílulas... não consigo tirar isso da cabeça... caminho fácil da anestesia... fraqueza: caminho aberto para o ódio, e o primeiro a ser odiado é o homem que me chama de sua mulher.

O que me ajuda a sair desse trilho odioso é saber que todo o mal que ele faz, o faz sem saber, e que ele também é uma grande vítima de uma maneira de viver que diminui o ser humano e poda suas maiores qualidades. Ele é vítima e instrumento dessa energia que desvia o caminho humano. E da mesma maneira que eu me reconheço como vítima, eu posso ser instrumento sem estar percebendo. Posso estar ferindo-o, ou a outras pessoas, sem notar.

Não acredito na teoria do “bom selvagem”, acho que em essência não somos bons nem maus, somos neutros. Mas a sociedade, com todas as conquistas e benesses que trouxe, tornou-se um fim em si mesma. Os meios passaram a ser mais importantes que os fins, que teoricamente seria o bem-estar de todos os seres humanos.

A civilização passou a ser mais importante que o homem... e à medida que o tempo passa, esse desvio de finalidade torna-se cada vez maior. Daí cada um individualmente acaba utilizando suas energias particulares para sustentar pilares de algo que deveria ser apenas um acessório secundário na aventura humana. É como se uma família decidisse dormir sobre o telhado da casa com medo de que a chuva molhasse as telhas. Elas estão lá para isso mesmo! O importante é que nós não nos molhemos.

Com uma educação real e com uma maneira mais profunda de pensar, em algumas gerações essas prioridades se inverterão, e ninguém mais servirá àquilo que foi feito para nos servir. Nos dias de chuva estaremos secos e aquecidos dentro de casa, com tempo e vontade para usufruir de todos os tipos de prazeres.

Tudo que hoje funciona em massa, como comunicação, comércio, governos, aglomerações urbanas... tudo tenderá a desinchar, a ficar do tamanho que não atrapalhe o homem. A ser o que ele é. Mesmo nos avanços da tecnologia, haverá um momento, em que dela só sobrar o que não atrapalhe o homem, todas as gorduras não essenciais sumirão.

Qual é o sentido de uma megalópole? Por que as pessoas têm de perder anos de suas vidas em ônibus e metrô superlotados? Por que têm de morar em lugares tão feios poluídos e violentos? Por que têm de passar a vida fazendo serviços repetitivos e sem criatividade por uma recompensa pouco maior que a alimentação? A pergunta talvez não devesse ser por que, e sim em nome de que...

Esse absurdo é tão grande, que talvez seja por aí que a nova educação possa começar a demonstrar os exemplos mais claros de que uma vida muito melhor está ao alcance de nossas mãos, e que somos nós mesmos com nossos pequenos sonhos mentirosos, que sustentamos com todas as nossas forças o que mais nos oprime. É muito fácil criar um vilão qualquer e ficar se fazendo de vítima, é uma maneira de colaborar ainda mais para que as coisas não mudem, porque atrasamos a evolução indicando um falso problema. É claro que existem vilões coletivos, mas esses são só grandes amontoados de peças defeituosas, devemos corrigir as peças,

daí os vilões desaparecerão naturalmente.

Fins e meios... não é só a civilização que inverteu as prioridades... em quase todo o resto, também valorizamos mais os meios do que os fins. O que são os casamentos? Os meios pelas quais as uniões são feitas, tornam-se mais importante do que as uniões em si. Basta fazer o teste e ver por quantas pessoas cada indivíduo não poderia substituir seu cônjuge. Somos impelidos a casar ou nos unir com outra pessoa, com quem, é uma coisa secundária. Então inventamos uma saída infantil para justificar essa escolha, e fingimos para nós mesmos que foi a única possível, pois o amor romântico... mentira... foi o acaso.

Trabalhamos tantas horas e perdemos tantas outras em deslocamentos para os locais de trabalho... para conseguirmos o dinheiro para sobreviver... com grande parte do nosso esforço ajudamos a sustentar o que nos faz continuar rodando a roda... invertendo prioridades... perdendo vida... uma horta... uns ovos... nossas vidas não seriam piores do que as dos habitantes das megalópoles, e além disso teríamos a mente e os olhos mais abertos para a vida. Não é a volta à tribo, é um desapego do inútil. Aceitamos a natureza, só que agora com o conhecimento e a experiência extraídos das aglomerações.

O inverno civilizatório esparrama seus gelos por tudo, e a estrutura repete-se em todos os níveis, sempre tendo mais importância o que na verdade tem menos, mas que serve como elo de união entre os indivíduos que perdem suas identidades para que o coletivo sustente-se.

Mas será que tudo não funciona dessa maneira? No mínimo de qualquer coisa, está contida a essência de todo o

resto? Uma molécula de água é a mesma na forminha de fazer gelo da minha casa do que no fundo do oceano Índico? Acho que sim... as essências são as mesmas, as receitas de bolo podem mudar mas no fundo nós estaremos comendo as mesmas coisas.

Se isso realmente fosse verdade, deveria ser criada uma nova ciência que se ocupasse somente disso, deveria ser uma ciência completamente independente da atual, que poderia atuar em qualquer área, e, a partir da definição da essência de cada objeto, a nova ciência poderia fazer previsões científicas de acontecimentos, evitando qualquer tipo de desastre natural, poderia fazer chover onde a seca destrói plantações, poderia curar todas as doenças que existem, aumentar a capacidade do cérebro humano, acabar com as desigualdades sociais, com a miséria, a guerra e a poluição do planeta.

E até poderia ir mais longe... essa nova ciência poderia resolver... não sei se é o caso... mas poderia, se fosse necessário, resolver a questão existencial do homem. Conseguiria responder a todas as dúvidas... a morte não seria mais temida... a plenitude, sem esperanças nem decepções. Tudo através de um desenvolvimento científico, que progrediria até o todo, a partir de uma amostra do que estivesse em questão. As mesmas velhas moléculas de medo seriam dissecadas.

A primeira grande ilusão é também o primeiro grande mistério, enxergamos o mundo a partir de um ponto de vista. Isso de cara já nos separa de toda a realidade, isolando-nos em uma ilha, que durante toda nossa vida tentamos preservá-la a qualquer custo. Com essa ciência do futuro,

poderíamos fazer o que quiséssemos com as ilhas que somos, aumentá-las, diminuí-las ou até extingui-las. Com a personalidade individual dissolvendo-se no mar.

Mas aí acabamos voltando para a nova educação, com um instrumento tão poderoso como a nova ciência, não podemos correr o risco de que esses poderes caiam em mãos erradas... na verdade quando atingirmos esse novo nível científico, simplesmente não poderão existir mãos erradas. A educação terá de vir antes, criando a ética necessária para que a nova ciência sirva apenas como mais um instrumento para a evolução humana.

Essa nova educação trabalharia para que os fins fossem sempre mais importantes do que os meios, e para uma auto-descoberta humana e universal. Além de transmitir uma noção profunda de que tudo depende, e é ao mesmo tempo causa e consequência, de todo o resto.

Sinto-me uma fruta madura apodrecendo na fruteira, os anos passando e essas idéias sendo encobertas pelo entulho da rotina, primeiro empoeiradas, depois enterradas de vez... nesse dia de hoje cavo com minhas mãos, retirando o que posso do que foi se acumulando sobre minhas idéias. Mas amanhã de manhã quando eu estiver preparando o café... os entulhos vão voltar a cair sobre elas. Só que a preparação do café de amanhã será diferente, eu terei a alma ardida por causa das escavações de hoje... mãos esfoladas... e para a ferida não fechar, eu teria de, todo o dia, esfregá-la no muro chapiscado lá de casa.

Mas apenas isso não adianta... a coisa é progressiva, e a alma ardida só está desse jeito porque quer criar. E chega um momento em que a teoria não vai ser suficiente, e se eu

não tomar nenhuma atitude prática, as idéias apodrecem de vez. E o que era algo bom transforma-se em alguma coisa que só servirá para me atrapalhar a vida.

Não tem jeito, queira ou não a partir de hoje minha vida já está mudada, cabe somente a mim escolher a direção que quero dar para essa mudança. Acho que a única pergunta importante que tenho a me fazer é: o que eu tenho a perder? Essa é difícil de responder, mas depois tem uma outra que é ainda mais: que caminho tomar? Sem ter uma idéia de como responder a segunda, não adianta nada responder a primeira. Daí continuo na minha condição de fruta que está apodrecendo. E é horrível ser uma fruta com consciência de seu apodrecimento.

Objeto mais sofredor não consigo imaginar, a auto-destruição gotejando dia a dia sobre a cabeça, atravessando os sonhos, o pensamento e cada ato cotidiano. A boca aberta da mãe da minha amiga durante a juventude... talvez aquela senhora tivesse sentido isso e... mas não deve ser a única razão para se fazer uma coisa daquelas. Eu estarei caminhando num beiral com as costas rentes à parede, estarei sem proteção nenhuma no vigésimo andar... bifurcação, hoje é o exato local... amanhã serei perigosa para mim mesma... terei de ter muito cuidado comigo, não posso me dar ao luxo de ter desequilíbrios emocionais, eles são caminhões de entulho que eu estaria jogando sobre mim mesma. Vou ter de me vigiar nesse sentido, mas também não esquecer das sutilezas... a força não está na força e sim no jeito.

São tantas coisas e tudo é tão imensamente complicado... se pudesse apenas desistir de tudo. Não existe desistir, isso é também uma escolha que me levará para algum lugar, onde

ou a agonia ou o apodrecimento consciente continuarão. Uma coisa de cada vez... o cérebro precisa descansar... eu vou fazer um passeio de pedalinho pelo lago do Passeio... sozinha, nunca vi ninguém sozinha fazer o passeio. Imagino se alguém me viu com o cata-vento na mão, agora me vê pedalando no lago... acho que engoliria a seco, de pena.

Não quero saber dos outros, quero saber de mim... sem fila... um pedalinho branco... três reais meia hora... o olhar do homem quando dei as três moedas... eu de novo insegura como sempre fui... sem conseguir me libertar dos círculos que me prendem... pedalando e atravessando as águas verdes cheias de carpas vermelhas, que põe as bocas para fora d'água para comer as pipocas que as crianças jogam.

O esforço físico acalma... os pensamentos diminuem de velocidade... vou dar uma volta completa no lago, vou devagarzinho aproveitando o instante e sentindo o ritmo da natureza, mesmo que isso aqui não seja natureza verdadeira... mas sobra o suficiente para que eu ainda perceba o ritmo, a brisa sobre as folhas, sobre a água, algum pássaro que canta... da próxima vez vou procurar natureza mesmo, o ar da mata... até que as pessoas estão me olhando bem menos do que eu imaginava... é uma mania minha sofrer por antecipação, antes do problema acontecer normalmente eu já gastei bastante energia me preocupando com ele, e na maioria das vezes ele acaba nem acontecendo... aí também tenho de melhorar... carpas, carpas... como é a vida de vocês?

Deve ser tranqüila... sem medo, sem frio, sem ansiedade, sem se sentir um sucesso nem um fracasso... ah, carpas... não digo que gostaria de ser como vocês, mas também não digo o contrário. Vocês me deixaram em dúvida.

Vou até encostar o pedalinho na borda para olhar as carpas melhor... que engraçado, o mundo dos peixes é embaixo d'água, mas eles sabem que existe um outro mundo fora dela e até podem sair por alguns instantes.

Eu vivo fora d'água, e hoje é o dia que tirei para mergulhar nas minhas águas verdes onde não se enxerga o fundo. Carpas não estão sujeitas a bifurcações, por isso elas são tão seguras de apenas continuar sendo carpas. É a responsabilidade... será que vale a pena tê-la? Carpas não carregam pesos sociais, só biológicos... os pesos biológicos no homem e na mulher foram encampados pela sociedade.

Com toda a sinceridade, e nenhuma inveja, quanto mais bonita é a moça que vejo na rua, mais pena sinto dela. Maior será o peso que ela terá de carregar, maiores serão as mentiras nas quais ela será envolvida. As mulheres bonitas parecem gado sendo leiloado, e a grande maioria se comporta como se fosse mesmo, elas têm de atingir o maior valor possível na negociação. Inconscientemente elas tentam se mostrar boas reprodutoras... e a negociação tem de ser feita logo, pois o que elas têm para oferecer é um material altamente precíval.

Além de se vestirem igual, elas se comportam da mesma forma, falam do mesmo jeito, têm os mesmos sonhos, acreditam nas mesmas coisas... mas se existe esse mercado leiloeiro de potencial reprodutivo é porque existem compradores. E os homens, apesar de terem um pouco menos de peso social sobre os ombros, também são fabricados iguais... são a mesma massa sem espírito que é mais social do que humana.

Envelhecer tem um lado bom, eu me livro do peso de ser bela e reprodutiva, passo a ser uma tiazona que não será

mais incomodada por essas razões. Meu sexo é como as roupas de quem morreu... o que fazer com elas? Um incômodo pequeno que não é difícil de resolver desviando essa energia para outro lugar.

As revistas femininas vivem fazendo reportagens sobre sexo na velhice... é mais uma maneira de evitar que quem tem mais tempo possa usar esse tempo para pensar... mergulhe no seu egoismozinho idoso e esqueça-se de todo o resto. Eu deveria escrever uma carta para uma dessas revistas: "Se quiserem fazer vocês são livres. Pessoalmente acho que o sexo entre idosos é anti-natural e é mais uma forçação de barra para distrair quem ainda teria tempo para pensar em coisas úteis. Além do que, sem querer ser preconceituosa, consigo imaginar poucas coisas que sejam mais repugnantes do que isso. Atenciosamente, S."

Renego o passado e amaldiçôo o futuro, estou dizendo que só eu importo e que estou no meu momento máximo, o auge da maturidade, a maçã antes de começar a apodrecer. Tenho braços e pernas fortes, um cérebro que funciona bem, estou livre do peso de ser uma fêmea reprodutiva... então... lendo esse instante... a vida está me dizendo que é a minha hora... o meu momento de fazer, que se não for agora não será nunca mais... a maçã começará a apodrecer e será jogada fora.

O peso enorme então começa a me pesar... faça alguma coisa sua inútil... nem que seja... que horrível não saber nem ao menos o que devo fazer. Mas sei que vou começar a sentir mais peso... eu queria ser uma carpa. Chega de pedalinho... vou voltar... já deve passar das quatro da tarde... acho que é melhor eu ir embora. Vou dar mais uma volta no parque...

uma olhada nas pessoas... uma última sentada no banco para ver o movimento passar.

“A moça me desculpe, mas você tá aqui no Passeio desde manhã cedo, né?”

“É, cheguei cedo... obrigada por me chamar de moça.”

“É que eu tenho uma filha mais ou menos da tua idade, você deve ter uns trinta e cinco anos...”

“Não. Tenho quarenta e nove, o senhor é que é gentil.”

“A moça não aparenta mesmo, eu tenho cinqüenta e nove, vinte e três só de pipoqueiro aqui no Passeio. Mas não se preocupe não, você vai resolvê teus problema, eles sempre se resolve de um jeito ou de otro... não vale a pena esquentá a cabeça.”

“Quem disse pro senhor que eu estou com problemas?”

“Minha filha eu te disse, em vinte e três anos a gente aprende alguma coisa... nos domingo é que vem mais gente que chega cedo e fica o dia inteiro.”

“É verdade... eu estou passando por uma fase meio difícil... mas sei que todo mundo passa por isso... amanhã vou estar melhor...”

“Acho que não... não sou divinhador, nem espríta... mas as vez sinto uns pressentimento... as vez olho os grãozinho de pipoca que não estorô na panela e posso dizê alguma coisa da vida de quarqué um... num é sempre... é uma onda de sei lá o que que me assopra nos ouvido... quando vi você de manhã essa onda passô por mim... não sei qual que é teu problema... ele vai passá... pode levá um tempo.”

“Mas, me diga, o que o senhor viu ?”

“Num vi nada... é uma sensação de está preso nalgum lugar sem podê saí. Mas também num pricisa se assustá...”

as vez essa coisa num dá certo... acho que é minha própria idéia que acaba inventando essas coisa.”

“O senhor está certo, é isso o que estou sentindo, parece que o lugar onde estou vai ficando cada vez menor e o meu ar vai diminuindo.”

“Isso aí dum jeito o do outro todo mundo sente na vida, é coisa certa que nem a morte. Tá saindo uma pipoquinha doce quentinha por conta da casa. Vai querê?”

“Não obrigada... quer dizer... só um pouquinho... um terço do pacote. E o senhor consegue faturar bem aqui?”

“Dá pra vivê... domingo dia de sol vendo cinqüenta pacote, até setenta, se chove não vendo nada... os filho tão tudo criado, só pra mim e pra minha véinha tá bom.”

“Que delícia...mas o senhor fica até que horas aqui?”

“Até quando tem criente, essa hora os pais começa a levá a criançada embora e eu não vendo mais nada. Daqui a poco eu vô embora... primero faço a festa dos pombo... qué vê...”

“Eles comem tudo mesmo... não deixam nenhuma pipoca no chão.”

“São os mesmo pombo que vem todo dia, já são meus conhecido... fazê isso é como se fosse parte do pagamento de pipoquero... agora posso i embora.”

“Eu também vou, foi um prazer conhecer o senhor.”

“Se ocê quisé posso te mostrá um lugar que tem aqui no Passeio que ninguém conhece.”

“Não, obrigada eu tenho de ir.”

“Venha não precisa ter medo... acha que eu tenho cara de bandido?”

“Não, não, de jeito nenhum... é que eu não posso...”

“É só me segui... ocê vai gostá e é aqui mesmo dentro do

Passeio... é um lugar que ninguém conhece.”

“Tá bom... se for rapidinho.”

“É logo ali... é meu caminho pra casa, a gente passa pela casa das cobra e vira as direita... eu nunca mostro esse lugar pra ninguém... acho que é a onda que vem de vez em quando, que eu te falei, acho que é ela que tá me pedindo pra eu te mostrá.”

“Mas eu já conheço o Passeio todinho, venho aqui desde criança.”

“Esse lugá tenho certeza que ocê num conhece, tá vendo é aqui mesmo, nós tem de entrá por aquela portinha.”

“Mas isso aqui é uma fonte, aquela portinha deve ser o lugar para ligar e desligar a água, não vou entrar lá. Me lembro que aqui era a jaula dos ursos, quando o Passeio ainda tinha animais grandes.”

“Isso mesmo... eu também só descobri esse lugá faz uns par de ano... venha ocê num vai se arrepêndê...”

“Mas não tem nada lá, deve ser só um buraco com umas torneiras.”

“Não, nada disso, vem comigo, o que ocê tem pra perdê?”

“É... bom... vou até a entrada para dar uma olhada.”

“Desça, eu te ajudo... não tá vendo as luz lá no fundo?”

“Puxa vida é maior do que eu pensava, mas o que exatamente é esse buraco? As luzes parece que vão dar em um túnel.”

“Olha já tô aqui embaxo... num tenha medo moça, num vô te fazê nada. Pode descê devagarinho pelos degrau de ferro, cuidado pra não escorregá.”

“Tá bom, vou descendo... mas não sei se consigo de salto... deixa ver, devagarzinho...”

“Isso, cuidado pra num dexá o pé escorregá... devagarinho... só farta um poquinho... pronto, chegô.”

“Esses degraus estavam enferrujados eu arranhei minha mão...”

“Num foi nada... o que ocê vai vê vai te fazê esquecer de quarqué machucadura.”

“Mas onde estamos... e esse corredor comprido e iluminado... onde é que vai dar isso ?”

“Olhe no meu olho... confie em mim... ocê tá tendo sorte... quase ninguém vem aqui... vamo andando...”

“Ninguém imaginaria que debaixo do Passeio Público existe um corredor tão comprido que nem se enxerga o fim... todo iluminado e até acarpetado... deve ser um segredo da administração...”

“Não, eles nem sabe que isso aqui existe... isso aqui é outra história.”

“Como assim outra história? Mas onde é que vai dar esse corredor?”

“Eu num sei... ele segue longe, depois tem otros que corta... nunca fui até o fim... mas o que quero te mostra tá aqui pertinho...”

“Eu não consigo enxergar o fim do corredor... e esse carpete todo desenhado... não tem sentido um luxo desses em um subterrâneo de uma fonte do Passeio Público...”

“Venha moça me acompanhe... só um poquinho... a caminhada aqui é tranqüila... pode vir sem medo... olha ali na frente... tá vendo o bichinho ali?”

“Mas o que é aquilo... um cachorro peludo... ele morde?”

“Não é cachorro não... é um fiótinho de urso... num tenha medo... me dê tua mão... ele é mansinho, só gosta de brincá.”

“Mas como, por que um filhote de urso aqui nesse lugar... quem é que trata dele?”

“Quem trata num sei, mas ele tá sempre por aí, e tem mais um clarinho que aparece as vez, a moça mesmo num já disse que no lugar da fonte antes tinha um cercadinho de urso?”

“Tinha, mas o que isso tem a ver com esses filhotes sozinhos nesse corredor? Os ursos foram tirados daqui há uns vinte anos...”

“Isso eu já num sei...”

“Então o que é isso, como o senhor me explica os ursinhos?”

“Num sei, mas num é eles que eu vim mostrá, vamo andando mais um poquinho que tá logo ali na frente.”

“Não é outro animal, né?”

“A moça num se priocupe, num é animar nenhum... tá vendo que o teto vai ficando mais alto e a luz mais forte... tamo chegando.”

“Meu Deus o que é isso? Um bosque subterrâneo enorme.”

“É uma prantação de maciera, descobri ela faiz poco tempo. Um dia que caiu o maió toró eu vim me escondê aqui, daí fui entrando... achei o ursinho e segui ele inté aqui. Agora eu sempre venho apanhá maçã e quando chove venho esperá a chuva passá... dá uma mordida elas são uma dilíça.”

“Mas como, o senhor nunca quis saber por que, como é que elas sobrevivem, quem vem tratar delas?”

“Nunca pensei nessas coisa não, eu venho aqui é mais pelas maçã e pelo silêncio... e de vez em quando eu brinco com os ursinho.”

“Mas é incrível, as árvores estão carregadas e as maçãs

são tão vermelhas...”

“Vô confessá uma coisa pra moça... num sei se é certo ou não, otro dia até sonhei que tava fazendo coisa errada... tem um cara aqui no Passeio que vende aquelas Maçã-do amor, e sô eu que arrumo as maçã pra ele... tiro tudo daqui. Nunca contei isso pra ninguém, nem minha véia sabe. Isso tá me tirando o sono, num sei se devia tá fazendo essas coisa.”

“Mas o senhor não colhe todas as maçãs, veja quantas árvores, deve haver alguém que as colhe.”

“Num dia que tava devarde eu contei, são cento e doze árvore... eu vendo uma dúzia, duas dúzia de maçã por semana... quem colhe eu num sei, nunca vi ninguém nem escutei barúio. Vamo fica quieto um minutinho pra escuitá.”

“Silêncio absoluto... mas deve haver um sistema qualquer de irrigação, como é que essas árvores sobrevivem? Eu nunca ouvi um silêncio tão profundo. A terra parece úmida, mas de onde vem essa água?”

“Deve de sê água da terra mesmo.”

“Nossa, acho que é a melhor maçã que eu já provei...”

“Num te disse... mas a moça vai me desculpá que tá chegando a hora de pegá o meu caminho... dá uma meia hora a pé inté onde dexo o carrinho, e depois mais uns quarenta minuto inté em casa. Se quisé ficá aqui mais um poco fique à vontade, se quisé maçã pode se servi. Fico meio na dúvida se é certo vendê as maçã que pego aqui, mais pra comê acho que a gente pode pegá à vontade. Pra saí, é só pegá pras esquerda e subi a escadinha.”

“Acho que vou ficar mais um pouco. Muito obrigada por me mostrar esse lugar... amanhã vou tentar descobrir exatamente o que é esse lugar e como funciona, depois eu

conto pro senhor.”

“Daqui eu nunca passei... mas se a moça quisé continuá, os corredor vão longe...”

“Até logo e obrigada.”

Que domingo! Revelações. Descobertas. Começo cavando dentro de mim e umas horas depois estou sozinha num bosque de macieiras subterrâneo, tendo atravessado um túnel acarpetado e acariciado um filhote de urso. A primeira idéia que vem à mente é que essa manhã quando estava chegando no Passeio fui atropelada por um ônibus e passei o dia inteiro em um limbo, confusa, sem saber onde estava, misturando recordações com desejos.

Mas não é isso... o beliscão deixa meu braço roxo. Isso aqui deve ser alguma coisa de pesquisa botânica... só não entendo o porquê daquele ursinho, nem por que acarpetar o corredor de maneira tão luxuosa... dinheiro público... mas aquele homem disse que não tem nada a ver com a administração do parque... ele também não deve entender muito.

E disse que o corredor continua bastante... vou seguir mais um pouco pra ver... e esse silêncio... essas maçãs de tão vermelhas parecem aquelas dos contos de fadas, a que a bruxa dá para a Branca de Neve. Acho que não tem como eu me perder, é só seguir o corredor, à esquerda é a saída, pego a direita... o corredor começa a fazer umas curvas... e esse carpete com esses desenhos que vão se modificando, cenas históricas de batalhas, imagens de animais, imagens de frutas... e agora a mistura, tigres com cabeça de banana, melancias abertas cujas sementes são minúsculas focas...

Os motivos nunca se repetem e vão sempre mudando de tema, agora são flores de todos os tipos. Nunca vi nada com

cores tão vivas, se não passo a mão diria que estou pisando num verdadeiro tapete de flores. Que tipo de organização se daria ao trabalho de criar um carpete desses para colocar num lugar como esse? Rostos e multidões agora estão desenhados, e cada pessoa tem uma expressão diferente... e agora acabou... o carpete ficou vermelho sem desenhos, uma longa reta que não consigo enxergar o fim... isso é inacreditável.

Tenho de descobrir onde isso termina... “Alguém por perto?”, que eco... minha curiosidade é maior que o medo. Opa, tem um homem sentado numa escrivaninha no meio do corredor, deve ser da administração...

“Boa tarde, moço, desculpe incomodá-lo, talvez eu não devesse ter entrado aqui sem autorização... mas será que você poderia me informar o que é exatamente esse lugar, esses túneis todos, o pomar, isso aqui pertence à prefeitura ou a alguma empresa privada?”

“Eu não sei não... mas por que é que a senhora precisa saber disso?”

“Eu não deveria saber... então é alguma coisa secreta?”

“Secreta, por que deveria ser?”

“Você não acha meio estranho, tudo isso plantado no subterrâneo do centro da cidade sem que ninguém saiba?”

“A senhora quer que todos saibam?”

“Então tem medo disso... qual é a verdadeira função dos túneis?”

“Por que eu deveria ter medo?”

“E esses temas estampados no carpete, qual o significado dos desenhos?”

“São bonitos, não são? Pena que esse trecho não tem desenhos.”

“E você, o que faz aqui?”

“Eu venho aqui todos os dias, essa é minha mesa e essa é minha cadeira.”

“Mas você fica olhando para a parede branca o dia inteiro?”

“O dia inteiro não, mas olho bastante para ela sim.”

“E o resto do tempo?”

“O tempo passa depressa e quando vejo já está na hora de ir embora.”

“E você vai para onde?”

“As vezes para casa, mas na maioria das vezes durmo por aqui mesmo... veja, aqui na minha escrivaninha guardo um colchonete, travesseiro e cobertor...”

“Chega! Você se acha espertinho... acha que consegue me enrolar com essa conversinha fiada, né? Agora tenho certeza que isso aqui deve acobertar alguma coisa grande, não vou sossegar enquanto não descobrir.”

“Desculpe senhora, mas o que significa acobertar?”

“Tchau, não vou perder meu tempo com você”.

O estranho é que esse rapaz diz coisas que parecem ditas por alguém que está querendo acobertar alguma coisa, mas seus olhos são puros como os de uma criança... no fundo acho que ele não estava querendo encobrir nada... ele não sabia de nada.

Os desenhos no carpete voltaram... um ovo , um pintinho saindo de dentro dele, um casebre de madeira com um homem na porta que... é o rapaz com quem acabei de conversar... mais um beliscão e a pele continua ficando roxa, estou bem consciente.

Agora começa o zigue-zague, o túnel vira para a direita e depois tudo para a esquerda... no carpete a primeira frase

escrita “O país que não fica em parte alguma é a verdadeira pátria”, depois vários círculos brancos enchendo um fundo negro, e em seguida círculos negros enchendo um fundo branco, e agora chego em um lugar que temia: uma bifurcação. O túnel se divide em três caminhos, será a hora de voltar? Será que eu já não tive bastante por hoje? E se eu me perder?

Acho tudo isso aqui uma coisa muito estranha, mas deve haver uma explicação racional. Vou continuar... acho que no fundo tenho receio de voltar amanhã na entrada do túnel e só encontrar um buraco de um metro com registros de água.

Vou continuar... pelo corredor do meio, de qualquer maneira parece uma continuação natural desse... no carpete conchas do mar, peixes, paisagens noturnas de um oceano com a lua cheia o iluminando... agora desaparecem as paisagens, são uns riscos fragmentados que atravessam o carpete... é a representação da chuva, embaixo vejo os desenhos das poças d'água que se acumulam.

Lá na frente tem alguma coisa... é uma fonte... toda cheia de pequenas esculturas, sereias, navios no mar, e no centro um anjinho que cospe água... e a água assim como a maçã é a melhor que já bebi na vida... parece um antídoto contra toda a acidez do meu corpo. Nunca senti um alívio tão grande no estômago, não tenho problemas estomacais, mas talvez eu tenha durante toda a vida sentido um leve desconforto que eu achava que fosse normal, agora que não o sinto mais, a sensação é de que aquilo era um pesinho inútil que carreguei durante toda vida e que agora deixei cair no chão.

A fonte é toda em mármore branco com alguns detalhes em rosa... na água que se acumula numa representação de

concha, estão algumas moedas... são estranhas, de um lado estão em branco e do outro têm rostos humanos que me olham. São homens, mulheres e crianças, alguns têm os olhos dourados, mas todos eles são representações perfeitas, parecem vida cristalizada em metal. Todos os rostos têm expressões sérias, não indicando tristeza nem raiva mas... não sei como poderia dizer, talvez... dignidade. Será que pego uma delas para mim?

Estou começando a ficar confusa, minha curiosidade está diminuindo e a confusão vai me fazendo desanimar. Acho que foi muita coisa num dia só, mais informações do que eu consigo processar. Não tenho idéia de quanto tempo se passou desde que desci as escadas... talvez seja hora de voltar, mesmo correndo o risco de se eu voltar aqui amanhã e... posso tentar andar mais um pouco para ver se tem uma saída por esse lado.

Mais desenhos no carpete, uma moça que caminha por ele mesmo, mas que engraçado... essa moça que está representada parece-se muito... comigo quando era mais jovem. Ela parece estar contente com os passos que dá... parece estar sabendo que está seguindo um bom caminho... estou ouvindo vozes, devo estar me aproximando da saída.

Tem uma porta no meio do corredor, o barulho parece que vem de lá... está aberta... escadas que descem... não deve ser a saída porque estou descendo mais ainda... três lances de escada, quatro, o barulho aumentando... parece que está acontecendo uma festa subterrânea... seis lances... sete, quanto mais vou ter de descer?

Mais escadas... medo e cansaço já estão bem maiores do que a curiosidade, apesar de ela continuar grande e cre-

scendo. Acabaram as escadas... um corredorzinho leva à porta de onde vem todo o barulho... música, risos, barulho de champanhe estourando... será que entro?

Já que vim até aqui... vou bater primeiro... mas com essa barulheira toda ninguém vai me escutar... é só empurrar a porta... que loucura... uma festa à fantasia com orquestra e tudo, agora eu descubro o que é tudo isso...

“Me desculpe senhora, mas não pode ficar aqui se não estiver fantasiada.”

“É... não eu só queria saber... se posso dar uma olhada... você sabe me dizer de quem é essa festa... o que exatamente é esse lugar?”

“Se a senhora quiser participar da festa e conversar com as pessoas, nós temos um depósito de fantasias e podemos lhe emprestar uma.”

“Fantasia... é... daí eu posso participar da festa... tá bom então eu vou querer.”

“Me acompanhe por favor, é logo aqui ao lado, temos todos os tipos de fantasias, eu sugiro que a senhora escolha uma que combine mais com a sua personalidade... pois é uma festa onde a fantasia não serve apenas para... não sei me expressar bem, sou apenas o porteiro da festa... serve para descoberta ou alguma coisa parecida... veja, a sala inteira está à sua disposição, escolha o que quiser.”

Meu Deus... descoberta... quanta coisa diferente... e o luxo dessas fantasias... os detalhes, o pano, tudo de primeira... as pedras preciosas até parecem de verdade... é tudo tão diferente... fantasia de cachoeira, outra de Davi de Michelângelo... de príncipe Hamlet, todos os tipos de animais... uma seção só de fantasias com temas abstratos,

composições de cores e formas, algumas mais geométricas, outras mais livres, mas tudo com um extremo bom gosto.

Fica difícil escolher... mais ainda se for para achar alguma coisa que combine com a minha personalidade... aliás não sei qual ela é. Que ironia, acabo descobrindo-a, procurando uma fantasia que deva combinar com ela... uma de lanterninha de cinema... outra de místico hindu... já sei, vai ser essa daqui, peça de dominó... não sei se tem a ver com minha personalidade... de uma certa maneira a peça de dominó é a eterna busca de uma combinação.

Números três e quatro estampados na frente e nas costas... é fácil de vestir, ponho por cima da roupa mesmo. Agora vou para a festa... hoje de manhã quando acordei... quando é que eu iria imaginar que... essa é uma das boas coisas da vida.

A festa está bem animada, todo mundo dançando, eu tinha de tentar falar com alguém que estivesse mais parado porque senão não dá para conversar, mas não tem ninguém pelos cantos, todo mundo está pulando e cantando... estou cansada, não vou agüentar ficar aqui por muito tempo. Papas dançam com jacarés, lutadores mascarados dançam com formas abstratas, troncos de árvores dançam com Chapeuzinhos Vermelhos. Tem uma avestruz dançando com um cirurgião.

Como é que alguém decide que sua personalidade é parecida com a de um esquilo ou de uma lebre? A música está alta... é uma mistura de música clássica, jazz e música para meditação tocada de maneira acelerada, e tudo isso é acompanhado por uns barulhos da natureza, rios, chuva, ruídos de animais selvagens, além de barulhos de cigarras e

grilos, tudo misturado e muito alto... a sensação é de... não sei... são os sons mais estranhos que já ouvi na minha vida... nem sei se isso é música... me parece outra coisa... mas faz sucesso, ninguém consegue ficar parado um segundo.

As pessoas bebem muito... vou experimentar... não é bem champanhe é uma bebida diferente... não é ruim, tem um gosto estranho que não se parece com nada que já experimentei, o nariz coça, a língua fica um pouco anestesiada... e o gosto nem se parece com uma combinação de outras bebidas... é uma coisa totalmente diferente... mas não vou exagerar... só um pouquinho pra ver se entro mais no ritmo dos outros.

Gritos, sons e dança, nada da minha brecha para perguntas... o ar parece carregado, a ventilação não é boa, minha fantasia me esquenta e eu estou sentindo um pouco de falta de ar... vou tomar mais uma taça desse líquido parecido com champanhe. Andei tanto hoje, vi tantas coisas diferentes, fui para dentro de mim... úi não estou mais agüentando esse calor...

Estou numa sala, deitada numa cama com minha fantasia de dominó, nas camas ao lado alguém vestido de pato, outro de corcunda de Notre-Dame... é uma espécie de enfermaria da festa... acho que devo ter desmaiado. Dois homens vestidos de pingüins carregam numa maca o Papa, que até há pouco era o dançarino mais animado, ele está com a fantasia toda vomitada.

Apesar de tudo, agora estou me sentindo muito bem, tanto física quanto psicologicamente, sinto uma onda interior de paz... minhas energias estão restauradas. Reparo que os rapazes que trabalham como enfermeiros estão todos

vestidos de pingüins e usam as mesmas máscaras bicudas.

“Eu estou atendendo as pessoas que passaram mal... a senhora desmaiou no salão... está se sentindo melhor?”

“Estou ótima, acho que foi só o cansaço e o calor...”

“Que bom... é melhor tirar a fantasia... acho que foi a senhora que encontrou meu irmão hoje à tarde, é um rapaz que fica no corredor... ele me disse que a senhora estava curiosa e queria encontrar alguém que lhe sanasse as dúvidas. Se eu puder lhe ser útil...”

“Ah... sim as dúvidas... não tem importância não... deixe para mais tarde... estou me sentindo tão bem que isso não importa agora.”

“Como quiser, estou à sua disposição, sou o pingüim número três.”

“Obrigada, pingüim número três.”

Estou com uma preguiça de tirar essa fantasia, engraçado que agora ela não está esquentando como antes. Parece que o Papa está recobrando a consciência...

“O senhor está bem?”

“Sim... isso sempre me acontece, acordo aqui, é só descansar um pouco... mas você eu nunca vi por aqui.”

“É a primeira vez que venho... não sei... o calor e a dança... acabei bebendo um pouco mais e dei vexame...”

“Não é vexame nenhum... isso pode acontecer com qualquer um... mas você gostou da festa?”

“Sim, nunca tinha visto um lugar tão animado.”

“Que bom... agora que já conhece o caminho espero que venha mais vezes...”

“A senhora se sente melhor ?”

“Sim, estou ótima, obrigada pela atenção mas acho

que já vou indo.”

“Fique à vontade... se quiser descansar mais um pouco...”

“É que eu preciso continuar o caminho... até logo pingüins gentis, até logo senhor Papa.”

Realmente me sinto com as energias renovadas, a festa continua com a mesma animação de que quando cheguei... será que dou mais uma dança... não, já vi o que tinha de ver... continuo, agora as escadas são para cima... depois pego o corredor à direita, continuo o caminho que vinha fazendo... aquele senhor vestido de Papa... que homem estranho, era tão estranho que não sei nem dizer porque era.

Sei lá... o jeito de falar, de olhar... parecia que ele estava olhando para alguma coisa atrás de mim, e quando falava... parecia que eu era uma interlocutora da pessoa com quem ele realmente queria falar, e mesmo ele tendo sempre se dirigido diretamente a mim, a sensação que me dava era que ele dizia “diga a ela que...”

Essa noite quando for dormir eu imagino os sonhos que terei... de novo o corredor, acho que agora não é possível, devo estar perto de alguma saída... novamente desenhos no carpete, aquela figura da moça que acho parecida comigo quando era jovem... só que agora ela está sentada sobre uma pedra e chora. Uma criança chorando no fundo do corredor...

“Vem cá com a tia... o que aconteceu com você... como é teu nome?”

“Quelo a mamãe.”

“Onde está tua mamãe , quantos aninhos você tem?”

“Tiês.”

“Pare de chorar menininha linda, que cabelo lindo você tem, amarelinho que nem trigo, a gente vai encontrar tua

mamãe, pare de chorar e me dê tua mão, você não me disse teu nome.”

“A mamãe... que a mamãe...”

“Vamos andando que a gente já encontra ela.”

E agora o que faço com a menina? Dou uma procurada por aqui... no carpete agora... a menininha... é ela igualzinha, até a mesma roupa... ela repara nisso e está se admirando, começou a sorrir... está entretida... vou aproveitar esse momento e ir embora, dou uma corridinha... e pronto, dobro o corredor à direita... só um chorinho distante, mais alguns passos e desaparece.

Portas à direita e à esquerda, portas de todos os tipos, feias e de aço escovado e outras todas entalhadas em madeira envelhecida, cheias de desenhos estranhos que não sei o significado. Outras portas são grandes, chegando ao teto do corredor... e algumas são pequenas não passando de um metro de altura. Acima dessas pequenas portas existem outras ainda menores, que parecem portinhas de casinhas de boneca, pintadinhas de cores infantis e com bonequinhas amarradas nas pequenas fechaduras.

Tem uma porta escura e feia que é feita no formato de um caixão de defuntos. Portas triangulares, redondas, com todos os desenhos possíveis, de todas as cores, mas todas elas tem uma chave colocada na fechadura.

É evidente o que devo fazer... devo escolher uma delas... é por aí que devo continuar meu caminho... mas elas são tantas... meus olhos não conseguem enxergar o fim, vou dar mais uma caminhada para enxergar mais portas... até o carpete agora reproduz apenas imagens de portas. Tem porta de plástico, de isopor, outra feita de copinhos de iogurte e

até uma feita de barro seco.

Tem uma que deve ter uns dez metros de largura e outra com menos de quarenta centímetros, que só dá para passar de lado. Cada uma apresenta um ponto positivo e vários outros negativos... simplesmente não tenho critérios suficientes para fazer uma escolha... vou deixar o acaso escolher por mim... vou girar e girar e girar e para onde meu dedo apontar essa será minha porta... e giro e giro e tonta estou de olhos fechados e lá vou...

Uma portinha mínima, parece mais a de uma casinha de passarinho, toda pintada de grená, com sua fechadurazinha... tenho de ter cuidado para não quebrar a chave. Consegui abrir... e agora? Não consigo ver nada, está tudo escuro... vou enfiar a mão lá dentro... devagarzinho... o buraco parece fundo... mais fundo do que pensei... meu braço inteiro... opa, tem alguma coisa aqui, peguei.

É um ovo de galinha... mas está fazendo um barulho estranho... parece que tem alguma coisa dentro... vou quebrá-lo...é uma chave, deve ser a chave de outra porta. Mas todas as portas que vi já tem a sua na fechadura. Tenho de procurar uma que esteja vazia... essa será a porta que devo abrir.

Vou correr, mexer a cabeça para os dois lados, de cima a baixo, essa porta não vai me escapar, não terá como se esconder de mim, vou encontrá-la e atravessá-la. Até aqui nada... todas com suas chavinhas nas fechaduras esperando para serem abertas.

Quantas mil... isso não acaba nunca... tenho de ir mais rápido senão não encontro a porta que precisa de chave. Mais rápido e girando para não perder nenhuma, olhando para cima e para baixo, porque começaram a aparecer

portinholas no teto e no chão do corredor... só mais um pouco... estou cansada, não agüento mais correr. Um pouco de descanso... toda suada... e agora? Essa chave na mão...

Era só o que me faltava... não acredito... lagartos por todos os lados... estou cercada... de onde será que eles saíram? Não tenho alternativa, vou ter de entrar numa dessas portas que estão com a chave na fechadura. Ou então posso abrir uma das portinholas do chão para que eles não possam me seguir... pelo menos uma parte deles... pronto... porta do chão aberta e uma parte deles bloqueados e me olhando com raiva.

Os outros continuam me ameaçando com suas línguas compridas... posso tentar abrir outra porta no chão e criar para mim uma ilhazinha cercada de lagartos mostradores de línguas... de noite mil olhinhos me olhando... ou posso deixar que o acaso me faça entrar em uma porta qualquer. Talvez seja esse mesmo o jeito, e depois, se as portas são tão diferentes entre si, quem disse que no final elas não vão dar no mesmo lugar?

Tem duas bem na minha frente, uma toda moderna, feita de plástico brilhante, é alaranjada com detalhes verdes e uma fechadura vermelha, a outra é mais tradicional, de madeira sem tratamento, vê-se até os nós originais da árvore... os bichos estão impacientes, avançam cada vez mais violentamente, já senti o frio da pele deles no meu pé, as lingüinhas estão tocando meus calcanhares... escolho a honestidade do nó na madeira...

Entro e escuridão. Fecho a porta rapidamente para que nenhum lagarto me siga... agora escuto o barulho deles batendo suas cabeças contra a porta. Vou tentar me mexer

devagar, não estou enxergando nada... o teto é baixo, pouco maior que minha altura... é de madeira, feito de ripas pregadas, avanço um pouco... um fio pendurado... é um daqueles interruptores de luz antigos.

A luz acesa... pouca coisa para enxergar... uma espécie de túnelzinho cônico todo feito de ripas de madeira brancas, a medida que avanço o cone vai diminuindo de altura... começo a sentir-me claustrofóbica... mas o jeito é avançar... tenho que me curvar para continuar... mas o caminho é longo... não consigo enxergar o final... sempre tive pavor de lugares apertados, medo de ficar entalada, de entrar em pânico e de começar a sentir falta de ar...

Agora só engatinhando, e a luz não chega até aqui... tenho que controlar meus pensamentos... flores, paisagens, momentos simples de felicidade... como é difícil controlar os pensamentos... deixe eu me lembrar da sensação de quando eu tinha sete anos de idade e saía do banho, era um bem-estar físico que se espalhava por todo o corpo, era corpo e alma sendo um e sendo feliz...

Outra sensação de quando eu tinha uns oito anos, minha mãe comprou para mim um jogo chamado "O Pequeno Químico", e voltamos de ônibus para casa, no caminho ela foi me explicando o que era química e o que eu poderia fazer com aquele joguinho. Suas explicações, misturadas com as fotos coloridas da caixa e com minha imensa curiosidade, até hoje são uma das mais maravilhosas recordações que já tive.

Vou tentando manter isso na mente enquanto... agora só passa praticamente meu corpo, tenho de rastejar... o ar está diminuindo... controle mental, de novo um bosque lindo de tulipas vermelhas, a luz da manhã atravessando as águas

de um riacho... tenho que usar os músculos das costas para conseguir me mexer uns centímetros, as ripas já estão soltando farpas na minha pele, mas o que me preocupa mesmo é o ar... uma maravilhosa noite enluarada e estrelada, a branca lua se esparrama por todas as porções de água que consegue encontrar a beleza está em todos os lugares...

Meus quadris já estão no limite, mais um centímetro de diminuição da passagem e eles vão me entalar, não vou poder ir nem para frente e nem para trás... não posso me desesperar... não vou me desesperar... calma, calma... mentalizo uma vela acesa, uma cor bonita, qualquer coisa que possa evitar que o desespero me vença... verde mar, azul-celeste... vou tentar liberar meu braço para ver se esse caminho tem passagem ou acaba num cone fechado.

Devagarinho... estou conseguindo... e tem um buraco sim... acho que me apertando bastante consigo passar. O ar está acabando, mas estou sentindo que vem ar novo do buraco... vou ter de atravessar... não consigo mais pensar em coisas boas... vou ter de encarar esse momento... concentro-me nos movimentos que tenho de fazer para não ficar presa aqui... devagar... não consigo evitar... meu cérebro me traz caixões de defunto... meu esqueleto branco nesse túnel. Meu cérebro vai até a porta de entrada e a abre para que os lagartos entrem e comecem a me morder.

Um movimento mais brusco e não saio mais daqui, vou ter de usar os músculos das costas e sem levantar muito a cabeça, tentar encolher os braços e principalmente os quadris, lentamente... centímetro por centímetro... estou avançando, está dando certo... já respiro um pouco de ar renovado que vem do outro lado do buraco.

Essa parte final é bem difícil, qualquer movimento e o meu nariz se esfola nas farpas das ripas...mas com os quadris estou conseguindo deslizar... meu cabelo vai ficando preso sob meu corpo, vou perdendo fios... o buraco está só a alguns centímetros, já respiro bem... escuto um barulho abafado que vem do outro lado.

Estou atravessando... metade da cabeça para fora... o nariz já tem todo o ar que precisa... mas os olhos continuam na escuridão... a cabeça inteira atravessou, estou de costas e não há nada que sustente a minha cabeça do outro lado... uma queda me espera... mas e daí?

Conseguo livrar uma mão e encontro uma borda que serve de apoio para puxar... meu corpo consegue atravessar... não tenho onde me segurar... estou do outro lado... não tenho onde me segurar... e caio... queda já esperada... que já dura alguns segundos... aqui não há luz, mas há som, uma espécie de música tranqüila, um som que parece vir de alguma harpa... mas é algo diferente de tudo que já ouvi.

As músicas por melhores ou piores que sejam, sempre nos dão a impressão que vem de fora da gente... esse som tenho a certeza de que é produzido fora, mas também sei que vem de dentro de mim. E eu continuo caindo... o vento soprando no meu rosto e eu alternando: as vezes de ponta cabeça, as vezes de pé, outras deitada... esperando que a qualquer momento a queda acabe.

Enquanto isso vou me entretendo com essa, digamos assim, música, é algo interessante, porque além de parecer que é alguma coisa que vem de dentro da minha cabeça, esses “sons estranhos” me trazem sensações estranhas. É como se o meu cérebro funcionasse de outra maneira, passam

a ser as sensações que assumem o comando de minha consciência, e não mais o raciocínio. E essas sensações são as que vivo nesse instante, que é o vento contra meu corpo e o estar caindo no vazio. Mas sobretudo as recordações de tudo o que vivi até hoje, não propriamente de fatos específicos, mas uma grande mistura de tudo... uma grande refeição com todos os gostos e aromas possíveis... sons que concentram tudo... acabo mesmo me esquecendo que caio sem parar, os sinos tocam e meu transe interior acontece:

Não sei onde... não sei onde... não sei onde... as sementes ardidinhas da melancia... o gelado que faz o dente doer... que dia nublado e como ele me deixa triste e como ele faz meu estômago embrulhado... os dias diminuindo para a festa do meu aniversário, a folhinha sendo arrancada 17, 18, 19... vontade de arrancar duas folhas juntas... pesadelos com provas escolares e com mortos... vida e morte... sim e não e eu no meio... acordar e fingir que não sei que eu não preciso necessariamente ser eu.

Continuar meu caminho pelo corrimão para cegos. Esqueço-me que minha cegueira só existe porque estou com os olhos fechados... verdes e sabores... um gato dormindo de barriga para cima... as pulgas que retiro dele... o trânsito me oprime... não precisaria existir... tristeza que começa com os carros e vai aumentando e adquirindo todos os espinhos que me rasgam... aí eu digo flores, tulipas vermelhas, margaridas amarelas, flores verdes que não conheço o nome...

Amor estranho que sinto nas horas mais loucas... cachoeiras de sentimento que desabam sobre mim... tem um cego que toca sanfona no centro... uma caixinha de sapatos para as moedas... escrevo num papel "eu amo o

senhor”, quando vou jogar na caixa bem em frente dele... um mundo de amor me atravessa e deságua em choro.

Minhas carteiras escolares foram o refúgio do tédio... relógio e tempo que não passa... maio e os primeiros pinhões... uma cerimônia de casamento... não entendi nada, uma confusão... mortos, quantos foram? Telefones que anunciam as perdas... sonhos de viagens, sonhos de realizações... decepções, lágrimas, lágrimas secas... sono que vem, dia seguinte, esperança e decepções renovadas... sentir-se jovem... só depois que a juventude acaba.

Conversar com as amigas no telefone... cada vez menos... instantes sem nome, momentos que emendam os fatos da vida: difíceis de perceber... de alguns me lembro... atenção fora da correria, e a mente independente percebe... passarinho que pousa no carro estacionado... bocejo do cobrador de ônibus... saco plástico que o vento leva... beijo na carta antes de mandá-la... desenhos nos cadernos de infância... poesias nos de adolescência... o mistério homem... o mistério filhos... o mistério mulher... e o maior de todos, o mistério eu.

Eu que me desvendo e me confundo, me defino e depois descubro: não é verdade... construo e demulo e continuo... lamentando e esperando... destruindo com dores o que foi construído com esperanças... apegando-me ao que foi criado para a destruição... fábrica de lágrimas, soluços e suspiros... indústria de olhos que brilham de dia, e que de noite descansam para no dia seguinte estarem prontos para brilharem e chorarem.

Solidão e medo... vida interior que ameniza estar-se só... medos disfarçados de todas as maneiras... temer que o passado tenha sido melhor... que o futuro nada traga... que o presente não passe de uma espera... que as pessoas sumam... que não

surjam outras... que ninguém goste da gente... milhões de rostos apavorantes nos fazendo não agirmos.

Um maravilhoso café da manhã em um hotel e a idéia “eu deveria me alimentar assim todos os dias... o dia começa melhor tendo provado tantos sabores... e de estômago cheio...” Melhores gostos que já senti... uma porção de queijo à milanesa no bar do parque Barigüi... a felicidade de um beijo... as esperas, quanto esperei... quanto pior o que esperava mais durava a espera... as rápidas coisas boas... o mistério imenso dos pacotinhos de figurinhas...

Ah, a infância, ah, a velhice, ah, eu no meio... eu e meu amor que sempre escolhe ocasiões erradas para aparecer... eu e meus animais de estimação... a areia que entrava na barraca durante os acampamentos na praia... a comida cozida no fogareiro... o lençol gelado nas noites de inverno... o barulho do último ônibus me dizendo que é meia-noite... a caixa de correio que esconde as cartas...

O ovo e todas suas formas... o ovo e o medo de que eu comesse um pintinho... a galinha ou o ovo? Os domingos, chatos dias universais... aqueles chuvosos... os ensolarados, quando sentia que estava perdendo tempo... a melancólica fronteira de domingo para segunda... o não saber porque... o não ver sentido... não entender para que tanto esforço... o achar inútil, vazio... o sentir-se assim... a indiferença... parcial, depois total... as recordações que costuram instantes... as lembranças que não param de se construir e se destruir, uma tomando o espaço da outra... deixando cada vez menos espaços para as expectativas.

A palavra amanhã: a impressão dela na infância... depois na juventude... adulto... velho... são outras palavras que se

disfarçam na mesma, todas as palavras vão mudando de sentido conforme envelhecemos... tudo muda o tempo inteiro... e diante da mudança, o permanecer igual é só mais uma maneira diferente de mudar.

Continuo caindo no escuro... e a música mistério continua acontecendo... me envolvendo... sinto impressões de cores e tato... parece que estou envolvida em veludo negro e o vento que sopra atravessa os buracos do tecido. Sou uma consciência na fronteira entre um emaranhado de recordações, sensações misturadas, e um outro mundo... que estou tentando entrar devagarzinho.

Vento da asa da borboleta... pressentimentos... sonhos fantasiosos... somas de números das placas dos carros da frente... saudades do que nunca aconteceu... livros que ainda não foram escritos... segredos submarinos... grandes acontecimentos sem testemunhas... festas de luzes da noite... manhãs que confundem-se com manhãs... sabores confundindo-se com desejos.

Poesia cotidiana vivida: um mendigo que com um sorriso observa as pombas que comem restos de pipoca no chão... sóis que nascem em espetáculos de vida e morte, enquanto sonhamos com mil luas... amar a tudo entregando-se ao nada... contradições nas escolhas diárias... escolher a não escolha e decepcionar-se... deixar a escolha para os outros.

A inconsciência de que se está sonhando... os saltos no tempo-espaço... as inconstâncias nos sentimentos, imponentes penhascos que terminam em mares agitados, ondas suaves destruindo a rocha eterna... estranha sensação: livros em uma biblioteca, mortos que nos falam, vidas organizadas em ordem alfabética. Na pesquisa escolhemos

ver: dúvidas, sofrimento, decepções e dores, alegrias, sugamos o resto da laranja dos mortos... mistérios tão misteriosos que as palavras que os designam não existem... escuridão dos sentidos, plenitude e nulidade.

E do meio delas, num escuro sem nada nem fim, a semente de alguma coisa, cansada de não ser nada e ser tudo, começa a querer existir... broto do qualquer coisa, segredo invisível que está entre os objetos onde pensamos que nada existe... entre duas bocas que conversam... no ar que existe entre damas de chapéu em um quadro do século dezenove... em cantos empoeirados de velhos armários esquecidos... no escuro de nossas idéias... no feijão que nasce no algodãozinho... na criança que a cada meia hora vem ver se seu feijãozinho cresceu mais um pouquinho...

Em mim a mulher que cai... a grande mistura de realidades com seus inversos... a mulher que continua tombando no escuro. Mas esse mundo de segredos misteriosos escondidos e duplos, é maior do que imagino... meus dedos dos pés têm suas próprias pequenas consciências, há um mundo inteiro que lhes pertence, eles têm sua própria civilização com suas próprias crenças, seus pontos de vista e suas brigas de vizinhos.

As civilizações são fios entrelaçados em um tapete persa... a civilização de hoje é só mais um fio... outros fios: civilização do século 16, dos macacos, dos polegares, dos mortos, dos javalis, das recordações, do dinheiro, do amor, dos alimentos, das crianças, da tecnologia, da guerra, do futuro, da arte, do medo, da alegria, da tara, do mar, do nacionalismo, da mata virgem, das lendas, dos olhos... e o grande tapete que entrelaça todos os fios... formando um desenho de todas as

coisas... uma forma sem nome que pode ser vista de qualquer ângulo... um não-objeto que não comporta descrições.

Soma e diminuição... completo retrato do eterno incompleto... com bons olhos, nesse desenho enxerga-se tudo... inclusive a miserável mulher que cai sem nunca encontrar um chão... queda que modifica parâmetros e dissolve certezas... e a “música de outra ordem” continua fazendo meu cérebro trabalhar de maneira muito diferente. Consciências e atenção divididas em mil caquinhos, alguns girando, outros encolhendo-se e expandindo-se, outros piscando: existindo e deixando de existir... espelinhos refletidores de caminhos trançados... espelhos curvos que refletem imagens... e tantas outras... são tantas as consciências em que fiquei dividida.

A dúvida: tenho de tentar me emendar? Ou espalho-me ainda mais? Os pequenos cacos quebro em pedaços ainda menores, formando novas conscienciuzinhas. Não sei... não sei... na verdade nenhuma de nós sabe...

As mulheres que caem e seus sonhos... caixinhas secretas com surpresas misteriosas dentro... elas nunca saberão o que há dentro da caixa, pois cada vez que a abrem, há uma outra menor dentro... mas elas continuam a abrir, uma após a outra, impulsionadas por um desejo de vida que é também um desejo de morte... o ponto de tricô com o respectivo espaço vazio que permite sua existência.

Assim é também meu sexo... desejo de vida e prenúncio de morte, ovários que deixam de funcionar e dizem... “você terá mais algum tempo... mas nós já fizemos o que tínhamos de fazer e vamos começar nosso processo de encolhimento...” Sexo que moldou minha maneira de pensar, fez isso com

todo mundo... vivemos segundo as regras do nosso sexo.

Se no fundo do meu sexo estão bestialmente amarrados vida e morte, e eles se digladiam e sangram em busca de uma vitória que nunca é definitiva... se as lágrimas de ontem serão as mesmas de amanhã, e as histórias se repetem como dois grãos de arroz... então por quê? Como? Não sei exatamente qual é a pergunta... o que queria saber, é se assim é, e assim será? Se não há uma maneira de não haver esse eterno embate entre vida e morte, e se as coisas em vez de disputarem, não poderiam, ao invés, fundirem-se?

Mas como fazer isso de maneira prática, se o mundo, meu cérebro e meu sexo estão dissolvidos numa solução aquosa cujo único objetivo é o dualismo? Do mundo me isolo... mas o que fazer com meu cérebro e meu sexo, asfíxios no vácuo de quem não pertence mais à vida?

Desse jeito escolho apenas a morte... que um dia acabará em vida, e noutro morrerá novamente... o velho círculo girando. É de dentro de cada coisa que deve nascer seu próprio padrão repetitivo... os objetos que estão cansados de girar, devem lentamente fazer brotar uma conscienciazinha... ela aos poucos achará uma maneira de colocar para fora uma pequena farpa ou a ponta de um prego... daí com o próprio movimento de repetições dos padrões, esse prego, filho da consciência, se encarregará de ir minando as forças da roda, até que nela se abra um buraco... e nesse momento ela deixará de existir.

As substâncias úmidas que existem dentro de mim terão de unir suas águas... reprodução e razão estarão de mãos dadas pela união. Mas a semente... o grande problema é que nada nasce sem semente... ela já tem de estar plantada...

para que um dia não haja mais disputas e vidamorte seja uma coisa só... busco onde essa semente?

Como faço para plantá-la e para fazê-la germinar? Talvez todas as sementes que algum dia possam nascer já estejam plantadas... nosso trabalho é só retirar de cima da terra o que esteja impedindo o crescimento da planta... que o primeiro broto sinta o gosto do ar. Depois disso, os sabores dos ventos e as energias da vida farão com que a plantinha se desenvolva.

Mas se crio essa união de meu cérebro com meu sexo, e depois uno tudo com o mundo, acabando dessa maneira com as disputas que existem e das quais somos escravos, será que mesmo com essas mudanças radicais, eu não estaria criando um padrão completamente diferente, mas que acabaria se revelando circular e repetitivo? E que depois de algum tempo também haveria a necessidade do surgimento de um prego que rompesse novamente o círculo?

O problema que eu pensava ter resolvido era muito mais complexo do que parecia, e eu jurava que tinha erradicado as maçãs da face da terra, apenas porque tinha arrancado uma maçã de uma macieira, e a tinha comido. O embate vidamorte continuava acontecendo da mesma maneira... eu tinha sido um átomo que mudou de lugar num universo sem fim... havia modificado radicalmente a aparência, sem tocar na essência da questão.

Meu esforço poderia surtir frutos... mas eles iriam morrer... e depois nascer de novo... e o mesmo ideal que busquei e não atingi... o objetivo maior, com o qual o pequeno vislumbre que tive, trouxe a meus sonhos apenas uma pequeníssima parte do que seria a verdadeira e maior união, mesmo essa união

ideal, entre tudo e todas as coisas, ela seria apenas, digamos assim, uma macieira carregada de maçãs...ela também formará ciclos... ela viverá e morrerá... e viverá de novo.

A mulher que cai quer então descobrir se poderá ir mais longe... destruir o padrão criador de ciclos repetitivos... um veneno que seja espirrado sobre o mundo e que destrua todas as maçãs, as macieiras, as sementes, as fotografias de maçãs, as pinturas, as idéias e as recordações da fruta... que nenhum traço dela sobre no mundo, que tudo desapareça.

Extinta e ponto final... sem desejos de seu reaparecimento... varrida dos cérebros, dos dicionários e das papilas gustativas. Sem a fábrica formadora de padrões, então naturalmente as coisas tenderão a uma união... o que antes era aparente agora se tornará definitivo... a parte debaixo da ampulheta será quebrada e toda a areia escorrerá em vão para um lugar sem nome.

As mulheres que caem sonham alto porque estão livres dos pesos... inclusive do próprio peso. Elas utilizam essa união efêmera entre sexo e cérebro, como um efeito aerodinâmico que diminui a resistência do ar, praticamente anulando a sensação de ser-estar-pensar... desocupando espaços que não precisam ser ocupados. Elas nunca verdadeiramente estão em lugar nenhum... a queda as exime dessa necessidade e as alivia desse verbo.

Mulheres que caem talvez sejam sementes que caem... a terra as esperando para fazer florescer alguma coisa... continuando um ciclo... o bem e o mal... o brotar e o deixar a terra vazia... mulheres que caem talvez sejam agentes defensoras dos sistemas de ciclos e repetições, só que estão disfarçadas justamente do contrário. Elas são apenas mentiras

de onde brotará a verdade... paz de onde surgirá a revolta... tédio que nascerá da agitação. Falsas rebeldes que servem, sem ter consciência, de massa de manobra para as forças do dualismo.

Pés bem plantados no chão... pés que sentem e sustentam o peso de um corpo. Mente e sexo acomodados cada qual no seu cantinho... para que haja a união verdadeira, essa mulher bem sequinha e embaladinha, colabora tanto quanto tu e eu... mulheres molhadas que caem em buracos profundos. Nós, as mentirosas, somos maquiadoras de defuntos... as provisórias-efêmeras, florzinhas arrancadas da planta... nossa missão é cair e continuar caindo em nome daquilo que muda e apodrece... temos de enxergar a podridão assim como enxergamos o crescimento da beleza... mudanças do mesmo jeito.

E não cabe nem distinção entre nós as molhadas que caem, com as sequinhas que têm pés firmes sobre a terra... nós e elas giramos na mesma roda... fomos elas e elas serão nós.

Os sons agora estão imprimindo em minha mente uma imagem diferente... não são imagens e sim sensações... um prazer enorme que não pára de crescer... não vejo nada, mas sinto uma flor... esse sentimento vai aos poucos se transferindo para mim e minha consciência vai se transformando na própria flor.

Sou essa linda rosa vermelha no ponto máximo de beleza e irrigada pela mais bela luz da manhã... os raios atravessam as pétalas e mancham o vermelho com um leve amarelodourado, a luz também forma em torno de mim uma aura que é de uma cor distinta da que se formou entre as pétalas. E as duas cores diversas, somadas ao vermelho da própria

rosa, formam uma quarta, que é mais bela que todas as outras e que qualquer uma que eu já tenha visto.

E eu-rosa continuo caindo... só que agora ilumino o escuro por onde vou passando. Os sons evoluem e meu prazer aumenta e se torna quase insuportável... cada nota musical parece que desperta uma parte de mim que até hoje tinha ficado adormecida. Eu sou muito mais do que sempre fui.

A música parece que funciona como dedos que vão retirando véus que antes me encobriam a visão. E as coisas se modificam e continuam se modificando... com os olhos mais abertos do que jamais tive, mesmo que com eles não consiga enxergar nada, eu agora, que sinto ser a rosa vermelha, eu perco todas as pétalas, perco os espinhos e a haste. A aparência física da flor deixa de existir... mas eu não deixo de me sentir ela, pelo contrário, essa sensação aumenta ainda mais... porque eu me tornei a essência dela... uma semente que faz brotar a idéia da rosa... um desarranjo no nada, de onde surge a necessidade de que a beleza se manifeste e dê frutos.

Deixei de ser o fruto da beleza... passei a ser a essência que deu origem a ele. Reparo que estou seguindo o caminho contrário ao que sempre segui... estou caminhando das conseqüências em direção às causas. Sou o esqueleto invisível da rosa, que depois vai originar a idéia dela... sinto-me assim... a beleza pura com espinhos puros. Todas minhas cascas de proteção desapareceram... os sons vão me dizendo que assim é. Simplesmente isso: assim é. Essência criadora, mulher que vive na contra-mão.

A música de outra ordem modifica-se, ganha inten-

sidade... existem outras partes que ainda estavam encobertas e vão ficando nuas... o prazer acho que chegou a seu nível máximo e estabilizou-se... acostumei-me com ele e parece que nem o sinto mais... mas acho que nunca ficarei completamente nua dos véus que encobrem minha visão, ou se talvez ficar, não terei mais consciência disso.

Mas eu prossigo meu caminho de contra-mão, já não sou mais a essência da flor, que é igual a essência de qualquer outro objeto ou ser, senti isso muito bem, somos todos pequenos rasgões no pano do circo universal, continuei penetrando no sentido contrário, depois de ser a essência de alguma coisa, passa-se a ser um quase nada ou quase tudo (é a mesma coisa).

É uma sensação estranha, é como se meu corpo não tivesse começo nem fim, e eu sentisse uma paz total, uma falta de desejo e ao mesmo tempo uma sensação de total completude. Nada é necessário e tudo está perfeito. Ao mesmo tempo surge em alguma parte do meu corpo uma sensação, uma espécie de formigamento que parece indicar que alguma coisa está querendo nascer. O todo e o nada estão cansados de seus sonos eternos e esse formigamento é como se fosse o primeiro piscar de olhos antes que a pessoa abra-os e comece seu dia.

A música-som-mistério me fazia tremelicar... o que nasceria do meu interior eu já saberia o que seria: a essência de alguma coisa. Se o tempo ainda existisse eu estaria fazendo o relógio andar para trás, já saberia tudo o que aconteceu... mas a idéia de tempo foi retirada de mim, foi um dos primeiros véus que a música fez desaparecer. Eu sigo adiante sem ter a concepção de fatos encadeados, as coisas são.

As seqüências não precisam ter lógica e nem ao menos seqüências. Sinto-me uma bola eterna com coceiras... é engraçado, poderia dizer que as coceiras estão na minha barriga, no meu útero, dentro dele, se eu ainda o tivesse. Mas será que não o tenho mais?

Os comichões vão diminuindo... a música vai se tornando mais lenta... grande intervalo entre as notas... as vontades de brotar estão voltando para dentro dos úteros que não sei se existem... aquietamento, o que era está deixando de ser... vou me tornando tudo o que existe e nada existe sem que pertença a meu corpo. O sono eterno sem sonhos... morte última e definitiva. Consciência quieta e dissolvida.

Eu tudo... coceiras e inquietações terminando... eu acabando e o todo começando. Paz sem divisões... música quase parando, não são mais notas, é uma emenda de sons que se parecem mais com uma voz que fala lentamente... mas não há linguagem e nem nada a ser dito, e mesmo essa voz inútil vai diminuindo a velocidade e a intensidade do que murmura... agora é só um cochicho no ouvido da eternidade, e esse ouvido está impaciente, só está esperando a voz terminar de falar para que ele possa deixar de existir. Agora é só uma ou outra sílaba desconexa, últimos ares do pulmão de alguém que expira de vez.

O ouvido universal encolhe-se sabendo que está indo embora. Estou me desfazendo e não terei mais consciência, a voz emudeceu, o último suspiro dispersou-se e o ouvido universal dissolveu-se. Eu nem nada existimos mais.

Recobro a consciência. Acho que depois de não existir por algum tempo voltei a existir. Se fui o todo que sentiu sua barriga vibrar porque algo dali queria nascer, também fui,

talvez até simultaneamente, essa vibração pedindo por vida, então estou aqui de volta, recobrei meu corpo de mulher, útero, seios, tenho tudo o que tinha antes e continuo na mesma situação: caio no escuro. Os ciclos e os círculos são ainda maiores do que eu pensava, talvez seja melhor me contentar: não há maneira de escapar deles. Mulher, teu destino é a queda.

A música modifica-se, deixa de ser algo que interfere e modifica minha consciência, agora escuto uma batida carnal, como o som de um coração batendo. A única impressão sensorial que esse novo som me traz é olfativa. Sinto um cheiro de suor, de sangue, de todas as secreções que um corpo humano pode ter, mas não é nada que me provoque nojo ou me revolte o estômago, é uma sensação de que a semente brotou e a árvore da vida espalhou seus ramos por toda parte. As secreções são as folhas caídas indicando que a árvore está funcionando.

Cada parte do meu corpo parece estimulada com esses sons que sublinham e celebram a vida, meu sexo lateja, mordo meu lábio de baixo, sinto gostos exóticos na boca, o vento que me toca me arrepia toda, e o barulho do vento soma-se à música completando ainda mais de sensações o que sinto.

Mas a escuridão insiste em prosseguir, continuo minha queda sem enxergar nada, sem saber se e quando ela terminará. Mas isso faz apenas aumentar minhas outras sensações, sou uma máquina sensitiva-desejadora... escorro no vazio, e por mim escorre tudo o que o mundo me colocou em volta, sou um ralo para onde as águas se encaminham, a gravidade me traz tudo e eu nada recuso.

Me sinto uma enorme e complicada embalagem de

alguma coisa que não sei o que é. Algo tão bem embrulhado e amarrado que acaba sendo o objeto em si, pois daria tanto trabalho para quem quisesse me desenbrulhar, que seria melhor guardar o presente do jeito que veio. É uma caixa toda embrulhada e pronto, não se precisa necessariamente saber-se o que tem dentro. Minha vagina é onde foi dado o último nó, é por aí que alguma curiosa e super-paciente pessoa poderia tentar começar desfazer os nós.

Agora me dou conta do quão intestino sou... eles não eliminam apenas as fezes, eles são eu-nós, esse conjunto carne-sangue-desejos que somos todas nós... membros amarrados e molhados que aos poucos vão secando... cabelos compridos voando ao vento... graça e curvas dos quadris... gorduras que vêm tornando tudo menos sinuoso. Seios: prazer e frustração. Objetos com bicos que me fazem sorrir e chorar, seios que agora espalham-se um para cada lado por causa da força do vento.

Meu ânus, mistério que sente o geladinho do ar, tu sempre fostes muito mais do que pude imaginar... nunca te valorizei nem me questioneei sobre quem você poderia realmente ser... hoje pelo menos percebo teu parentesco com minha boca, vocês são primos se não forem irmãos. O primo marginalizado e esquecido, sempre sofrestes preconceitos de todo tipo. Eu te adoro e quero te entender... você é tão importante quanto meus olhos ou meu coração. Sou-mos essa vermelhidão pulsante que não sossega um instante.

Mesmo agora que sou fêmea seca que não reproduz mais, o vício permanece intacto, sou-mos esse animal acariciador, acalentador e tranqüilo, de pele lisa apesar de rugosa. Doce e inconsciente orquídea roxa que nasce ao lado das árvores fêmeas sem que nenhuma das duas impeça o funcionamento

da outra. Todas minhas células são iguais, estão amarradas das maneiras mais estranhas, formando pequenos ou grandes sistemas que somam-se e diminuem-se, construindo órgãos com funções, objetos que interagem, mundo de todas as formas que tenta a todo custo auto-preservar-se.

Para isso é preciso sempre se associar a outros organismos, e nunca ter receio de romper uma parceria quando ela não for mais necessária. As células são água que evapora, a cada dia perco parte da poça que sou e isso enfraquece a união entre todas as partes que me compõe. Todas as manhãs, mais e mais, cada parte de mim quer correr para um lado, evaporar para, depois... bem depois poder se agrupar novamente em uma grande poça.

Desejo. Desejo. Desejo. Essa é a única filosofia e religião, é o motor do ser. Percebo isso mais claramente agora, que estou caindo, aliás percebo também que minhas roupas, depois de tanto tempo de queda, acabaram se rasgando. Caio nua. Sou toda sensação-raciocínio. Estou fundida nessa condição de ser o invólucro e o conteúdo ao mesmo tempo. Orquídea que virou árvore mas manteve o tronco. Acho que se eu não tivesse caído nunca teria atingido essa simbiose.

O desejo é igual a idéia. Quem sou, é o mesmo que meu pé dói. Todas somos assim, é o vento e a queda que me tiram umas responsabilidades bobas de cima, e eu acabo, com ironias e brincadeiras, apenas enxergando o aglomerado de células que todas somos. E a busca pelo máximo prazer, e pela satisfação total dos sentidos, é igual a busca pelas respostas que ninguém dá.

A árvore e sua orquídea tem os mesmos objetivos, são células que querem se perpetuar, se para isso escolhem produzir

um outro coração que bata, ou responder a uma pergunta que ninguém nunca conseguiu... a forma não importa.

Viro de costas e sinto o vento se espalhando por minha bunda... na verdade essa minha fusão completa talvez não esteja tão perfeita assim... nesse instante sou pura máquina-feminina sendo acariciada, sou só sensação, sou célula querendo se preservar através do método mais tradicional. Que o vento me faça um filho para que eu não morra.

A fusão é um vento que vem e vai, constrói e destrói. A parte de dentro das minhas coxas, os pelinhos da minha nuca, meus seios que roçam nos meus braços, minha bunda que se mexe de um lado para outro... sou uma enorme concentração de desejo carnal rolando nos ares, meu parceiro é a gravidade que me vira de todos os lados e o vento que me lambe todos os cantos. Pernas, bunda, seios, cabeça, tudo se misturando numa massaroca de corpo e sensações. A gravidade e o vento são meu macho. Se fosse mais moça poderia engravidar da gravidade.

Um filho caído e não parido. Nasceria e cresceria caindo ao meu lado. Não conheceria nada além de mim e da queda. Eu o ensinaria algumas coisas... muito pouco, não haveria necessidade de quase nada, e eu não iria querer enchê-lo de conhecimentos inúteis. Minha relação com ele deveria ser sutil... uma brisa que balança a flor... a uma certa altura eu teria de soltá-lo, e ele como criança pequena e muito mais leve que eu, iria cair mais devagar... nossa distância iria aumentando, nós iríamos nos separando e nossa relação passaria a ser como a da brisa que não tem flor para soprar. E nós nunca nos encontraríamos porque quando ele crescesse eu estaria definhando, e ele me ultrapassaria rapidamente

em sua queda. Nós nos veríamos por um só instante na escuridão. Nós apenas nos sentiríamos, uma onda fugaz de calor humano que atravessaria o gelado da queda.

Mas esse filho nunca existirá. Das águas que secam, as primeiras a evaporar são aquelas que podem duplicar as células. Nesse aspecto sou uma mulher morta, uma lagoa cujo centro está seco.

Durante trinta e poucos anos jorrei vida vermelha... do meio das minhas pernas vinha uma ordem que por três vezes obedeci. Agora acabou. Não recebo mais ordens... pelo menos não diretamente, mas entendo o que me é dito de outra forma “chegou a hora de dar lugar a outra”, é como quando o garçom nos diz “ nós estamos fechando, mas fique à vontade”.

Com essa parte de mim seca e morta, é natural que eu desvie minhas energias para outras partes que ainda estão vivas... mergulhei no mundo das idéias... mas esse mar é muito grande e eu me senti tão afogada, um desespero de quem já engoliu água, agora sinto de novo meu corpo de fêmea ou ex-fêmea, ou mulher que pensa que sabe, mas que não sabe nadar.

Na verdade é tudo isso e mais um pouco, e também é fêmea viril, mulher que ama e acredita em suas idéias e até mulher que se reproduz. Por que é que eu preciso acreditar nesse foi, é, será, o que já fui serei um pouco para sempre. É o mundo mágico do relógio quebrado embaixo das águas do riacho... rosa vermelha que me contou mentiras encantadas... e eu mulher de idéias que não acredito... de sexo reprimido... fêmea que explode e constrói o que quiser, que se afoga e renasce dos fundos de águas, que renova sua secura com águas que lhe encham os pulmões.

Nada pode acontecer comigo depois que comecei a cair sem parar. Sou a própria essência da queda, então o que devo temer?

Sou a árvore e a orquídea que vive em cima dela, mas também sou algo além disso, sou a fusão das duas e a essência dessa fusão, sou o recorte dos galhos, do tronco e das flores desenhando formas contra um céu azul e sou a fusão desses contornos no espaço sem fim, sou também cada um dos estágios intermediários de tudo isso, sou também o contrário de cada um desses estágios e do todo.

Sendo tudo isso também sou fraca, sou carne mole, cada vez mais mole, tenho medo, muitos medos, tenho esperanças, muitas, gostaria de parar de cair, gostaria de nunca ter caído, desfazer os caminhos que me trouxeram até aqui. Tenho culpa, só estou aqui porque devo ter cometido erros graves, estou pagando por eles. Gostaria de corrigi-los, arrepende-me... espiar minha culpa.

Voltar atrás, voltar a ter vinte anos e ser desejada pelos rapazes... os prazeres... gostaria de ser fundamental para alguém, a tábua de salvação no meio do oceano, daí essa pessoa quase afogada me encontraria e se seguraria em mim, respiraria, cuspiria fora toda água que tivesse engolido, sentiria minha pele, me olharia nos olhos... só que aí terminaria sua paz, meus olhos diriam que eu e ele estávamos isolados num oceano sem margens, e sua tranqüilidade só duraria alguns instantes, uns poucos momentos antes que a agonia recomeçasse.

E eu que tinha sido a salvação, eu agora puxava sua cabeça para baixo para tentar salvar minha própria pele, eu seria agora sua condenação.

Minhas células estariam tentando se preservar a todo custo, e as palavras que me foram ditas quando esse alguém quase afogado surgiu dos escuros das águas "... é você... é você que me salvou... só você é importante... você será eternamente... minha mais importante salvação... daria tudo por você...", as palavras seriam esquecidas, com exceção das últimas... o sujeito deu sua vida por mim, mas isso não seria suficiente para me salvar, estaria muito longe disso... eu sabia que o oceano não tinha margens e que tentar me segurar nele e puxá-lo para baixo seria a mais efêmera das atitudes, mas como eu já disse eu também sou muito fraca, uma mulher de meia idade com carnes moles, e pior de tudo, uma mulher que cai.

A gravidade é grave, seca e solene. Me vira como quer sem fazer cerimônias, rodopio e cambalhoto sem enjôos, mudo de posições e elas mudam dentro de mim, também sou forte. Sou essência do poder humano, esqueleto sobre o qual foram construídas as brisas que aliviam as dores, os sorrisos puros e as surpresas gostosas.

Sinto-me, conforme minha posição de queda vai se modificando, uma potência mundial, uma atravessadora de eras, sinto-me um pouco credora de tudo o que existe, cada flor, pedra, cada peixe de aquário e cada meteorito, deveriam me pagar alguma espécie de dividendos. Sou o oceano em que dois desesperados lutam para não se afogarem, sei que não tenho margens, mas se quiser poderia criá-las, posso criar uma praia paradisíaca e com uma onda empurrar para lá os dois que são só desespero, daí então, livres dos perigos, eles se olhariam nos olhos e diriam coisas... colocariam esperanças uns nos ombros dos outros... cimentariam suas

crenças juntos com eles próprios.

Se sou assim tão poderosa e eterna, por que não ajudo os dois desesperados? Isso não me custaria nada. Não seria a bondade uma maneira de exercer essa minha superioridade? Não sei, não sei... enquanto não conseguir responder essa pergunta deixo os dois onde estão. Dois outros virão sucedê-los e depois outros mais... e eu estarei sempre assistindo aos espetáculos de desespero reencenados. A eterna que teme ser terna e com um grande braço-onda conduzir os que sofrem a um paraíso provisório.

Será esse meu medo e minha dúvida, será que só conduziria alguém a algum paraíso se soubesse que ele não teria fim? Eu estaria com medo de mentir para alguém, não pelas pessoas que eu estivesse conduzindo para a mentira, mas porque eu estaria sendo passível de ser conduzida para uma armadilha parecida. Preservo os outros no único intuito de me preservar.

De repente ajudo cada perdido que encontro no oceano, crio para eles praias lindas onde o sol nunca se põe, frutas deliciosas, prazeres da carne, sexo, brisas restauradoras. Mas subitamente vejo que perco meus poderes, me torno, assim como eles, alguém que é conduzido por uma onda comandada por alguém, para um paraíso... as rachaduras nesse mundo de prazeres surgem e aumentam, e lá estamos nós no que agora é um inferno.

Velhos, mal conseguimos andar, não temos forças para escalar as árvores frutíferas, os prazeres acabaram, nos alimentamos das frutas apodrecidas que estão no chão. Decrépitos, nos olhamos nos olhos sem respostas... depois reparamos nas ondas que quebram na praia e que um dia

nos trouxeram até esse lugar.

Até nos instantes em que sou poderosa, minhas dúvidas persistem, na verdade é aí que elas se tornam maiores. Para desinchar as dúvidas tenho de diminuir meus poderes e sentir-me pequena e fraca. E não será aí então que eu me torno grande e forte, com todas as dúvidas diminuídas?

Infância, juventude, idade adulta, meia-idade, velhice e morte, é assim que a coisa funciona, e quando saí de casa hoje de manhã foi para decidir o que fazer da minha vida de agora em diante, o resto não tem importância... minha bifurcação é agora, por um momento vou esquecer que estou caindo e tentar agir como se eu estivesse sentada num banco do Passeio Público... se eu soubesse que essa queda iria acontecer talvez tivesse apressado minha decisão. E o que seria um arrependimento de uma decisão precipitada, diante da situação em que me encontro?

Agora, além de estar como estou, ainda me arrependo de não ter tomado decisão alguma. Só que é tão difícil agir quando não se tem certezas de nada, e se antes eu não tinha, agora então... mas eu preciso esquecer as dúvidas como alguém que tenta esquecer alguma dor, aliás, dúvida não deixa de ser um certo sinônimo de dor... tenho de agir como se meus pés estivessem dentro de sapatos confortáveis sobre solo firme, mesmo que minhas esperanças sejam vãs e que minha queda nunca termine... não tem importância, vou lançando minhas sementes sobre o concreto... numa dessas alguém pisa em alguma que gruda no sapato, depois caminha sobre a terra e alguma coisa acaba brotando.

E talvez eu possa usar em meus projetos-idéias, um pouco do que me aconteceu depois que conheci o velho pipoqueiro,

temperar meus sonhos com o lado positivo da palavra inconstância... também um pouco de “não acredite totalmente em mim”, “tudo pode mudar e passar a ser o contrário do que é”.

Agora os sons que escuto parecem os barulhos de uma máquina de escrever... sensação de idéias sendo produzidas e postas em prática.

Na cabeça da mulher que cai surge a figura do homem que espera. Isso mesmo, para que surja um novo homem que criará e será beneficiado por uma nova educação, é necessária a figura de um ser que não tenha medo, e que principalmente saiba e entenda como se movimentar dentro do tempo. Que saiba que a pausa pode ser tão ou mais importante do que a ação, pois nela está contida uma não-ação.

Esse homem que espera, não viveria sujeito a todo o tempo que impregna o pensamento encadeado, que é a origem do nosso modo de viver. Sua consciência dormiria quando sentisse sono, mesmo que seu corpo permanecesse acordado, aliás, ela teria a possibilidade dupla de acompanhar ou não as atividades do corpo. O homem entenderia o tempo, como ele funciona, e como são as coisas quando ele está ausente. Desse modo, ele não estaria sujeito a nenhum dos encadeamentos subsequentes a que o tempo controlado nos submete.

As razões de toda e qualquer atitude que tomássemos seriam pensadas de maneira diferente. Muita coisa deixaria de ser feita, outras que não existem seriam inventadas, e a maioria do que já existe, modificada. A pausa, seria como a espera do salto da bola para o instante ideal para o chute. Até agora vivemos como jogadores vulgares, chutando a bola sem muito critério, preocupando-nos apenas com a direção na qual devemos chutá-la. O homem-pausa será muito mais

do que qualquer craque de futebol já foi. Ele será aquele que sozinho poderá derrotar qualquer time inteiro.

Com esse homem, cujo relógio avança duas horas, volta quinze minutos, depois avança quinze horas e quarenta e dois minutos e retrocede seis horas e catorze, com ele, tão livre e independente, tão pensador de uma realidade, consciência, maneira de viver, com ele, as coisas ao seu lado irão naturalmente se modificando... nada resiste a ele, as mais fortes instituições do mundo de hoje vão se mostrar barquinhos de papel. Ele será o plantador da pedra que brota... sólida e firme e ao mesmo tempo frutificadora.

Não. Não. Esse homem não nascerá do nada, nem alguém o criará a partir de uma idéia surgida da velha maneira de pensar... nem será plantado o homem pausado... surge somente de uma horta interna... lenta, muito lenta... sementes morrendo, que são plantadas de novo e de novo, sementes decompostas que já não servem para mais nada onde algum germe faz brotar o que menos se espera.

É a velha história do surgimento da vida, o mesmo processo... não sei se podemos apressá-lo para que surja mais rapidamente. Talvez o melhor fertilizante para isso seja a vontade, desejar profundamente e fazer todos os esforços, mesmo que errados, para que esse homem surja... as tentativas seriam húmus que serviriam de nutriente para que a vida que um dia iria brotar, brotasse um dia antes.

Então digamos que esse homem surgiu, ou se surgisse... o que aconteceria? É claro que esse mundo não resistiria a ele, é claro que seu mal ou seu bem se espalhariam por todos os seres humanos como uma peste sem cura e sem possibilidades de proteção. A humanidade estaria perdida...

ou ganha... imaginei esse homem para chegar na nova educação... ele seria a causa e a consequência dessa escola ressurgida das cinzas da nossa civilização.

Onde morariam esses habitantes desse novo mundo? Como seriam suas casas? Como seria o interior delas? Seus quartos, onde e como eles dormiriam? Não sei porque, uma imagem que me vem a cabeça é que existiriam muitas casas redondas, quartos de dormir esféricos, muito menos prédios e empilhação de espaços... não sei... isso são só imagens que me vêm à cabeça... casas feitas de matéria viva, flores, arbustos, árvores frutíferas, casas que poderiam ter as cozinhas abastecidas de comida pelas próprias paredes que derrubam frutos sobre a mesa. E a chuva que nutriria as paredes, seria a mesma que mataria a sede de quem mora na casa.

Integração, essa palavra amarraria o homem, sua residência e o mundo. Novas tecnologias : micro-cabos muitas vezes mais finos que um fio de cabelo, que trariam do calor gerado nas profundezas da terra, toda a energia necessária para o funcionamento da casa. As rochas que se fundem a três mil quilômetros de profundidade, seriam a fonte energética de um mundo mais limpo.

Alguns milhares desses microfios teriam a grossura de um fio elétrico e poderiam abastecer de energia, completamente não poluente e inextinguível, uma grande indústria, alguns desses cabos enfiados na terra e o fornecimento de energia para uma cidade estaria resolvido.

Muitas casas seriam esféricas e móveis, conforme o morador encontrasse um lugar mais bonito para morar, poderia simplesmente rolar sua casa até ele. O sistema de trocas funcionaria, e ninguém nunca deixaria de morar, pelo

menos por uns tempos, em algum lugar que lhe encantasse. A boa vontade universal, nascida da auto-evolução humana, ajudaria aqueles cujas casas são feitas de plantas, a trocarem de residências quando, e se, tiverem vontade.

Pequenos modelos de aviõezinhos voariam dioturnamente por toda parte, a função dessas aeronaves, que teriam menos de um metro de comprimento, seria derramar por todos os cantos sementes de todos os tipos de plantas, desde árvores frutíferas, passando por flores, até grandes árvores, mas principalmente fontes de alimento vegetal. Esses aviõezinhos espalhariam tantas sementes que começariam a nascer florestas de maçãs misturadas com plantações de tulipas, os mais exóticos tipos de misturas que sempre pensamos serem impossíveis acabariam encontrando uma maneira de conviver. E ocorreriam ao longo do tempo novas formações híbridas entre flores e frutos, árvores que nunca foram frutíferas passariam a ser, dalias e crisântemos dariam frutos que hoje não existem...

Esses aviõezinhos teriam uma vida curta e voariam impulsionados por baterias feitas da energia subterrânea das pedras incandescentes. A cada dois ou três dias eles teriam de pousar para serem reabastecidos com todos os tipos de sementes, e quem os recarregaria seria qualquer pessoa em cuja casa eles pousassem.

O mundo seria uma grande bola verde, e as sementes estariam por toda parte, inclusive na consciência de cada um, que saberia que é preciso atirá-las ao solo para que elas brotem. A pessoa recarregaria o aviãozinho de sementes e ele continuaria a voar, após algum tempo, quando ele encerrasse seu ciclo de vida, ele pousaria em qualquer lugar

e se decomporia, pois seria feito de material orgânico, folhas, cascas de árvores... caberia a quem encontrá-lo recuperar sua bateria e recarregá-la, coisa que poderia fazer em casa mesmo, pois a energia que faz o fogão funcionar por algumas horas seria suficiente para fazer o aviãozinho voar por alguns meses, e também construir um novo corpo para o avião.

O conhecimento para isso estaria espalhado por todo o mundo e seria uma coisa muito fácil, que qualquer criança de dez anos conseguiria. O chip de computador que comandaria a vida do avião, e que também seria feito de matéria orgânica, estaria disponível por toda parte, muitas pessoas teriam a capacidade de produzi-lo em casa mesmo, e cada aviãozinho sempre traria dois ou três sobressalentes. Com uma nova fuselagem, bateria e comando orgânico-eletrônico, a pequena aeronave continuaria por um bom tempo pulverizando o mundo com sementes.

As florestas ganhariam os desertos, e os locais onde antes foram as cidades, os prédios quadrados que representavam vidas empilhadas, seriam cobertos por todo tipo de vegetação, as raízes das plantas aos poucos iriam invadindo salas de estar... aliás, não haveria mais salas de estar, apenas salas de ser.

As raízes começariam seu longo processo de estrangulamento, primeiro os encanamentos, depois a força da natureza começaria a apertar paredes, colunas de concreto, aos poucos o ferro que sustenta as vigas seria rompido, e as estruturas empilhadas desabariam, seriam montes abandonados que logo a força do verde faria desaparecer. Crianças brincariam sobre entulhos que antes serviram de moradia para outras crianças. A terra daria um jeito de deglutir o indigesto concreto e acabaria encontrando uma maneira de transformá-lo em nutriente.

Onde antes se apertavam um milhão de pessoas, passariam a morar quinhentas, espalhadas entre roseiras e mangueiras. Os macacos seriam alguns dos sons da noite, as panteras rugiriam nas madrugadas, os pássaros e os dias aconteceriam... mundo verde e calmo, poucos barulhos, muita água...

As fontes estariam por toda parte e trariam seus barulhos suaves de água escorrendo, trariam junto beija-flores e outros pássaros que viriam para beber água e tomar banho. Sons que acalmam e que combinam com as paisagens cada vez mais coloridas das árvores e das flores.

E nesse mundo sem pesos inúteis para serem carregados, e habitado por homens que conhecem a importância da pausa e por isso não se submetem aos comandos do tempo, surgiria um instante... o momento mais importante da aventura humana... quando o homem ultrapassaria todas as questões da filosofia... poderia até se utilizar dela como escada, também usaria o transe e alguns estados alterados de consciência como instrumentos... então nesse instante maior cada homem e cada mulher transcenderia... daria o passo que nunca foi dado... atravessaria a cortina... a integração com a natureza seria outro instrumento que o ajudaria a ir além, a nova maneira de viver também, tudo seriam causas-consequências que o ajudariam, ele se ajudaria... cada um e os outros deixariam de ter diferenças... mas as individualidades ainda permaneceriam... tese e antítese se completando... aviõezinhos vermelhos e silenciosos cortando o verde e semeando... enquanto o homem os observa, observa tudo, a água e o macaco... observa o outro homem e se enxerga no espelho... e com uma enxada velha abre valas na terra para que as sementes que caem do céu tenham menos trabalho para brotar.

Resolvido o problema de toda a humanidade posso começar a me preocupar com o meu: como é que eu faço para parar de cair?

Já tentei de todas as maneiras tentar alcançar algum lugar para me segurar... se pelo menos eu tivesse a certeza de que há alguma coisa me esperando embaixo... a ausência é que me incomoda... piscina sem água. Mas tenho de ser racional, qual seria a atitude mais sensata para alguém na minha situação?

Acho que primeiro de tudo é não cair em desespero... nesse sentido até que estou bem para alguém na minha situação. E depois? Não vejo muito o que possa fazer... gritar para ver se alguém me ouve "socorro, alguém, eu estou caindo e estou começando a ficar com fome". Quem seria esse possível alguém, que além de me escutar teria a capacidade de fazer algo por mim? "Socorro por favor, não quero mais cair... você que não deve existir... na remota possibilidade de que exista, tire-me daqui".

As primeiras lágrimas desde que comecei a cair, grudam-se no meu rosto... o vento nos meus olhos molhados me traz uma informação que me assusta ainda mais, não sei se é impressão minha, pois há tempo perdi toda orientação espacial, mas a sensação que tenho por causa do vento que bate nas lágrimas secas, é de que não estou caindo e sim subindo.

Logo que atravesssei o pequeno túnel, tenho certeza de que comecei a cair, e não me lembro de nenhum instante em que possa ter havido a mudança de sentido... será que a gente cai tanto que depois acaba subindo? É tudo tão confuso que também não tenho certeza de estar indo para cima, mas no fundo que diferença isso faria?

Pouco importa, minha situação permanece a mesma, nenhum lugar para me agarrar, nenhuma certeza de que algo interrompa meu movimento no vazio, até agora só consegui manter a calma e gritar, mas é pouco, não é nada... ainda um grito desesperado “chega de movimento... quero parar.”

Se gritar não adianta e não consigo encostar em lugar nenhum para me segurar, não enxergo nada, só escuto sons sobre os quais não tenho comando... só me resta então desejar, do mesmo modo que desejei um destino modificado para o ser humano, só que agora menos generosa, desejo com todas as minhas forças que eu chegue a algum lugar... a grande entusiasta do movimento como único instrumento de evolução, não suporta mais as verdades em que acredita... seria melhor dizer... não suporta as coisas que acredita, e se vê obrigada a inventar, tenta transformar o desejo em realidade transferindo sua consciência para dentro dele.

Vou morar num dia de sol, luz que não me fira os olhos mas que me ilumine por inteira, minha doçura animal me completa sem deixar arestas para coceiras ou temores, a brisa só vem para modificar o tipo de bem-estar que sinto, pois a perfeição também é defeituosa.

Os sons que escuto são o amarelo-dourado do sol mergulhando no mar: grande paz sem memórias. Meu mundo perfeito é à prova de lógica, ela é muito chata e imperfeita, então o primeiro paraíso que crio para mim é o de uma cor que não conheço e que me envolve por completo... doce alegria, sensação que só sentimos na infância: o corpo e a vida perfeitamente encaixados.

Eu flutuo nessa cor calma, paz, alegria, só que agora chega, agora quero um paraíso mais prático, realizo grandes

feitos, crio um novo sistema educacional que modifica a educação no mundo inteiro, em mim brota a semente que se tornará a árvore que dará frutos e sombra para gerações futuras, sinto a doce sensação do dever realizado, da obra importante que sobreviverá aos séculos (pelo menos a alguns), e eu consigo dentro dessa criação apagar a lembrança que ela não passa de uma criação...

Lembrança que acaba voltando quando, agora, me dou consciência dela. Sem lógica, salto para o maior prazer sexual possível... a maior onda cerebral de gozo que um ser humano possa emitir, tudo o que todo mundo tenta em vão ao longo da vida... como sou autora de tudo isso, se quiser posso também tornar eterno esse orgasmo.

Mas não, isso seria um inferno, das três tentativas até agora essa é a que enjoa mais rápido. Como é difícil ser criadora e ter a possibilidade de escolher o que quiser, todos os paraísos estão à minha disposição, mas e daí, qual deles escolho, será que escolho algum? Talvez os purgatórios sejam lugares mais apropriados para longas permanências.

Tento um deles: sou proprietária de uma padaria numa pequena cidade do interior, isso já há alguns bons anos. Todos os dias acordo de madrugada e eu mesma preparo os pãezinhos que vendo. Depois, enquanto eles ficam prontos, fico escutando o barulho do motor da geladeira e vou observando a luz do sol que vai molhando de dourado a faixa de asfalto em frente a padaria.

Todos os dias vendo a mesma quantidade de pães para as mesmas pessoas, as variações são insignificantes. Na parede um calendário com os dias que vão sendo riscados e os meses destacados. Ele mostra uma paisagem diferente

cada mês, cenas rurais, celeiros com vacas em volta, casinhas de campo com fumaça saindo pela chaminé... no balcão refrigerado, águas minerais, refrigerantes, numa pequena estufa alguns salgados que vendo a cada dois ou três dias, os que não são vendidos viram meu jantar.

Tenho um banquinho de pés altos que me deixa da altura do balcão, apóio meus cotovelos neles... as tardes passam lentas, as vezes ninguém aparece. Não tenho funcionários, então eu vendo o que me pedem e recebo o pagamento. Para isso, não sei bem porque, movimento-me do balcão para trás do caixa. Lá tem umas balas, uns doces e uns isqueiros que quase ninguém compra.

As vezes quando o calor está muito forte e a tarde demora muito a passar, abro um refrigerante e como um doce. Nos outros dias, em quase todos eles, o que acontece é tão parecido, que é impossível diferenciá-los.

Enquanto estou na padaria não penso muito em nada, olho o relógio, escuto os barulhos da rua ou a ausência deles, as vezes verifico a quantidade de farinha que tenho em estoque. Nas paredes existem cartazes promocionais de cerveja e refrigerante. Só que já estão bem desatualizados, falam de antigas promoções que aconteceram há muito tempo atrás, não sei porque nunca os retirei, não foi por falta de tempo. Também as paredes já estão descascadas e precisando de pintura.

Acho que se fosse para passar um tempo grande, ou todo o tempo que existe para mim, dentro de alguma situação, talvez essa padaria fosse um lugar melhor do que qualquer paraíso que eu pudesse criar. Isso porque o eterno prazer e a eterna dor se parecem. Escolho esfarelar ambos, prazer e

dor, em porções tão minúsculas que acabam não se diferenciando, mas não posso bater o martelo antes de experimentar o terceiro caminho: a dor.

Rapidamente saio da padaria, quase em frente dela existe um bueiro que de noite solta fumaça e que eu nunca soube porque. Com esforço consigo levantar a tampa e desço, machuco minha mão, o bueiro me corta um dedo fora. O sangue escorre enquanto desço o buraco de lama, risco um fósforo para ver no escuro, mas mesmo assim vou afundando meu pé por onde não enxergo.

O caminho lamacento fede a rato morto, aliás, sinto eles por toda parte, me pisando os pés, me mordendo os cabelos... continuo me enfiando na lama que vai roçando meu rosto e entrando na minha boca e no meu nariz, vou sentindo dificuldades para respirar.

Essa situação se parece um pouco com aquela que passei antes do instante em que comecei a cair, mas há uma grande diferença, e não é em relação à aparência dos ambientes que atravesso, a maior diferença é o que sinto. Antes sentia uma dúvida que me incomodava, um pouco de medo, principalmente de ficar entalada, mas agora o que sinto é uma profunda podridão interior, corpo e alma apodrecendo e assistindo seus apodrecimentos refletidos em um espelho.

Mas não é só isso, isso é só o princípio, o buraco é muito mais profundo. Cada célula do meu corpo e cada gota do meu pensamento doem, e cada uma dessas milhões de dores parecem competir entre si. E elas também formam conjuntos pequenos, médios e grandes de dores, que também têm personalidades próprias, e eu sou formada pela reunião desses grupos de sofrimento, além de pela dor individual de cada

uma das partículas que me constroem.

Algumas outras sensações se somaram às dores: um imenso nojo de mim mesma, uma ânsia de vômito por estar viva, uma sensação de que meu sofrimento só está começando, que será progressivo e não terá fim, um grande medo de tudo, principalmente de mim mesma, além de idéias desconexas e confusas que não me deixam nem ao menos tentar acabar com o sofrimento que sinto.

Mas há algo que é ainda pior, sinto o desejo secreto de que esse sofrimento continue e se aprofunde. Meu cérebro, além de não querer me defender, encontrou mecanismos para me soterrar ainda mais com dores. Não é o desejo do fim, muito pelo contrário, é a vontade de que toda e qualquer morte a que eu for submetida, sempre em mim sobreviva o meu nariz que, vivo e sozinho, sempre terá de suportar os cheiros das minhas dissoluções.

Então me imaginei um céu, um purgatório e um inferno, e nenhum dos três caminhos me parecem satisfatórios. Não poderia viver em nenhum deles, talvez o melhor seria eu imaginar um grande nada e depois esquecer-me do que estou imaginando, para que eu possa de vez viver nele. Outra possibilidade seria a mistura de tudo, pitadas de inferno no meu grande paraíso, o purgatório posso desprezar, talvez ele seja o resultado dessa mistura.

Só que como eu sou a cozinheira, vou acabar colocando cada vez menos ingredientes que não gosto, até não colocar nenhum, daí estou eu novamente em algum paraísozinho que criei para mim mesma. Todo paraíso sem fim é o caminho para um inferno, e o objetivo em si de um paraíso é criar um prazer que nunca acabe. Os mosquitos que nos mordem

enquanto desfrutamos de prazeres, são instrumentos de algo que procura dar um fim ao paraíso, logo o inferno e as dores podem ser benéficos e prazerosos, por interromperem com pequenas agulhadas o que os paraísos desejariam que nunca mais terminasse.

Não consigo construir para mim nenhum lugar ideal, todos os caminhos me parecem estradas sem saídas com falsas placas de orientação. Outra possibilidade seria eu deliberadamente acreditar numa dessas mentiras para passar o tempo enquanto não acabo minha queda, vou me distraíndo até que de repente me vejo cozinhando o almoço para minha família.

O caminho do paraíso me parece muito óbvio, também não tenho coragem de mergulhar num inferno, mesmo sabendo que um dia a água que me queima as costas irá esfriando, e por alguns instantes atingirá a temperatura ideal. Sempre fui fraca, o caminho que me resta é aquele em que acontecem menos mudanças.

Volto para minha padaria, só que dessa vez mais consciente de onde estou me metendo, e por isso mesmo mais descrente. Talvez até traga nos lábios um restinho de ironia quando agradecer aos clientes... “eu não tenho de te agradecer, e nem você a mim, o que fazemos é uma troca silenciosa sem méritos, repetitiva, sobretudo repetitiva, somos só dois elos da mesma corrente, cada um julgando-se único, e de uma certa maneira o são, mas as semelhanças entre os elos são muito maiores do que as diferenças”, tudo isso estaria implícito em meu sorriso irônico.

Ninguém nunca perceberia que eu desejava dizer alguma coisa que não fosse o que estava impresso nos saquinhos de papel em que colocava os pães “agradecemos a preferência”,

nem mesmo o fato de ser a única padaria na cidade, nem isso despertaria em ninguém a idéia de que meu sorriso não fosse uma reverência à escolha diária dos habitantes.

Um dia decido... ou decidi, não sei o tempo verbal porque é um novo caminho pelo qual estou me aventurando... decido, vou usar o presente... retirar da parede o velho relógio promocional que há tempos me mostrava o tempo se arrastando, acho que talvez, sem ele os fatos se sucedam com mais fluidez... ou não... talvez seja eu querendo temperar de prazeres a parte mais chata do dia, querendo criar uma pequena expectativa, quando uma nuvem encobrir o sol, acharei que o dia está terminando.

Mas ela passa e vejo que ainda restam umas boas horas de balcão, crio a expectativa e junto com ela a decepção, sempre ambas do mesmo tamanho. Mas sou eu querendo me mover, buscando sair do purgatório, lugar que deliberadamente escolhi para que servisse de passatempo enquanto minha queda não termina.

Tenho de ser fiel a meus ideais, se estou tentando alguma coisa, tenho de dar tudo de mim. Recoloco o relógio onde estava, nos próximos dias vou tentar começar apagar do meu rosto esse comecinho de ironia, e vou dar um jeito de acreditar piamente no que está escrito nos cartuchos de pães. Também vou parar de beber o refrigerante e de comer os doces que estão aqui para serem vendidos.

Mas uma mudança talvez eu faça, acho que vou retirar esses velhos cartazes de cerveja e vou dar uma pintada nas paredes. Depois coloco os novos cartazes que as distribuidoras de bebida me dão. Do jeito que está, a padaria está se modificando, a decadência é uma forma de mudança, minha

modificação será sutil, um instrumento da permanência. A mesma cor neutra que um dia estará descascada como hoje, a mesma propaganda que se desatualiza rápido.

Pronto. Tudo feito. Nos primeiros dias um cheirinho de tinta que incomoda, parece o restinho de alguma coisa que não é purgatório. Mas ele passa e as paredes morrem, as tardes avançam umas sobre as outras, a folhinha da parede vai sendo usada e arrancada.

Estou cada vez mais mergulhando num estado mental que faz as tardes passarem mais rápido, mas em compensação tenho menos prazer com a chegada da noite. Sem dores nem prazeres, tenho cada vez menos a impressão de que o tempo avança, ele me parece cada vez mais alguma coisa circular, que não foi feita para acabar, em todo caso, mais por hábito mesmo, continuo diariamente fazendo um xis em cima de cada dia.

Como tinha planejado, também consegui eliminar a ironia do meu sorriso e acho que até do meu pensamento, meu semblante agora é neutro, acho que talvez quem me veja, possa pensar que eu sou triste, pois eu não sorrio, mas a verdade é que tenho exatamente o mesmo grau de tristeza do que de alegria: nenhum.

Mas de uns tempos para cá eu comecei a notar uma coisa estranha com meus fregueses, pode ser só uma impressão ou uma auto-sugestão, mas me pareceu que alguns deles, principalmente os mais jovens, passaram a ter a ponta de sorriso irônico que antes me pertencia.

Se isso for verdade, talvez eu tenha conseguido cumprir minha missão, tenha atingido um ponto máximo de neutralidade na vida, e pode ser que algumas pessoas estejam

ironizando-me, pois acham que na vida a última coisa que se deve ser é exatamente uma pessoa neutra.

Outra opção, menos provável, é que também alguns deles tenham atingido esse estado absoluto de neutralidade e sorriem por terem encontrado alguém como eles... mas não, isso é bobagem, seria um outro tipo de sorriso.

Também não sei se cheguei a esse equilíbrio, acho que ainda não... mas a verdade é que as coisas estão fluindo com cada vez menos barreiras. Mas não creio que meus sorrisos estejam extintos, pelo contrário... talvez até, o sinal que eu emita quando atingir o exato estado de neutralidade, seja um sorriso. Só que será algo diferente de tudo o que já vi até hoje... os músculos da face se moverão de outra maneira, e nenhuma das tradicionais emoções estarão ali estampadas.

Conforme o ângulo que as pessoas me olhem, a ausência retratada em meu sorriso até poderá se parecer com alegria ou mágoa, mas olhando melhor qualquer um verá que o que existe ali é algo completamente diferente. É a independência de qualquer vínculo, os bons e os maus, uma liberdade contagiosa de uma alma que perdeu suas dimensões físicas, sorriso gasoso que já espalhou tanto suas moléculas pelos ares, que o que sobrou, é como se fosse um retrato do que um dia já estive lá, mas já foi embora. Independência sem morte nem vida, sem grito nem silêncio.

Eu sou mesmo uma imaginadora, esse sorrisozinho dos meus fregueses pode ser só uma ausência de inteligência, ou um sinal de que notaram a pequena reforma que fiz, ou até um desprezo irônico por acharem que eu sou uma pobre mulher infeliz que não consegue sorrir.

E também não sei se existe essa neutralidade absoluta,

talvez isso não seja possível e a gente sempre precise viver carregando um pouco de paraíso e inferno nas costas. O que talvez me pareça neutralidade é só meu cérebro sendo lentamente cimentado pelo peso da rotina. E se assim for, essa ausência que consigo hoje, irá aos poucos se transformando num inferno, e dentre as três opções eu acabarei caindo naquela que menos desejei.

Mesmo isso sendo apenas um passatempo que criei para me distrair enquanto minha queda não termina, essa possibilidade me assusta. Em todo caso, ao contrário da situação da queda, nesse caso, eu sou a senhora do destino, comando minhas ações e posso pular fora quando quiser, então continuo na padaria para ver onde isso vai dar.

De repente algo que não esperava, e que nem sei como lidar, o motor do balcão refrigerado pára de funcionar. Até que para o funcionamento geral da padaria isso não faz uma grande diferença, pois o balcão serve apenas para gelar água mineral, refrigerantes e cervejas. O máximo que pode acontecer é eu não vendê-las geladas, o que começo a fazer.

Mas o que me incomoda bastante é a ausência do barulhinho do motor, parece que o ruído facilitava a minha entrada no estado mental que apressava a passagem do tempo. Sem o barulho sinto o tempo muito mais sólido e espinhoso. Tenho coceiras pelo corpo que já estão deixando minha pele avermelhada, voltei a atacar os doces do caixa e a beber refrigerante quente, e até comecei a puxar uns assuntos bobos e sem graça com os clientes, com quem antes era seca.

Noto que por essa razão, alguns deles devem estar me achando falsa. Principalmente depois que se esgotaram todas

as bobagens sobre o tempo, e eu impulsionada pelo vazio que a ausência do barulhinho do motor me deixou, começo a demonstrar interesse pela vida dos fregueses e de suas famílias.

Acho que em toda minha vida não tinha mencionado tanto a palavra “reumatismo” quanto nesses dias, pronunciei também bastante as palavras “artrite” “catarata”, “vesícula”, e as expressões “foi para a capital...” “foi dessa para melhor...” “que Deus ajude...” “vamos rezar...” “que coisinha linda...” “quantos aninhos tem?”

Outro dia não pude evitar uma risada quando me dei conta do que tinha dito, dentre todas as frases feitas, eu tinha sem perceber, pronunciado aquela que sempre considerei a mais ridícula “que a terra lhe seja leve...”, saiu sem perceber, mas foi um sinal de que aquela quebra de motor, definitivamente tinha mudado minha vida.

Saltando para o tempo verbal do presente: tenho de decidir, deixo as coisas como estão e esqueço que algum dia houve um barulho que me distraiu, ou mando consertar o motor?

Não preciso decidir isso agora, posso ir deixando o novelo de lã ser desenrolado mais um pouco... uns diálogos... nesse instante um senhor me pergunta:

“Boa tarde... por que é que de uns dias para cá não tem mais refrigerante gelado?”

“É que o balcão quebrou.”

“Mas a senhora não pensa em arrumar... isso não é tocar um negócio... o pãozinho já não está grande coisa, e a senhora sempre me atende emburrada...”

“Então pegue o carro e ande vinte quilômetros para comprar pão em outra cidade, aproveite que lá tem um cemitério e fique por lá, seu velho nojento.”

Pronto. Acabou-se . Despedi-me do purgatório de vez, agora para sair do inferno vou ter de buscar o paraíso... o velho vai espalhar pela cidade o que eu lhe disse, os filhos vão querer tomar satisfações... mais bate boca. O purgatório é para poucos... mas não tem problema... isso é tudo uma criação da minha cabeça mesmo, vou continuar meu passatempo em uma das duas outras opções possíveis.

Pulo para o tempo verbal do passado: vendi a padaria, o velho que ofendi era muito querido na cidade, depois daquele dia ninguém mais me deixou em paz. Muitos clientes fizeram questão de andar vinte quilômetros para comprar pão na cidade vizinha. Parece até que quem comprou a padaria foi um parente do velho.

Fui para a capital decidida a buscar meu paraíso, com o dinheiro da venda consegui arrendar um bar na periferia. Dias de semana um ou outro bêbado pedindo pinga, fins de semana cheios com duplas gauchescas cantando. Muita gente, mas pouco dinheiro, pobres feios se namorando e dançando, música alta e horrível.

Comecei a beber, era Coca com Fogo Paulista todos os dias, arrumei um homem chamado Gilmar, era garçom no centro e me ajudava atrás do balcão. Trabalhava muito, quando não estava trabalhando estava bebendo. O Gilmar também bebia bastante e começou a se tornar agressivo. Um dia me deu um tapa na cara porque eu deixei uma garrafa cair no chão. Nunca esqueci esse tapa, mas ele esqueceu rapidinho, tanto que no dia seguinte estava me tratando muito bem.

Aquele lugar começou a me agoniar, não agüentava mais aquele mundo de bêbados pechinchando o preço de uma pinga ou pedindo fiado, não agüentava mais olhar para eles,

eram tão feios e cheiravam tão mal. Eu bebia para me aliviar, um dia me ensinaram que jogando umas pílulas dentro da bebida o efeito era mais forte, era fuga mais rápida do mundo feio dos bêbados e do tapa que tinha ficado no meu rosto. Todos os dias eu ia em busca dos meus paraisozinhos... mas eles eram cada vez menores e me levavam para infernos cada vez maiores.

A Joana era uma crente que passava de tarde no bar para conversar comigo, eu gostava dela, ela me dava conselhos, falava para eu parar de beber... sempre me convidava para eu ir fazer uma visita sem compromisso na igreja dela. Eu nunca quis e ela sempre respeitou minha escolha.

Um dia quando conversávamos de outro assunto eu perguntei pra ela se podia ir no culto. Nunca vi uma promessa tão direta de paraíso, tudo ali era oferecido de bandeja, se apenas uma pequena parte de tudo aquilo fosse verdade, então todo o tempo vivido antes de eu ter entrado naquela igreja tinha sido perdido.

Agradei muito à Joana, de cara parei de beber e comecei a me sentir útil. Tinha achado o meu caminho e estava me afastando do sofrimento. No primeiro mês me senti muito bem, mas depois, o fato de eu estar trabalhando com bar começou a me incomodar. Mesmo que eu soubesse que aquilo era um trabalho honesto, e que dali é que eu extraía meu sustento e até o dízimo que dava para a igreja, aquilo no fundo me parecia incoerente.

Eu achava que estava sabotando o paraíso, abrindo em segredo suas portas para que fosse inundado de imundícies. Mas o que eu poderia fazer? O bar até que não ia mal. Comecei a tentar fazer a cabeça do Gilmar para que mudássemos de

ramo, talvez transformar o bar em uma lanchonete. Afinal de contas tinha sido eu que investira o capital, ele entrou como um agregado que foi se encostando com a desculpa de que sem um homem ninguém me respeitaria.

Ele estava bebendo mais do que nunca e nem se lembrou desse fato, parecia que o bar sempre tinha sido dele e que ele tinha suado para comprar cada copo. Ele foi intransigente, se eu tinha virado crente o problema era meu, a bebida era o que dava dinheiro. Nós começamos a brigar cada vez mais, e eu a freqüentar cada vez mais a igreja.

Lá as coisas eram diferentes, a começar pela limpeza, nada de copos de plástico nem bitucas de cigarro no chão, tudo limpinho, depois lá só se falava de coisas boas, coisas boas que iriam acontecer. Eu ficava um pouco desanimada quando lembrava que se provavelmente continuasse trabalhando com bar as coisas boas não aconteceriam. Fui ficando nervosa e dividida, não voltei a beber mas comecei a tomar calmantes em grande quantidade.

Não achava certo o que eu fazia, eu estava estragando o que era bonito e o que poderia me fazer feliz. Fui sentindo uma culpa enorme e comecei a ficar com muita raiva do Gilmar, do bar e de todos seus freqüentadores. Desabafava com a Joana que só me dizia para eu ir falar com o pastor e ele, é claro, dizia que eu tinha de parar de vender bebida alcoólica, senão meus caminhos para o paraíso estariam fechados. Passei muitas tardes chorando na igreja, também aumentei a quantidade de calmantes que tomava, passava o dia inteiro sonolenta ou aérea. Essa divisão tinha me feito definitivamente uma moradora do inferno.

A conversa que tive com Gilmar resultou somente numa

ameaça de morte, aquele lugar era tão dele quanto meu e ele não ia dar nada para mim dividir com algum vagabundo. Percebi que com ele não tinha conversa, era tempo perdido, de uma maneira ou de outra, com ou sem bar, viver com ele seria escolher morar no inferno. Abandonei tudo sem dizer para onde ia. Ele que ficasse com tudo, eu só não conseguia mais viver daquele jeito.

Eu acho que para se saltar do inferno para o paraíso é preciso bastante coragem. Isso não me faltou, comecei a catar latinhas no centro, nos primeiros dias dormi num albergue da prefeitura, depois com o dinheiro que fui ganhando consegui dividir o aluguel de um barraco na favela. Era pobre, uma favelada, ganhava para a comida, mas pelo menos estava livre daquela divisão interna que estava me matando.

A moça que dividia o barraco comigo também era crente e trabalhava como empregada doméstica. Eu freqüentava a igreja e pagava o dízimo sobre o pouco que ganhava. Novamente comecei a me sentir bem, parei com os calmantes, mesmo porque não podia mais comprá-los. Era uma vida simples, mas no começo contentei-me com ela, mesmo comendo todos os dias a mesma coisa e dormindo num cubículo pequeno e sem nenhum conforto.

Hoje acho que tanto inferno quanto paraíso são regiões abertas que são constantemente invadidas por seus opostos. Nenhum lugar ou situação é impermeável a seus contrários. O fato é que fui me cansando daquela vida de favelada, me lembrei dos luxos que já tive na vida e comecei a me revoltar. A falta de resultados das promessas da igreja, depois de tudo o que eu tinha feito, me fizeram abandoná-la. Me tornei

descrente daquele paraíso prometido.

Telefonei para o Gilmar que tinha se juntado com outra, ele foi frio e me ameaçou de novo, achei melhor não insistir. Continuei minha vida, catava latinhas e bebia cachaça, a roda continuava a girar e eu estava ansiosa em saber quando é que ela passaria de novo pelo paraíso. Nem que fosse uma passagem rápida... a experiência toda tinha tido de positivo o fato de eu ter percebido que as coisas sempre circulam.

Me lembrei da padaria, do velho balcão refrigerado que tinha estragado e do tempo que eu tinha dado antes de decidir se o consertaria ou não.

Agora estou no presente, mesma bifurcação antes de xingar o velho:

“O senhor tem razão, essa semana mesmo vou providenciar o conserto. Me desculpe o transtorno, mas sabe como é cidade pequena, a gente não encontra mão de obra que preste.”

Tenho de dar um jeito nesse balcão... voltar a vender água gelada... voltar, voltar ao que era antes... e se eu não quisesse voltar a nada... desfaço-me da padaria e vou tentar alguma coisa diferente. Mas o que? Será que pego uns vinte mil reais pelas instalações e ponto? É o único lugar da cidade, acho que não será difícil vender.

Sei que quero mudar. Será que sei mesmo? Sim, sei, quero mudar, chega da padaria. É muito chato, é muito pobre, é um desperdício. Ainda tenho muita energia, uma cabeça cheia de idéias, que por um tempo ficaram adormecidas. Vou vender e depois vejo o que faço.

Agora volto a narrar como se o fato já tivesse acontecido, então consegui vender a padaria para o mesmo velho que

reclamou do balcão. Vinte mil reais, o que me pareceu um dinheiro interminável. Só que esqueci que eu morava nos fundos do imóvel, então com esse dinheiro teria de também arrumar um lugar para morar.

Passei uns dias em um hotelzinho pagando vinte reais por dia incluindo o café da manhã. Passava o dia inteiro na cama, eu queria ter usado aqueles dias para pensar o que fazer com o dinheiro e com minha vida, mas não consegui pensar em nada... dormia e assistia televisão.

No quinto dia comecei a me sentir tão inútil que tive de me mexer. Arrumei minhas coisas e fui para a capital, chegando lá achei um hotelzinho muito parecido com aquele em que eu estava hospedada, só o preço era diferente, trinta e cinco reais a diária.

Nos dois primeiros dias fiz o mesmo que fazia na minha cidade, fiquei na cama assistindo televisão. No terceiro dia fui passear a pé pelo centro da cidade, rua XV, praça Osório, almocei num restaurante por quilo, fui comer um doce num lugar chamado “Confeitaria das Famílias”. Comecei a tentar encontrar alguma placa de precisa-se de funcionários, não vi nenhuma.

Todo mundo que eu via me parecia muito sólido em seus empregos, e eu era só uma mulher de meia idade vinda do interior. Voltei para o hotel desanimada pensando em como seriam as coisas quando meu dinheiro acabasse, percebi que o que eu tinha não era nenhuma fortuna. Dormi e sonhei que o velho estava ficando rico com minha padaria e já tinha aberto várias filiais.

De manhã saí para caminhar decidida a procurar um emprego. Mas eu me sentia constrangida, tinha vergonha de

pedir, e o ritmo da cidade me deixava meio sem ação. Comecei a me arrepender amargamente de minha decisão, mas o que fazer agora, não iria voltar e pedir a padaria de volta, mesmo porque já tinha gasto uma parte do dinheiro. Na rua XV, adolescentes me entregavam panfletos promocionais, eu aceitava e agradecia a todos, estava com as mãos cheias deles e tinha vergonha de jogá-los fora.

O sol estava quente e eu não agüentava mais ficar andando, parei nas mesinhas da rua XV para beber um refrigerante. O garçom me disse que só refrigerante eu teria de beber no balcão, então pedi uma coxinha mesmo sem fome. Precisava de um tempo, pelo menos de descanso, já que não aparecia nenhuma idéia do que fazer da minha vida, sentei-me e comecei a examinar os panfletos que tinha nas mãos, eles diziam:

“Empréstimo sem burocracia...”

“Dinheiro fácil...”

“Sensacional clube das mulheres...”

“Digito trabalhos escolares...”

“Escola de informática...”

Eram tantas informações que fui ficando confusa, não estava acostumada com aquilo, logo ao meu lado havia um velho com dois enormes cartazes, um na frente e um nas costas que diziam: “Jesus me fez parar de fumar...”

O último panfleto que eu tinha nas mãos me chamou a atenção, estava escrito:

“Em curta temporada na cidade, a internacionalmente conhecida médium, vidente e astróloga Madame Armênia Andropov, vai ajudá-los a resolver todos seus problemas...”

O que me chamou primeiro a atenção foi esse “TODOS”,

escrito em letras maiúsculas no meio da frase. E o panfleto continuava "...amor, doença, emprego, angústia, olho gordo, inveja, resolvo tudo, cem por cento garantido. Desfaço trabalhos, abro caminhos, encontro pessoas desaparecidas, acabo com encostos. Quer que se apaixonem por você? Quer que te esqueçam? Problemas com vizinhos? Familiares? Financeiros? Nada dá certo?..."

E o panfleto continuava citando todos os tipos de problemas que um ser humano pode ter. No final havia um telefone e uma nota escrita em letras maiúsculas:

IMPORTANTE, SÓ ATENDEMOS COM HORA MARCADA.

Minha primeira reação foi "como é que pode haver alguém tão burro a ponto de acreditar nisso". Em seguida fiquei olhando para aquele mundo de gente apressada e de coisas para serem vendidas, uma menina veio me vender balas de goma e eu comprei, um homem veio me oferecer amendoins, o garçom perguntou pela segunda vez se eu queria mais um guaraná ou outra coisa da cozinha... e eu comecei a me sentir muito sozinha e pequena.

As sirenes de uma ambulância soaram altas, me lembrei do meu dinheiro escorrendo pelos dedos e fiquei muito angustiada, o mundo inteiro me era hostil. Mesmo com a necessidade que eu tinha de economizar, telefonei e agendei uma consulta com Madame Armênia. Acho que foi ela mesma que me atendeu, disse que a consulta custaria duzentos reais e que não aceitava cheques.

Chegando no endereço me arrependi de cara, o local era um apartamentinho num prédio horrível da rua Riachuelo. Bati na porta e ninguém atendeu, abri a porta e me vi dentro de uma sala de estar mal decorada, na parede um daqueles

quadros de Jesus com seu coração feito de asas de borboletas, uma televisãozinha mal sintonizada com palha de aço na antena e um sofá esburacado.

Resolvi bater palmas, que acabaram atraindo um pequeno cãozinho pequinês que veio todo brabo latindo e querendo me morder, escondi-me atrás do sofá. Foi quando uma senhora de cadeira de rodas chegou e muito agressiva perguntou quem eu era. Disse que tinha horário marcado com Madame Armênia e ela me disse para esperar. Enquanto isso o pequinês não me deixava em paz, latia sem parar e tentava o tempo todo me morder.

Uns quinze minutos depois uma senhora de uns sessenta anos muito gorda e maquiada entrou na sala. Desculpou-se pelo cachorro e me convidou a passar para o outro cômodo. Acompanhei-a até o lugar onde acho que ela dormia, era um misto de quarto, sala e consultório espiritual. A peça inteira era em vermelho e a decoração era uma enorme salada de tudo que possa ter algum vínculo, nem que distante, com misticismo.

Na parede havia desde fotos do papa e de Gandhi, até São Jorge e Jesus. Estatuetas de umbanda e terços católicos se espalhavam por todos os cantos. Em cima da mesa estava a clássica bola de cristal, além do jogo de búzios. Na parede, muito pequena, uma prateleira com alguns livros, consegui ler alguns títulos:

“A verdade sobre o segredo de Fátima”, “O mundo dos espíritos”, “Vida após a morte, o que é verdade e o que é mentira”, “O livro de ouro dos Babalorixás”, “Santo Expedito e as causas impossíveis”...

Quando ela começou a falar, notei que seu sotaque era o mais estranho que eu já tinha visto, não parecia europeu

nem oriental, parecia alguém fingindo um sotaque. De cara ela me pediu o pagamento adiantado. Paguei e reparei que tentando disfarçar para que eu não percebesse, ela sutilmente procurava verificar contra a luz se as notas que eu tinha dado não eram falsas.

Aprovadas, ela então me perguntou no que poderia ajudar-me, antes que eu respondesse ela perguntou meu nome e começou a jogar os búzios. Enquanto jogava, seu semblante ia se modificando. Parecia que o que estava vendo ali não era nada bom. Repetiu a operação de jogar os búzios mais de dez vezes, depois se levantou e voltou com um baralho de tarô.

Pediu para que eu tirasse três cartas, separou-as e depois começou a colocar as outras ao lado dessas que tinha selecionado. Sua expressão continuava a mesma. Comecei a ficar muito nervosa e pedi que ela me dissesse de vez o que me esperava. Ela pediu que eu rezasse com ela uma “Ave Maria” e um “Pai Nosso”, enquanto eu rezava escutava na sala ao lado os resmungos da velha de cadeira de rodas e o latido do pequinês.

Terminada a oração ela me disse que minha situação era problemática... isso eu já sabia... que eram problemas espirituais... isso não esclarecia nada. Ela se levantou e apagou a luz, queria ler alguma coisa na bola de cristal. Reparei, com tudo escuro, que havia uma pequena lampadinha dentro da bola de cristal, que me parecia mais um globo comum para lâmpadas que se compra em qualquer loja de iluminação.

Ela aumentou a intensidade das expressões faciais e deixou-as ainda mais dramáticas, de vez em quando ainda soltava um “Meu Deus”, “ Salvem-se as almas”, e fazia várias

vezes o sinal da cruz. Enquanto isso a velha aleijada do lado de fora, maldizia o cachorro que latia sem parar.

Me lembrei da primeira idéia que me veio à cabeça quando li o panfleto “Como é que alguém pode ser tão burro...”. Senti saudades das tardes passadas atrás do balcão, dos doces roubados de mim mesma.

Ela veio me dizer que alguém... completei a frase antes que ela pudesse terminar... alguém tinha feito um trabalho espiritual contra mim... ela ficou constrangida, gaguejou, me disse justamente o contrário, alguém gostava muito de mim e estava há tempos me enviando vibrações positivas.

Perguntei-lhe então por que tantas preocupações e expressões pessimistas enquanto ela lia a minha sorte. Ela me perguntou três vezes se eu desejaria mesmo saber. Depois dos três sim, o último gritado, ela me surpreendeu com a seguinte frase “Moça... não sei como te dizer isso... seria muito mais fácil para mim te dizer que você vai morrer amanhã... ou vai ficar inválida... ou então dizer que quem você mais gosta vai sofrer muito ou morrer... mas... é difícil dizer isso por diversas razões, a primeira delas é que talvez seja uma das piores coisas que possa acontecer a uma pessoa... a segunda razão é que ninguém que é comunicado desse fato, acredita nele... mas já que a moça insiste, vamos lá... você não é você mesma. Você é uma outra pessoa.

Fiquei com tanta raiva que dei um grito, o ódio era mais de mim mesma do que dela. Saí do apartamento imediatamente sem nada dizer e sem responder a seus apelos: espere um pouco... eu posso te explicar melhor... volte aqui...

Saí do prédio e caminhei sem saber para onde ir, na rua Riachuelo mesmo, vi a vitrine de uma loja que vendia

uniformes militares, de policial, distintivos de detetive particular, além de roupas camufladas, apitos para atrair patos... um pouco de humor negro me ocorreu: já que eu tinha investido tão bem meu dinheiro na consulta com Madame Armênia, eu poderia continuar nessa mesma linha de investimentos e comprar alguns equipamentos de autoridade para mim, além de uma faca com bússola, que também me seria útil.

Não comprei nada, na loja ao lado fiquei olhando para os tecidos que eram vendidos lá, cores e mais cores, padrões xadrez, bolinhas, desenhos... aquilo me confundiu ainda mais, saí dali depressa porque aquilo estava me fazendo mal. Só conseguia pensar no dinheiro que tinha jogado fora, e no que seria de mim quando ele acabasse.

Caminhei até a praça Tiradentes, fiquei reparando naquele mundo de pombos andando de um lado para outro em busca de comida e depois voando em grupo não sei para onde. Aquilo era tão... estranho, e as pessoas em volta, algumas sentadas e outras caminhando, e a Catedral e as lojas, os vendedores, a banquinha de revistas... tudo me parecia tão imensamente estranho.

Além de me preocupar com o meu dinheiro que estava acabando eu não conseguia pensar em mais nada... aquelas árvores escuras plantadas na praça, o chão feito de asfalto, as estátuas de bronze, o relógio de sol no alto de uma loja... eu simplesmente não conseguia entender tudo aquilo... e continuo repetindo... como aquilo me parecia estranho.

E essa sensação acabava neutralizando meu lado prático: eu estava tão confusa que não sabia o que fazer para resolver meus problemas, apesar de continuar mais do que nunca preocupada com minha própria situação, eu tinha

perdido a iniciativa. Era uma paraplégica sem sua cadeira de rodas, eu queria mas não conseguia me mover.

Entrei na Catedral e acho que atingi o ápice de meu estado de confusão, cores, formas e pessoas pareciam uma coisa só, não que eu enxergasse as coisas misturadas, mas parecia que a essência delas se confundia. Tudo era um pouco de todo o resto, e eu era só um olho isolado que não me misturava, olho arrancado de onde deveria estar, mas que por um acaso sobreviveu e continua enxergando.

O ar era sólido, todos estavam me olhando, inclusive os objetos, o mundo tinha perdido o movimento cinematográfico, e agora funcionava como uma série de quadros fixos que se modificavam com saltos bruscos. Saí de lá e caminhei muito, a luz do sol e as pessoas em movimento diminuíram um pouco minha sensação de confusão, mas ela continuava lá.

Tentei lutar contra ela, voltei para o hotel, fiz o cálculo de quanto dinheiro ainda me restava e de quanto tempo duraria... eu teria de diminuir meus gastos. Enquanto tentava ter essas idéias concretas, me veio à mente a cor roxa, que eu tinha visto ao redor do pescoço de uma pomba. O colar de penas brilhantes estava querendo novamente me arrastar para o mundo da confusão mental... pensei em qual tipo de emprego poderia procurar... onde poderia achar um lugar mais barato para morar, se meu dinheiro daria para comprar um carrinho de pipoqueiro... lutei muito contra a confusão mental.

Depois comecei a fazer mentalmente contas de somar, diminuir, multiplicar... quanto eu tinha de altura, quantos quilômetros ficava a minha cidade da capital, quantos metros quadrados tinha o quarto em que eu estava hospedada. Virei a mais prática das mulheres. Aos poucos fui me afastando da

abstração e me aproximando do mundo das respostas lógicas.

Eu havia gasto com Madame Armênia 1.25 % de todo meu capital, numa sessão que durou meia hora. Se continuasse assim, em apenas quarenta horas eu não teria mais nada. Como era tão enormemente desproporcional o tempo que eu tinha levado para acumular aquele dinheiro, do tempo necessário para gastá-lo! A desproporção do tempo era um assunto perigoso, não quis arriscar. Me defendi imaginando tabuadas, raízes quadradas, afluentes do Amazonas e capitais de países.

Na manhã seguinte cheguei a uma conclusão, uma idéia que me atravessou como um raio: talvez... apenas talvez... mas há uma possibilidade, apesar de pequena, de que Madame Armênia estivesse certa. Só que isso era um assunto ainda mais perigoso que a desproporção do tempo, tinha de desviar o pensamento dele, e como é difícil a gente não pensar em alguma coisa. Depois de um minuto o encadeamento de idéias acaba trazendo-a de volta.

Entretanto tentei dar um salto radical para o outro lado, como ainda era de manhã aproveitei o dia, fui de bar em bar, de padaria em padaria, pedi emprego em todos os comércios que pude. A maioria dizia que não estavam precisando, alguns diziam para encaminhar meu currículo, mas eu não tinha muito o que escrever nele.

Exausta e sem almoçar, no fim da tarde fui comer um cachorro-quente na praça Rui Barbosa. A senhora que me atendeu foi tão simpática comigo que eu acabei chorando, era a primeira pessoa que me tratava bem na capital. Contei-lhe toda minha história, ela me disse que era sozinha e iria fazer uma cirurgia, precisava de alguém que cuidasse do

carrinho no período em que ela estivesse se recuperando, mais ou menos um mês. Disse que me daria uma comissão sobre as vendas. Fiquei tão alegre com esse convite, principalmente por ela ter confiado numa pessoa que não conhecia.

Aceitei na hora, eu iria buscar o carrinho que ela deixava num estacionamento no centro, ela me explicou direitinho onde comprar os pães e como preparar os molhos. Eu sabia que aquilo não daria grande coisa, mas era meu primeiro passo.

Dona Rosa morreu durante a cirurgia. Chorei muito. Quem me disse foi o vendedor de cachorro-quente do lado. Ela não tinha ninguém, o que eu fazia com seu carrinho. Recebi propostas de compra, mas eu não podia vendê-lo. Acabei recebendo essa herança da única pessoa que me sorriu com verdade no rosto.

Saí do hotel em que morava e fui para uma pensãozinha na rua Paula Gomes, onde havia um fogão coletivo que eu podia usar para preparar alguns dos molhos. Eu pagava duzentos reais por mês, tinha um quarto só para mim, o banheiro era coletivo mas limpo.

Meu humor mudou e eu estava me sentindo útil, pensava somente nos afazeres cotidianos e tinha conseguido afastar da cabeça as idéias que poderiam me perturbar. Quem morava nessa pensão também era um velho pintor que vendia suas telas simplórias na feirinha do Largo da Ordem. Tentando homenagear quem tinha me feito o bem, pedi para o velho pintar uma rosa vermelha no carrinho de cachorro-quente. Um agradecimento singelo.

Aprendi o serviço rapidinho, procurava caprichar o máximo possível nos molhos, tinha sempre pão fresco e tentava ser o mais gentil possível, sem ser falsa, com os

clientes. O negócio começou a dar certo. Comecei a ganhar um bom dinheiro e a ficar conhecida. Tinha gente que vinha de longe e comprava cinco ou seis sanduíches para a família. Ganhei gosto pela coisa, comprei uma chapa e passei a fazer x-saladas e outros tipos de sanduíches.

Por causa da pintura no carrinho passei a ser conhecida como “Rosa”, aceitei esse apelido com o maior orgulho. Fui até entrevistada por um repórter de uma revista, que me disse que meu cachorro-quente tinha sido votado como um dos melhores da cidade. Duas semanas depois me trouxeram a revista, eu tinha sido classificada em segundo lugar, atrás apenas de uma grande loja de sanduíches sofisticados que ficava no Batel.

Duas lágrimas me escorreram de emoção, lembrei-me da verdadeira dona Rosa e de seu sorriso puro, a emoção conduziu meu pensamento para outra rosa, aquela que há muitos anos atrás me fez atravessar a fronteira que nos separa de um mundo mais sutil. Isso me fez lembrar de quem sou e da situação que estou vivendo... sou apenas a mulher que está caindo, e que por não encontrar fundo nem bordas para se segurar, distrai-se em mundos criados.

Não queria ter me lembrado disso, pra dizer a verdade essa lembrança me deixou muito furiosa. Mesmo com toda a gratidão que tinha por dona Rosa, mandei apagar a flor do carrinho, e passei a exigir que me chamassem por meu nome verdadeiro.

Deixei o carrinho livre para que o artista pintasse o que quisesse. Ele pintou um pôr do sol alaranjado com uma praia cheia de palmeiras e mulheres de biquíni. Eu conseguia imaginar poucas coisas que fossem mais cafonas do que

aquilo. Mas quando ele me entregou o carrinho vi no seu sorriso que ele achava que tinha realizado sua obra prima. Paguei-o e o elogiei por pena.

Não sou supersticiosa. Mas estranhamente, depois que apaguei a pintura da rosa, as coisas começaram a mudar. Outros carrinhos surgiram para dividir a freguesia, as vendas caíram pela metade e depois para um terço. Os vendedores antigos foram embora e eu já não conhecia mais nenhum dos novos. Fui assaltada duas vezes, na segunda me levaram até o bujãozinho de gás e o fogareiro que usava para aquecer as salsichas.

Mas fosse como fosse eu sabia que não poderia simplesmente voltar a pintar a rosa no carrinho. Não tinha dinheiro para comprar outro bujão e fogareiro, e já estava com dois meses atrasados na pensão. Não tive alternativa, com o coração doendo vendi o carrinho por seiscentos reais. Paguei os dois meses atrasados da pensão e me sobraram duzentos reais. Quatro notas de cinqüenta era o que me restava.

Recomeçava a vida na capital, só que agora tinha um por cento do dinheiro com que cheguei. Teria de me virar depressa, senão seria despejada e iria morar na rua e não ter o que comer. Até onde eu poderia agüentar a situação? Já me via passando fome, sem dentes, tentando escolher no lixo alguma coisa que pudesse engolir sem mastigar.

Mas enquanto isso não acontece vou continuar o máximo que puder esse passatempo... era isso que eu pensava... porque senão acabo voltando para minha queda no escuro, que não tem nenhuma garantia de um dia terminar.

Fiquei uma tarde inteira trancada no meu quarto com os duzentos reais na mão tentando encontrar uma saída... eu

poderia voltar para minha cidade, mas isso não adiantaria nada, além de não ter mais onde morar, lá era muito mais difícil arrumar emprego.

Cansei de ficar deitada e fui tomar um ar, caminhei bastante, tão distraída quase fui atropelada por um ônibus. A idéia me veio na hora: o que aconteceria comigo caso eu acabasse com tudo? Será que voltaria para a minha queda no vazio, ou será que até ela terminaria?

Sempre fui covarde, tirei na hora a idéia da cabeça, sempre restava um caminho alternativo, uma rosa ou uma dona Rosa que poderiam aparecer.

Sentei num banco da praça do homem nu, fiquei pensando sobre o meu dia, esse único dia que já englobava alguns anos e todo tipo de experiências. Não tentei chegar a nenhuma conclusão... contemplei os ônibus e as pessoas passando, a rua, o céu cinzento, os prédios... contemplei o espaço e me lembrei de quantos espaços eu tinha atravessado no dia de hoje. No imenso dia de hoje. Só lembranças, sem conclusões... a não ser uma... tempo e espaço são como duas gotas d'água.

Parei por aí, não tinha tempo para raciocínios abstratos, comprei um cachorro-quente mas dessa vez não conheci nenhuma dona Rosa, o sanduíche estava horrível e me causou enjôo. Continuei andando meio deprimida e enjoada, o dia estava cinza e frio e as pessoas pareciam tristes e apressadas. Não queria voltar para a pensão, não tinha para onde ir nem o que fazer. Não tinha ânimo para pedir emprego, me senti um nada que caminha para mais nada.

Tinha abandonado qualquer possível purgatório e estava conhecendo um pouco do inferno, tentei me animar porque

sabia que é do inferno que nasce a semente do paraíso... aquilo deveria ser passageiro, me lembrei de Deus. O ser que hoje de manhã eu tanto menosprezava, e de uma certa maneira até quis me colocar no lugar dele, achando que eu poderia produzir com minhas idéias um destino melhor para a humanidade.

Esse mesmo Deus, que hoje mesmo, pelo menos acredito que nenhum dia se passou desde que acordei para ir ao Passeio Público, me entreguei de corpo e alma, esperando dele a solução de todos os problemas e a criação de um paraíso particular para mim.

Havia dois deuses no dia de hoje, um vivo e o outro morto, na situação em que estava eu precisava chamar pelo vivo. Gritar por ele e prometer-lhe tudo o que pudesse. Foi o que fiz. Acho que agi bem, fui dormir mais tranqüila. Tive um pesadelo horrível, o chão abria-se entre minhas pernas e eu ficava com um pé de cada um dos lados de um precipício, embaixo muita lava incandescente. A abertura na terra ia lentamente aumentando e eu abrindo mais minhas pernas, não sabia para que lado pular e isso me desesperava. As fagulhas que vinham do precipício começavam a me queimar.

Caí. Acabei batendo meu pé com toda força num ferro da cama, fiquei com uma marca roxa. Deus tinha me mandado uma mensagem durante o sono, não iria me ajudar por tudo de ruim que eu tinha feito: suspeitar da existência dele, bebedeiras, viver junto sem casar, mas o que tinha feito de pior era justamente ter tentado me colocar no lugar dele. Agora eu estava pagando por essa ousadia, uma alminha pequena e mesquinha como eu... talvez eu pudesse me arrepender, me valer da infinita misericórdia.

Não posso me esquecer de que quando dei tudo de mim para louvar o Senhor, também nada de bom aconteceu, eu já tinha é verdade, cometido pecados, mas onde estava a infinita misericórdia? Onde estava o paraíso prometido?

O sonho talvez tivesse sido enviado por um terceiro Deus, nem vivo nem morto, um fotógrafo hibernante que nos manda retratos fiéis de nossa situação, sem julgar e nem participar dela. Um ser que viu que minha divisão só levaria a uma catástrofe, e me mostrou o que iria acontecer comigo se eu não tomasse uma decisão de qual caminho seguir.

Aquilo seria um retrato acabado ou ainda haveria a possibilidade de escolha? Tentei me lembrar de todas as minhas idéias para um mundo melhor, tentei retirar dali tudo que fosse pretensão e desejo de glória pessoal, muita coisa ruiu, mas também algumas coisas permaneceram. E dentro dessas coisas, eu não tentava ser Deus, eu tentava dar um espaço para que ele agisse dentro de mim.

Lembrei-me do pequeno aviãozinho solitário, plantando e plantando. Gritei chorando: “ Sou da raça das plantadoras de sementes”.

Sou plantadora e ao mesmo tempo sou semente, que quando é atirada ao solo, enquanto não cai na terra, dá voltas no ar sem destino, achando que nunca cairá na terra, e caso caia, acha que nunca brotará.

Então minha queda faz parte de minha raça, além de aceitá-la, tenho de me alegrar com ela. Tenho de entender que eu sou muitas, não posso simplesmente me esquecer do que fui ontem e passar somente a considerar o que sou hoje. A mulher de ontem ainda vive hoje. A menina encantada que viu o relógio quebrado sob as águas do rio São João foi

sendo lambida pelo tempo e construiu-se sobre ela uma pessoa que também é ela. Camadas acumuladas de humanidade estão sendo unidas pelo transcorrer dos dias.

O mundo melhorado pela educação e pela ciência virou o mundo do Deus que castiga e recompensa. Mas a esfera continua rolando sobre seu eixo e também rolando no espaço. Do mesmo jeito que eu.

Do Deus punitivo e da miséria poderá nascer o mundo que antes eu imaginei. Como plantadora de sementes não posso escolher o que atiro ao solo... nascem árvores frutíferas e ervas daninhas, nascem também plantas cuja única função é sufocar as raízes das outras.

Só que enquanto não paro de cair, continuo no meu quarto barato de pensão, com pouco dinheiro e sem saber o que fazer. Meu pé ainda dói da batida que dei na cama quando acordei. Mas decidi, não vou buscar o paraíso em nenhum lugar que não esteja ao meu alcance, nem nas minhas idéias de um mundo melhor, nem nas promessas de algum Deus.

Se o paraíso tiver de acontecer será através de minhas mãos. Eu mesmo o faço acontecer. Nada de amanhã, talvez ou depois. Sou eu quem transforma e é transformada... o mundo melhorado e o paraíso divino tem de primeiro acontecer dentro de mim, farei tudo para que aconteçam, se não acontecerem é porque não existem e não são possíveis.

Jogar no bingo com o resto do dinheiro que tenho... é uma idéia boba que aparece e logo vai embora. O paraíso tem de acontecer dentro de mim... ele tem de acontecer, caso contrário ele não existe... tenho de me esforçar mais do que nunca... dar tudo de mim e esquecer as abstrações e as saídas mágicas, tenho de ser prática. Tenho de me tornar a prática.

Duzentos reais... para onde ir... qual a maneira... uma ação concreta... sem subterfúgios... aqui e agora... fingindo que esse é o único mundo e que o que eu fizer será uma ação absoluta, única e definitiva... uma saída para um problema de sobrevivência...

Cocadas. É isso que vou fazer, tem o fogão comunitário da pensão... com o dinheiro compro os ingredientes... fazer eu sei, e das boas... daí improviso um tabuleiro e é só sair vendendo... a fiscalização eu desvio, é só não dar muito na cara, eles tem coisa maior com que se preocupar. Vendo no Passeio Público, nas praças, nos pontos de ônibus. Faço da branca e da preta, se der certo posso inventar uns outros sabores. Junto um dinheirinho e compro uma barraquinha pra vender em algum lugar fixo.

No começo é difícil, já tenho tão pouco dinheiro e ainda vou arriscar, o coco tá tão caro, minha margem de lucro vai ser pequena... os dias passando e o aluguel da pensão vencendo e eu com um monte de cocadas juntando mosca.

Não. Não. Vou tentar de qualquer jeito, não tenho escolha, é isso ou me prostituir no Passeio por dez reais. Cocada a um real, não, talvez um e cinqüenta... duas por três reais... dois e cinqüenta. Não adianta fixar um preço sem saber os meus custos.

Sonhando com um paraíso que chega através de um mar de moedinhas de ouro, eu acordo contente, me vem à memória moedas de ouro feitas de chocolate, que eu ganhava quando era criança. O açúcar que imagino me aguça a vontade e as energias. Tenho de sair da cama com um pulo, o supermercado me espera, lá escolherei os menores preços... depois muito trabalho. Vai dar certo. Vai dar certo. Vai dar certo.

O dia está chuvoso, como é que vou trazer as coisas sem molhar... sombrinha, açúcar, é muito peso, com táxi também não posso gastar. Espero um pouco no quarto... até que a chuva pare... vou me concentrar no negócio, preços, lugares para vender, lembrar dos ingredientes, vou até escrevê-los, mesmo já sabendo de cor como fazer, preenche minha cabeça, não quero que sobre nenhum espaço vazio para...

A chuva parou. Sou só números. Qual o supermercado mais perto? E os preços dele? Quantos posso pesquisar antes que o tempo comece a me custar mais caro do que a economia que possa vir a fazer?

O primeiro não é longe, é de tamanho médio... esses normalmente não são dos mais baratos... vamos ver aqui... ali... trouxe a caneta... somando tudo o que preciso vai custar cento e cinqüenta e quatro reais. É caro, só vão me sobrar quarenta e seis reais.

Que merda, começou a chover de novo, espero aqui dentro. No custo benefício acho que não vou economizar grande coisa em outro, aproveito o tempo perdido e faço as compras. Agora virou temporal, tá caindo até pedra... e eu aqui com minhas coisinhas... vou caminhar por esse asfalto escuro molhado no meio de um monte de gente desconhecida... não posso me deixar afundar... não posso... sou minha maior inimiga. Que os números e a vontade venham ao meu socorro e me livrem do desânimo.

Com o que comprei poderei fazer umas trezentas cocadas, o que me renderá tirando as perdas, uns quatrocentos reais. A chuva acabou do mesmo jeito que veio. As pedras de granizo derretem depressa. A moça do caixa sorri para mim, agradeço-a... as pessoas não são tão solitárias assim.

Esqueci-me do tabuleiro. Não vou poder comprar um. Deixo essas coisas na pensão e vou atrás de umas caixas de madeira velhas, vou ter de fazer um. Tenho um vestido velho que serve para a alça. Caixa de maçã, repolho, qualquer coisa, empresto martelo e prego, dou um jeito.

Cinco da tarde. Fico até a hora que for necessário trabalhando, mas amanhã cedo saio vendendo. Também não precisa ser tão cedo, pouca gente come doce de manhã.

Tudo saindo bem, a caixinha ficou bonita, ninguém diz que era de maçã. As cocadas secando, só vai dar para eu levar umas sessenta, mas se eu vender sessenta no dia já está ótimo. Estou ficando com sono, já são duas horas da manhã.

Que sonho louco que tive, eu estava dentro de um caldeirão cheio de cocada líquida que estava queimando, eu pedia ajuda e tentava escalar as paredes, mas a Madame Armênia vinha com uma enorme vara e me empurrava para baixo me dizendo “não tente sair porque aí é lugar algum”. E eu engolia aquela pasta branca que entrava pelo meu nariz. Acordei afogada pelo lençol.

Tudo pronto. Bem vestida, as cocadas separadas, brancas e pretas, guardanapinho branco... dez e meia, uma boa hora para sair, tomar cuidado com os fiscais. Acho que vou primeiro para a praça Rui Barbosa, tem muita gente lá. Depois eu podia tentar um desses prédios de escritórios, é difícil entrar... cubro o tabuleiro com um pano, digo que vou consultar um médico.

Por enquanto ninguém deu bola, não sei se devo caminhar ou ficar parada, acho que vou pegando as manhas aos poucos. Tenho de ficar parada, senão vai parecer que eu só estou transportando as cocadas. É só me lembrar das prostitutas do Passeio, paradas a maior parte do tempo, caso não exista

movimento, mudam de ponto.

Meu velho ponto de cachorro-quente, dei tanta sorte nesse lugar, fui bem feliz e só um pouco infeliz, mas como ela normalmente vem por último a gente tem o vício mental de esquecer tudo de bom que aconteceu.

Já estou há uma hora na rua e não vendi nenhuma, ninguém nem perguntou quanto era. Talvez eu tenha jogado fora o pouco dinheirinho que tinha. Poucos são os que olham o que estou carregando. A apresentação está boa, eu tenho uma aparência limpa, onde é que estou errando?

Vou experimentar ir gritando “cocada” em voz alta, ou “olha a cocadinha, tem da branca e da preta”, “cocadinha feita com amor”, “receita da minha vó com leite condensado”, “ baratinho baratinho”, “vamos adoçar a vida”, “coco da Bahia e amor do coração, a cocada que desperta paixão”, “ a criança tá querendo, mamãe leva uma pra você também”, “eu tenho troco”, “é só um e cinqüenta, as moedinhas que sobram no bolso”, “ leva três que eu faço um desconto”, “já faz uns oito anos que eu trabalho com isso”, “dá pra ir tocando, sustento a família assim”, “não, com cachorro-quente nunca trabalhei”, “minha mãe era baiana, por isso desde pequena eu via ela fazendo”, “o lucro é pequeno, freguesa, por isso tenho que vender bastante”.

Vinte para uma, pelas minhas contas já vendi dezesseis. Ganhei vinte e quatro reais em duas horas de trabalho, tá ótimo. Não posso relaxar, depois do almoço é que acho que o pessoal compra mais. Vou para a rua XV, saída de lanchonetes e restaurantes. Não posso pensar em almoçar agora.

Mais uma, mais duas, um pacotinho com três para um pai de família. Que bom, a coisa parece que tá dando

certo. Descobri que o segredo da coisa está na palavra. Não posso deixar de ficar falando, não importa muito o que. O negócio é mostrar que estou viva e amarrar essa demonstração com meu produto.

Acho que depois das duas da tarde a maioria do pessoal volta a trabalhar e as vendas caem. Hoje é só o primeiro dia, vou aprendendo como não perder tempo. Talvez agora eu possa tentar os prédios de escritório. Trouxe o pano, cubro, tiro a alça do pescoço e carrego no braço. Tem prédios que querem interfonar para onde eu disse que vou, têm outros que é mais fácil, é só ir entrando. Quanto mais chique mais difícil é.

Vou experimentar esse aqui... aquela cara de anos cinqüenta, fachada cinzenta da poluição, elevador velho e barulhento, porta toda riscada, médicos, advogados, um sindicato, o ascensorista é velho e triste, ele me diz que no prédio não pode vendedores... só estou entregando uma encomenda. Ele me incomoda, desço no terceiro e vou subindo a pé, outro dia nem pego elevador. Aqui parece que só tem advogados, bato numa, duas, três salinhas, secretárias aborrecidas me dizem que não, uma me olhou com desprezo, outras duas suspiraram. Aqui não posso ficar falando muito alto.

Quarto andar, incrível como as salas são iguais, um sofazinho, uns quadrinhos na parede, carpete de cor neutra e a escrivaninha com a moça entediada, as vezes uma caixinha de som no teto com uma musiquinha de elevador tocando bem baixinha.

Nem no quinto nem no sexto andar, nada, no máximo um sorrizinho constrangido e um “hoje não, outro dia, tia”, ainda faltam catorze andares somente nesse prédio. Essas mocinhas que passam a tarde inteira olhando pro mesmo

quadrinho na parede podiam comer um docinho. Pra elas talvez eu tivesse de dizer “não engorda, podem comer à vontade, é até bom para a pele”.

Décimo segundo, estou cansada, talvez seja melhor tentar outro prédio ou continuar vendendo só na rua. Último andar que tento, último conjunto: um consultório de um médico psiquiatra. Porta fechada, batendo ninguém responde, empurrando e mais uma salinha, só que sem secretária. Uma mulher esperando consulta. Me pergunta o que carrego escondido, esqueci de descobrir as cocadas. Seus olhos brilham, ela pega uma e come em segundos, pega outra e come até a metade. Enche as mãos com mais seis e coloca direto dentro da bolsa, recusa os pacotinhos que ofereço. Agora pega a metade que tinha na boca e não comeu e espreme no cinzeiro com os dedos. Parece que está com raiva, sua mão treme, mas ela sorri, seu lábio de baixo também treme.

“Se você soubesse o que minha gengiva pensa dos meus dentes e o que eles pensam dela”, ela diz isso e solta uma gargalhada, tento rir um pouco, ela pergunta meu nome e diz que é bonito. Me dá uma nota de cinqüenta reais, e enquanto estou contando o troco, o médico chega e ela entra com ele.

Consigo fazer o troco, trinta e oito reais. Enrolo o dinheiro num guardanapo, escrevo “troco das cocadas” e enfio embaixo da porta. Estou exausta mas contente, desço as escadarias a pé para evitar o ascensorista. Ainda me restam algumas cocadas mas cansei de falar, vou voltando para a pensão. Quantos prédios, na verdade acho que não é tão fácil vender nos prédios, eu é que dei sorte com aquela mulher.

No mundo com o qual eu sonho, não haverá espaços para essas salinhas sem personalidade, onde as moças se afundam no tédio, tarde após tarde, suspiro após suspiro... pequenos truques para ver se o tempo escorre mais depressa. Ânãsia de um mundo enjoado. Mas por enquanto o mundo que desejo é do tamanho do tabuleiro que carrego.

Quarenta e três reais e cinquenta centavos, da venda de vinte e nove cocadas. Se vender isso todo dia consigo viver com folga, pago a pensão e ainda me sobram uns quinhentos reais. Nesse instante estou bem contente e acho que estou aprendendo uma técnica esperta, nos dias de tristeza lembrar que somos um acumulado de pessoas e experiências e que a camada que está sofrendo é só mais uma que logo será encoberta por outra.

Já nos dias de alegria, esquecer-se de todo o resto e só pensar no instante. Em teoria isso é fácil, mas não consigo, a felicidade me parece uma rosa, que arrancamos do pé e guardamos dentro de um livro. E é justamente quando estou alegre que tenho mais clara essa noção de que as camadas sobrepõe-se, e que somos sempre um pouco do que já fomos.

E essa noção de que a rosa é triste se fica amassada dentro de um livro, me diminui a alegria e me deixa pensativa. Adoro esse estado, é quando sinto mais fortemente que minha terra arada está esperando que as sementes sejam jogadas.

Já sei o que vou fazer, deixo o tabuleiro na pensão e vou ver o fim de tarde, a luz caindo, as mocinhas aliviadas porque a espera, pelo menos por hoje, acabou. Volto cedo para preparar mais para amanhã.

Se visse alguém se esforçando como eu estou, ficaria com um nó na garganta. É verdade, mas não posso mergulhar

na auto-piedade, mesmo porque todo mundo, em alguma ocasião, será digno de pena.

Sou só mais uma pessoa, cheia daquilo que constrói as pessoas. E não adianta... simplesmente isso... não adianta... esse será meu lema. Não triste nem desanimada, só não querendo fazer esforços inúteis. Outro lema teria de adicionar ao “não adianta...” seria o “sou tão dividida...”, e esse segundo lema acaba prevalecendo sobre o primeiro porque junto com o “não adianta...” nasce também o “é claro que adianta sua covarde, mexa essa sua bunda mole e vá fazer alguma coisa de útil”.

Eu estou tentando, mas é tão difícil, é desanimador, a gente não sabe se faz ou deixa de fazer, e mesmo fazendo, não sabe se aquilo serve para alguma coisa ou se é só perda de tempo.

Imagino que as moças que trabalham em salas decoradinhas devam ter um namorado. E elas o chamam de amor, e eles também as chamam de amor, só que com menos convicção. Nos finais de semana eles passeiam e conversam, reclamações e planos. Distraem-se, vão ao cinema, fazem algumas comparações de suas vidas com o filme que viram. Ela chama de amor o sexo que fazem, ela conversa muito com as amigas pelo telefone, diz que não vê a hora de largar o consultório. Ele sente-se levemente pressionado, há tantas moças bonitas por aí, cada uma com uma parte do corpo ou do rosto que é perfeita, ele compõe na cabeça a soma dessas melhores partes, e seu instinto, no fundo, transforma sua namorada em culpada por ele não estar provando dessa salada de frutas feminina.

Ela também o julga culpado por não demonstrar o amor que diz ter, por olhar para outras mulheres quando está

acompanhado dela e por, no fundo, não ser digno de confiança.

Da mesma maneira que eu, ambos são tão divididos, homem e mulher lutam para saber se vale ou não a pena... se adianta ou não adianta. Divisão com sobras de culpa e mágoas.

Mocinhas de todas as salinhas sem sal do mundo, rapazes que as namoram, o que todos nós podemos fazer para resolver esse problema? Não me respondam com minhas próprias idéias: nova educação, nova ciência, nova maneira de pensar... eu mesma não sei se acredito mais nisso, isso são minhas camadas íntimas de pele, preciso da pele que será bronzeada pelo sol, do anestésico imediato, do prazer que escorre sem egoísmo no encontro dos namorados, das coisas postas a limpo, da sujeira defecada. Preciso da resposta prática... do não. Do pare. Do chega. Do vou descer do ônibus mesmo que ele esteja em movimento.

Preciso do encontro verdadeiro, sem teatros sociais... sorvete enfiado no nariz do amante sem razões, risada e choro fáceis. Não preciso de planos nem de números, preciso de poucas palavras ditas em poucos momentos adequados.

Sou uma dessas mocinhas, e as salas sem graça têm muitas formas. Digo a vocês o mesmo que devo dizer a mim mesma. Acabem com o sofrimento em gotas, não inventem desculpas, gritem quando precisarem, destruam seus diários bobos, deixem eles acontecerem sem estarem escritos. Deixem o futuro onde ele está, sem tentar arrastá-lo para o presente. Aliás, quanto menos objetos forem arrastados mais energia nos sobrar.

Rapazes... rapazinhos completadores das mocinhas... se vocês realmente conseguissem juntar os melhores pedaços de todas as moças que vêm passar, acabariam criando um

monstro horrível. O mesmo vale para vocês... não arrastem os pedaços de ninguém.

Como uma e duas e três... já estou sem fome e bem enjoada. Amanhã almoço direito, não posso ficar gastando no começo. Essa tontura... sento no banco da Santos Andrade, que horário bonito é essas seis e meia, com o céu limpo e um friozinho chegando... os pombos se escondendo e os jovens com uma pressa sorridente. Tonta... enjoada, muito sol na cabeça, pouca alimentação, muito esforço, já não sou mais menina...

Espero um pouco enquanto a tontura não passa, meu suor do dia tá me fazendo ficar gelada, se pego uma gripe amanhã vai ser difícil trabalhar. Não estou mais tão contente como estava há uma hora atrás. O que ganhei me parece pouco, se tudo der certo, se não chover nunca e se eu der sorte sempre, os quinhentos reais limpos que vão me sobrar depois de pagar a pensão, também não são porcaria nenhuma. É para sobreviver.

Lá vem uma mulher, vai me pedir alguma coisa ou oferecer.

“Senhora, me desculpe te perturbar, não quero te pedir nada... é que eu estava passando pela rua XV... e me deu um desespero tão grande... daí um rapaz me deu esse panfleto de “crédito imediato”, parece que o desespero só aumentou... eu não quero incomodar... não quero incomodar ninguém... cada um tem seus problemas e cada um acha que eles são maiores que os dos outros...”

“Pode falar, não está me incomodando... vai ser até bom para mim... quem sabe eu consigo desviar minha atenção só de mim mesma. Quer uma cocada?”

“Aceito sim. Me desculpe... o que você tem a ver com

meus problemas... é que não estou mais agüentando... queria sumir de vez. Se desse para ser cremada viva e não sentir dor eu ia querer, e depois queria que as minhas cinzas fossem espalhadas por todos os cinzeiros da cidade. Para que eu realmente sumisse mergulhada no insignificante. O mais difícil é que não sei quais são meus problemas. Não sei contra quem luto me sinto como se estivesse cega e lutando espada contra alguém que enxerga só o que posso fazer é esperar os próximos golpes.

Perdida é claro que estou, mas quem não está? Mas quanta gente consegue viver bem melhor, sem querer achar caminho nem suspeitar que seja necessário achá-lo. Também não quero deixar de enfiar o dedo no fundo da ferida, então paliativos não me interessam.

Crédito imediato. Isso foi a gota que me fez transbordar. Por que tudo isso? Para que? Enfiada no mundo eu me sinto sufocando, as pessoas são ilhas de interesses e eu não me interessar por nada. As vezes até tento, mas dura pouco, acabo achando o meu interesse vazio e vulgar.

Vou fazer sessenta anos ano que vem... hoje meu único pensamento é nos cinzeiros cheios de um pouquinho de mim. Estrangeira onde quer que eu vá, solitária rodeada de gente, pobre com dinheiro para gastar... um não sei porque, onde, como... vazio, falta de objetivos, desânimo... chegando quase à loucura... talvez até já tenha chegado... nada à frente, nada que tenha valido a pena para trás.

Pra que tudo isso? Por que as pessoas tem de nascer para morrer? Não seria melhor simplesmente não nascerem? Não penso em me matar porque essa atitude também seria vazia e sem sentido.

A palavra amor para mim quer dizer – por favor , me faça sobreviver, se fizer isso eu farei o máximo para que você também sobreviva – não vejo sentido em nenhum aspecto da vida, nada... nem manter-me viva nem querer morrer. Acho que o peso de não crer em nada sempre me perturbou, mas foi só agora há pouco quando o rapaz me entregou o panfleto e me lembrei que vou completar sessenta anos, foi que tudo transbordou... acho que estou querendo acreditar em algo, ou então encontrar alguém que também não acredite em nada.

Não agüento mais ficar sozinha, não agüento mais a dor... sou uma afogada que já engoliu dois litros de água e que vê o sol sumindo encoberto por cada vez mais água. Você não tem de ficar ouvindo tudo isso... me desculpe , mas é muito mais fácil dizer isso para uma desconhecida .”

“Não sei o que te dizer... se quiser continuar a falar continuo te escutando...”

“Eu não tenho nada pra dizer... o que te disse também já é um nada, era melhor eu ter ficado quieta, só estou te atrapalhando.”

“Não... eu tava dando um tempo e descansando um pouquinho... hoje eu comecei a vender cocadas na rua...”

“Quanto é? Eu nem te paguei...”

“Não, não é nada...acho que eu vou andando, me desculpe se não pude te ajudar...”

“Não...eu não estava pedindo ajuda...”

Quanta coisa... quanta coisa a história dessa mulher, daquela outra no consultório, todas as vendas que fiz, todas as coisas que vi hoje... um mundo imenso de coisas... e as sensações que experimentei, os sentimentos, os estados

mentais, é muito... muito e eu sou só uma. Agora pequenina tremendo de frio e voltando a pé para a pensão com meus trocadinhos no bolso. Os pontos de ônibus estão cheios de milhares de pessoas iguais a mim... pequenas individualidades rodeadas de trocados e rotina... só que talvez... pode ser loucura da minha cabeça, efeito do frio e da fome, mas talvez eu não seja só uma... eu seja a outra. Aquela que não é eu.

Confusões e luzes se espalham pelo início de noite, braços cruzados dentro de pulôveres de lã, mãos sendo esfregadas, luzes vermelhas dos faróis de trás dos carros, buzinas, lanchonetes iluminadas... gente andando depressa. Agora já é noite, as pessoas se olham menos e parecem mais individualistas correndo apressadas para suas casas. Chega de espaços públicos, querem agora a companhia de quem os conheça melhor.

Mendigos estão enrolados em cobertores, os bancos mantém seus luminosos acesos, tudo está mais aceso do que nunca. As mãos dadas dos namorados parecem combinar com o frio, eles estão de luvas... não sei porque eles também me fazem lembrar das palavras da mulher desesperada... "dai ao cinzeiro as cinzas".

Tanta gente, carros, lixeiros, luzes, sons... eu não saberia responder a pergunta da mulher: e para que tudo isso? Mas eu pergunto: e para que responder a essa pergunta?

E os prédios? O que dizer deles? Agora eles me parecem tristes, todos escuros, só com uma ou outra luz acesa... e pensar que terei de visitá-los todos para vender minhas cocadas. Já sei do que vou me lembrar quando entrar num desses conjuntos arrumadinhos e encontrar um daqueles cinzeiros grandes.

Sacos de lixo pretos sendo colocados nas ruas, e as pessoas desviando rapidamente deles, caminhando, quase correndo, os ônibus partindo e os táxis ansiosos.

Uma funcionária de uma confeitaria passa rebocando um carrinho de feira com alguns pedaços de torta e uns docinhos, ela está de uniforme, com uma toquinha verde, ela é pequena... meu coração é todo dela, meus olhos são ilhas transbordantes de solidariedade. Eu queria que a noite não te assustasse, queria que você fosse alta e doce como o que você carrega no carrinho. Você não deveria ficar assim, toda pequenina e feia se arrastando de sombra em sombra, sendo iluminada somente pela luz fria das lanchonetes. Luz que ainda vem do reflexo dos balcões metálicos... moça, você deveria ser grande... luz não deveria te faltar.

Me lembro do que a desesperada me disse que era o amor... mas pode ser algo além do que ela disse. Coitada da mocinha arrastando seu carrinho de feira. Ela me olha nos olhos e me ocorre a idéia de que talvez ela esteja pensando exatamente a mesma coisa de mim. Isso é engraçado.

As esperanças são carregadas pelos jovens, elas têm o formato de pastas escolares, tem também um brilho que sai dos olhos e que não vem somente dos reflexos das luzes da noite. As esperanças são lanterninhas iluminando a escuridão.

Cruzo com uma mulher que puxa um carrinho carregado de papelão, deve estar com uns três metros de altura. Radinho de pilha ligado informando as mortes do dia... oito facadas na enteadada... e a frase some. Viro para ver o carrinho passar... parece um pequeno predinho móvel atravessando a noite.

Guardas municipais passeiam aos pares com suas jaquetas padronizadas. Andam devagar, ao contrário de todos

os outros. Os entregadores de panfletos já foram embora, o cego que toca acordeom é conduzido pelo braço por seu filho, o evangelizador de rua desarma sua mesa e guarda sua bíblia.

E eu estou no meio de tudo, mas me sinto separada de todo o resto. Uma observadora neutra. Fonte seca... atravesso a praça Osório... quero ver gente... ouvir gente. Praça Rui Barbosa... aqui tem muita gente, todos esperando o ônibus, e eu que... não estou esperando nada passo por vários pontos "...amanhã tá com jeito que vai cáí geada... quem que ele tá achando que eu sou... é só nosso senhor Jesus Cristo que pode ajudar... teu time é freguês, nós fizemo a festa.. .diz que lá na firma tem uma vaga na limpeza... foi lá no cemitério do Órleans perto do viaduto da Br... ele tá tomando remédio pra cabeça... ela é uma lindeza só... num fui nem vô na macumba... é a Zurde, é cunhada do meu primo... amendoim doce... pente do Paraguai... é uma bonequinha, tá com três mês... já mandei mais de trinta currículo... num quero me metê em briga de marido e muié... vamo tomá umas cerveja no sábado... você tem aquelas toca que cobre as orelha...

E eu no meio desse aquário, todos parecem estar adaptados a água, até os que sofrem, o sofrimento deles é por outra razão. Eu sou aquela que sente falta de ar... aquela que tem de botar a cabeça para fora para respirar. Talvez eu não seja a única... os ônibus engolem as pessoas e outras filas se formam... me lembro das idéias para um mundo melhor que tive hoje de manhã quando estava no Passeio Público...o que dizer delas agora? O que fazer com elas agora?

As frases continuam me atravessando... três pilhas por um real... ele tem o coração maior que o corpo... comprei essa brusinha e a sandália por trinta e nove... não vale mais

a pena carro a álcool... ele ganha mais de dois mil e gasta tudo... Minhas cocadas, tenho de voltar para a pensão para preparar mais. Estou morrendo de fome... eu podia comer uns quatro pastéis desses de setenta centavos. Dois e oitenta, não tô com sede... me vê dois de palmito... como são tristes esses chineses... esse lugar tem gordura por todo lado... se eu comer todo dia num lugar desses logo fico com um buraco no estômago. O guardanapo fica molhado de óleo, com catchup dá pra comer.

Dentro da pequena estufa umas coxinhas e uns bolinhos de carne... as pessoas cheias de frio devoram seus pastéis apressadas... a luz fria é triste... todos os fregueses estão sozinhos... ninguém fala com ninguém. Refrigerantes com canudos vermelhos dentro... só quem fala são os chineses.

Agora eu vou querer dois de carne por favor... essa comida ruim me faz lembrar do almoço de domingo do qual fugi... eu até que cozinho bem... o segundo pastel não vou conseguir terminar, vou ter de tomar alguma coisa pra fazer isso descer... o refrigerante sai um e oitenta, quatro e sessenta tudo, é o limite, não posso gastar mais do que isso.

Imagino o tamanho da azia que vou ter hoje de noite, amanhã passo no supermercado e compro comida de verdade pra cozinhar, faço uma marmitta e levo, é melhor comida fria do que essas coisas gordurosas.

Duas mulheres do meu lado são as únicas que conversam, uma delas me faz chorar. Conta que trabalha em casa de família, conta que é sozinha, que se sente muito sozinha, conta que comprou um cachorrinho para fazer companhia... pagou duzentos e vinte reais porque ele lambeu as mãos dela... quinze dias de trabalho, ela conta, não se arrependeu

porque ele é um... amor.

O nó na garganta não deixa que eu engula o resto da carne moída, cuspo o resto no prato de plástico. Saio da pastelaria invadida por uma onda imensa de amor. Meus ódios somem e eu acho que essa humanidade triunfará sobre os buracos negros. As gotas de amor vão se unir... as lágrimas... encosto no ferro frio de um ponto de ônibus... agora já tem muito menos gente na rua. Minha mão está gelada... estou cansada de carregar o tabuleiro... está frio mas eu não quero voltar já para a pensão... sinto que sou uma imensa ferida duvidosa que sangra e forma pus, gerando vida e destruição, e depois restaurando o que foi destruído.

Sou um saco de lágrimas prontas para serem derramadas... os amarelos cotidianos me emocionam porque sei que eles podem verdejar... os pálidos da madureza me emocionam porque estão cheios de sementes. O humano me emociona por sua possibilidade de acontecer... numa pessoa, numa atitude, é uma bomba deixada no meio da rua... a explosão é possível.

Eu também sou. Divido as palavras: cocada, com cada um estou e cada um está comigo. As pessoas vão indo embora, os postes de luz e as luminárias de rua continuam seus trabalhos, só que agora é um trabalho menos útil, as pessoas estão em casa iluminadas por suas lâmpadas particulares. Luzes menores que protegem-nos mais contra a solidão. Continuo dividindo palavras: sol-idão, o sol-ido de verdade, no aumentativo, a sombra que resta em seu lugar, da qual todos em maior ou menor grau, têm medo.

Individualidades que agora estão enroladas em cobertores, daqui a pouco os sonhos virão e trarão um pouco dos

pedaços do dia, e também pedaços de muitos outros dias passados. Tudo misturado, as mocinhas chateadas dos consultórios desinfetados passarão umas oito horas livres do relógio... e mais próximas daquilo que elas acham que acabará de vez com o drama cotidiano do tic-tac.

O frio aumenta e começa a ventar, mas eu sinto ainda menos vontade de voltar para a pensão, para a minha luzinha particular. Um velho mendigo passa carregando um saco nas costas... paletó velho e puído... idade difícil de dizer... sofrimento nos olhos... amor nos meus.

Eu que já odiei tanto, estive sempre a um passo de tudo amar. Esse é meu momento de amor... mas não sei qual é, ou se deve haver uma atitude para manifestar meu sentimento. As maneiras convencionais me parecem vulgares e nunca exprimiram o que sinto. Por enquanto, simplesmente olhar, é o melhor que posso fazer. Sinto e transbordo... filtro a pena. Se todo mundo é digno dela, é melhor esquecê-la porque daí ela ocupará menos espaço.

Eu vendo cocadas da marca com-cada, as pessoas me parecem que não combinam com o lugar que elas mesmas criaram para morar. Elas também não têm nada em comum com a maneira que escolheram para viver.

Os postes que iluminam o asfalto escuro parecem cada vez mais sem sentido. Minhas com-cadas que sobraram dou para o velho mendigo...um sorriso doce de quem vive no solidão, sombra escura, agora pelo menos com bastante açúcar.

Tabuleiro vazio... andando mais um pouco... os prédios residenciais estão todos acesos... cada apartamento um mundo, vários empilhados... cada um tem suas razões. Os taxistas agasalhados esperam fregueses. São tantas ruas e

existem tantas casas, há tanto dinheiro se somarmos quanto tem no bolso de cada um. As luvas roxas de lã cobrem as mãos de uma moça que cruza meu caminho. Quantas luvas, casas, táxis, quantos postes, caminhões de lixo, quantas lixeiras e pontos de ônibus, quantos óculos e televisores, quanto de tudo isso existe, e como é, e por que é que as pessoas caminham no meio de tudo?

Panfletos promocionais sujam o chão, um casal passa por mim abraçado... em um poste um cartaz da campanha do agasalho, o símbolo é um cachecol, a memória é indecifrável... penso na mãe da minha amiga enforcada. Chega, desvio o pensamento, mesmo com frio e cansada estou me sentindo bem.

Andanças sem rumo, lojas fechando, vendedoras carregam suas bolsas e falam mal do frio. Meu coração não tem lugar somente para os pobres e velhos, todos cabem nele... as vendedoras das lojas de sapatos, os casais bem vestidos que atravessam a praça Santos Andrade para ir até o teatro Guaira.

Mas de boazinha não tenho nada, sou só observadora, as coisas são muito parecidas entre si... as embalagens é que são diferentes, e em geral, horrorosas.

Amanhã recomeço minhas vendas, mas a essa hora já deveria estar preparando as cocadas... quero ficar mais um pouco na rua. Garrafas térmicas e jogo de baralho ao lado do correio. Dou uma olhada nas cartas, as que me interessam são as que tem figuras. Duas cartas com figuras me parecem... não sei... me parecem dois mistérios iguais a duas pessoas, as cartas com números são o cotidiano que as figuras devem seguir.

Fumaça sai dos copos de café e das bocas dos jogadores. Eles estão concentrados em combinar figuras com números, criando vidas com rotina, feitas de papel e instantes.

Ninguém espera que eu assista ao jogo, olho as cartas das mãos de cada um dos jogadores. São tantas combinações possíveis, figuras e números... as cartas se movimentam passam de mão em mão. Surgem novas cartas tiradas do montinho que fica em cima de uma mureta, novas figuras, novos números, e eles circulam, são descartados e aceitos.

Levanto meus olhos e um prédio me mostra toda a vida que existe dentro dele. As luzes acesas me deixam ver as combinações: uma mulher que enche sua máquina de lavar roupas, um senhor de idade que assiste televisão, um homem que brinca com duas crianças pequenas, um casal que parece estar discutindo, outros tantos apartamentos que vejo apenas pessoas passando rapidamente e depois tudo que sobra são salas e cozinhas vazias porém iluminadas. Entre todas essas luzes há um ou outro apartamento sem ninguém, o que realça ainda mais as cenas a que assisto. São as molduras, e elas agora, nesse horário, estão ornando as refeições, um leva e trás de pratos da cozinha para a sala.

É meu cinema mudo que completo com os sons que vem da rua, buzinas, mulheres rindo, taxistas conversando, homens jogando baralho... imagem e som parecem casar perfeitamente, e tenho, só para mim, várias telas simultâneas. Numa delas há uma mulher que me intriga, ela está sentada numa cadeira e olha fixamente para um canto como se estivesse assistindo televisão, mas posso ver que ali não há nada além da parede. Ela está mergulhada na parede branca. Daqui dessa distância eu não consigo ver bem sua fisionomia,

se ela está triste ou se relembra momentos felizes com o olhar parado em algum ponto fixo. Mas isso não importa muito, o fato é que ela está ali... mas também não está. Ela me intriga mais do que todos os outros moradores do prédio, que são mais ativos.

Os minutos passam e ela e eu ficamos imóveis observando. No branco estão contidas todas as outras cores... no vazio talvez... esteja contido todo o resto. Sou menos persistente que ela e abandono-a em sua contemplação. Todos os outros apartamentos agora me parecem banais... sigo meu caminho aleatório.

A cidade vai ficando cada vez mais fria e vazia, os sinaleiros abrem e fecham para três ou quatro carros, lá longe eu escuto uma sirene de ambulância. Agora começo a sentir o cansaço e estou longe da pensão... mesmo assim nada de vontade de voltar para lá.

Uma descansada num banco, o ar gelado me parece mais puro... não estou sendo uma boa negociante, a essa hora eu já deveria estar com as cocadas de amanhã prontas... mas não sei, quero continuar andando. Ninguém a essa hora está reparando em alguma coisa... e eu estou... e qual é a importância disso? Não sei.

Um supermercado aberto. Todo iluminado com aquele tipo de luz que dá uma felicidadezinha. Gosto de ficar passeando de um lado para o outro, olhando as cores, como tudo é tão colorido aqui dentro e tem também uma musiquinha. É quase impossível ser muito infeliz aqui dentro.

A seção de limpeza é a mais colorida de todas, tudo é de um alaranjado forte, ou do melhor dos azuis, de um framboesa que dá vontade de beber detergente, ali estão os melhores

verdes que eu já vi. Cores perfeitas sem meios tons. O sim duto sem espaços para dúvidas e exprimido com pigmentações.

Sinto-me um pouco tranqüilizada, um pouquinho alegre... não é hora de pensar em nada que esteja na minha frente. Os produtos estão todos perfeitamente alinhados. As cores mais claras de um lado e as mais escuras de outro. No extremo dos corredores há pilhas perfeitas de sabão em pó. Na parte de carnes o balcão refrigerado solta uma fumaçinha de gelo que refresca, pois mesmo estando frio lá fora, a sensação aqui dentro é de um quentinho gostoso.

As pessoas que compram sentem uma leve alegria quando tiram os produtos das prateleiras. Os funcionários estão todos uniformizados com cores leves que não competem com as dos produtos. Eles não deixam que se criem buracos nas prateleiras e nem nas pilhas de produtos, repõem tudo quase que imediatamente, quem compra tem a sensação gostosa de estar iniciando alguma coisa... mesmo que ela seja pequenina.

E o que dizer do chão sempre tão limpo, sempre refletindo as luzes, que acabam nos envolvendo por todos os lados, e em nenhum ângulo são nem muito fortes nem muito fracas. Tudo parece tão imensamente limpo. Ao lado do caixa estão balas, chocolates e revistas. Doces para o paladar e algumas informações para a cabeça. Depois disso vem a gentileza das moças do caixa “encontrou tudo que a senhora queria?” “boa tarde, bom dia , boa noite”. Tudo sempre acompanhado de um por favor, de um de nada e um obrigado. E para quem tem carro, os estacionamentos encerram o acontecimento com chave de ouro.

Um sabão em pó alaranjado nas mãos me fez desconfiar um pouco dessa minha felicidadezinha. As coisas acontecem

muito depressa: é tudo mentira. Como alguém que pula da água para as chamas, eu transformei aquele meu suave bem-estar numa desconfiança depressiva.

Mas não quero sair do supermercado, pelo contrário, ficar aqui dentro acaba atraindo aquela dorzinha que dá prazer. Olho com ironia ácida para as cores chamativas dos produtos. Estou com pena desses funcionários tão iguaizinhos. Agora é que reparo que por todos os lados existem câmeras de segurança para que ninguém roube nada. Os carrinhos de supermercado também estão sujeitos a engarrafamentos, e um leve esbarrão tira o que havia de ligeira alegria do rosto dos compradores. Reparo que na seção de vinhos tem um casal que discute porque o marido quer levar um vinho importado, eles atravessam da pequena disputa de compra para cobranças e finalmente ofensas. A mulher começa a chorar. As lágrimas dela me fazem pensar... lembrar de coisas e esquecer das cores perfeitas.

Num fim de tarde as águas de um lago projetam-se nos galhos de um pinheiro, todos os tipos de verdes tremulam nos galhos, meios tons misturados com amarelo do sol, com meios-amarelos filtrados pelos galhos da árvore ao lado, mas sobretudo o movimento de um verde que é, e no instante seguinte já não é mais. O piscar da luz, que é mãe de todas as cores. Algo que pode não ser verdadeiro, mas que está muitas vezes mais próximo da verdade do que a embalagem verde do supermercado. É nisso que eu penso, e isso me faz chegar à conclusão de que agora é minha hora de pensar.

No imenso balcão refrigerado vendem-se todos os tipos de congelados, deixo que os vapores gelados ajudem a me despertar do torpor do calor artificial. Rosto e mãos. As mãos

esfregando nos olhos, o rosto bem gelado. Caixas de almôndegas de frango que prometem ser mais saudáveis, um gelinho se forma sobre elas, aproveito para gelar minhas mãos. E agora chega. Coloco meu tabuleiro vazio de vender cocadas em cima da pilha de cestinhas. Não quero carregar mais nada.

Memórias, dúvidas e expectativas se entrecruzam, todas têm a mesma força. Outras coisas que não sei o nome também entram na mistura, algumas delas eu poderia chamar de sentimentos, mas não são como a caixa verde do supermercado, são ainda mais sutis do que as folhas vibrando com a brisa e a luz de fim de tarde.

Estou andando pelos corredores do supermercado, mas ao mesmo tempo não estou. As fileiras de produtos me parecem marcas de lápis sobre uma cartolina em que vou atear fogo. Vivo num outro mundo. Sou um corpo vivo com olhos de zumbi, tenho tantas dúvidas e tão poucas certezas. Os carrinhos de supermercado passeiam a meu lado, as mãos vão direto aos produtos que querem comprar. Eu não conseguiria escolher nenhum... eles são tantos e eu sou... não sei o que sou, um pouco do que Madame Armênia me disse que eu era, um pouco desse não saber o que se é, nada do que meu marido acha que sou, muito pouco do que meus filhos pensam que sou.

E o que mais? Muitas coisas mais, sou a mulher que, caso minha existência fosse realmente confirmada, não existiriam supermercados, pois eu não saberia fazer escolhas. Sou a mulher que quis ser puta para que seus filhos fossem chamados de filhos da puta. Sou a mulher que virou crente para receber recompensas, a mulher que foi casada por medo,

a mulher que arrumou um vagabundo qualquer porque achou que é melhor isso do que nada.

Uma grande solidão eu sou, sou a mulher que dividiu em sílabas a palavra solidão e com elas aprofundou seu caminho na escuridão. Rosa maravilhosa, sonho de flores e amores, alunos burocráticos nascidos para purgatórios, com hora marcada e campainha que diz quando a aula começa. Paraísos artificiais regados a esperanças verdes, líquido que faz brotar alunos-flores que nascem de minhas sementes que sempre brotam idéias-mundo, vida diferente, mais ampla, entendimento profundo das coisas, rompimento de barreiras mesquinhas. Mundo que nasce de uma nova artéria que une o cérebro ao coração. Inteligência que se dissolve sobre o coração. Prédios para um mundo diferente, e pessoas que precisam menos de prédios. A pedra tecnológica criadora de melhoramentos éticos, o aprimoramento da ética, a fusão das sabedorias com o ser humano. O homem extraíndo as camadas de sabedoria que deixou esquecidas nos degraus da evolução.

Sou avião fundido em pássaro que semeia e vive só para isso. Sou o ser que busca os buracos escondidos para descobrir os segredos que existem neles. A fêmea que pode ser macho e que engole e deglute todos os tons de luzes e cores que seus olhos jantam. Sou a coragem de nem saber o que é dor, sou a vontade de ver fadas e também a capacidade de conseguir vê-las. Sou a única mulher que mantém a memória, a sensação e a experiência de cada instante. Por isso sou tantas, por isso para mim pouco importam os relógios, e os nascimentos e as mortes são como dois pingos d'água. Experimentei ver um relógio parado encoberto por um riacho...

a infância, minha morte e a de todos os outros, esse instante para mim e para qualquer outro, qualquer instante para qualquer pessoa, tudo estava contido na substância da qual foi construída aquela sensação... não sei se essa é a palavra certa, é mais uma cabeçada na eternidade, um mergulho no rio sem fundo.

Cada ato meu é uma gotinha do eterno, as rosas, as mentiras, o alcoolismo, as cocadas, cada pessoa que conheci é exatamente igual a mim, gotas do pra sempre, sorrisos e lágrimas esparramadas, alegrias e sofrimentos esperando para jorrar a água única.

Sou a mulherzinha temerosa e iludida com o instante, que se deixa conduzir a túneis apertados onde o ar é escasso. A femeazinha que espera os presentes da natureza e as recompensas sociais.

Duvidosa no sentido mais duvidoso da palavra, não digna de confiança para nenhum dos caminhos, nem para os alunos burocráticos, nem para os alunos-semente de um mundo sonhado. Nem no purgatório sou estável, sempre procuro negar o que estou construindo, chuto meus castelos de areia e destruo as armadilhas que preparo. E quando estou no purgatório sempre dou um jeito secreto de me encaminhar ou para o céu ou para o inferno.

Mulher de lugar nenhum, sem nome, sem casa e nem profissão. Alguém que continua, experimentando de tudo e tentando ser macho, Deusa e esgoto, tentando ser uma estrela do céu, ser outras pessoas, tentando ser todo mundo ao mesmo tempo.

E venho e vou, e venho e vou: supermercado, consigo enxergar os produtos empilhados, é um pouco engraçado,

mas só um pouco. Continuo caminhando, indo e vindo, fileiras e voltas, e eu continuo sendo tudo aquilo, todo aquele nada grandioso.

Ursos me vêm a mente, todo tipo deles, de pelúcia, enormes e ferozes, velhos e tristes, revoltados e presos em pequenas jaulas. Sou vários tipos de urso-ursa. Sou vários tipos de relógio, de puta e de jaula, sou vários tipos de flores, as margaridas iluminadas pelos raios de sol, as tulipas brotando em canteiros artificiais, as flores que encobrem os cheiros e decoram os caixões durante os velórios, sou a flor rara da montanha, sou até aquela que nunca foi descoberta. Nos meus olhos vejo os reflexos de orquídea, uma mentirosa fingindo-se de flor.

Acusadora e caluniadora, invento mentiras tão bem que acabo acreditando nelas, duvido de verdades óbvias, não acredito nem que alguma verdade exista. Caminho no meu supermercado, já sinto que faço parte de tudo isso aqui, sou aquele produto vermelho-framboesa que promete felicidade. Cruzo com meu tabuleiro ainda em cima das cestinhas, ele me parece um estrangeiro que não pertence a esse lugar, parece um objeto que não existe nem nunca existiu. Uma mentirinha que está apodrecendo.

Morta ou viva eu estou. Quero saber mais de mim, um ser colocado no fundo de um buraco de dúvidas e encoberto com camadas diversas de respostas. Atravessando a terra cheia de promessas com minha cabeça, ferindo-me, destruindo-me, mas continuando...

O sol refletia na varanda da minha casa nas manhãs de domingo, e eu o olhava, sentia seu leve calor, gostava dele, da sua luz, ele era alguma coisa diferente, um elo com algo

que eu não entendia, sutil vínculo que me dividia do cotidiano. Como o tempo é um só, ou nenhum, a divisão continua. Descrevo meus lados como alguém que tenta contar as estrelas do céu. Contra o número delas a ciência nada pode, a poesia até pode tentar alguma coisa.

Por isso não me levem a sério, só que tem mais umas coisas que quero dizer, uma meia dúzia de estrelas que escolho no céu escuro...

Mistério de tudo, porquê em vão, confundindo-me com os outros eu caminho no mar cotidiano de poemas ocultos. Não sei traduzi-los em palavras, mas as vezes consigo ler algum trecho. Mistério profundo que me fez por três vezes assistir a um ser sair de dentro de mim, mas que é o mesmo mistério que faz as folhas amarelarem e caírem no outono.

Estrelas sem respostas, como é que eu faço para escolher só algumas de vocês? Mar louco de mulher sedenta, desequilibrada que começa a esbarrar nas prateleiras do supermercado. De ti não quero as espumas que as ondas trazem e dissolvem-se nas areias, de ti quero as profundezas escuras cheias de seres cegos, mas brilhantes. No fundo sou submetida a pressões enormes sem que isso me afete. As luzes que preciso vêm do interior.

Malditas estrelas que escolhi e que nunca poderei alcançar, maldito mar que, se avanço um pouquinho, já morro afogada. Sou só uma mulher cujo corpo não suporta viver só de poesia. Sou um ser que se deteriora todos os dias e que quanto mais perto do fim, mais quererá falar de eternidade. Só que ela trará junto a si sempre o medo.

Acordei tentando resolver meus problemas, agora não sei se eles têm solução mas se tiverem, desconfio muito delas.

Da poesia pulo para a prática, mas nunca estou contente. Esfera de cristal que gira e vai refletindo os objetos do caminho, acreditando um pouco no reflexo do instante. Tendo de acreditar em alguma imagem para que eu acabe não me dissolvendo.

E os sons de outra ordem, as músicas que não vêm de instrumentos, e as vozes que me assopram palavras no ouvido, e aquelas outras que me falam diretamente dentro da cabeça?

O que é isso? Como é que eu respondo a mais essa pergunta infinita? Escolho minha meia dúzia de estrelas-poesia e tento responder: os sons são os ruídos da esfera de cristal que guia e reflete imagens, ela também reflete sons. As músicas que não precisam de instrumentos são reflexos sincronizados de um mundo inteiro plantado de flores e de pessoas-flor.

Novas cores, novas notas musicais, novas imagens... a bola gira com o novo mundo dentro, onde cada homem e cada mulher que moram lá são plantadores de todos os tipos e todos os níveis de sementes.

Do outro lado, bem distante da esfera giratória, estou eu, a mulher ainda cheia de mesquinhas e miudezas, a fêmea que precisa se lavar, o macho imundo. A que almeja, o que sonha, os que querem para si. Eu sou ele e ela é eu, nós somos todos: aqueles que querem resolver seus problemas.

Novamente recorro às estrelas, minúsculas partículas de um mundo que não cabe em nossos maiores sonhos. Comparando-me a elas, vejo que até o que é grande sente-se pequeno. Por que a eternidade teve de ser trincada em tantos caquinhos? E por que esse espelho sem fim distorceu

a imagem de cada um de seus pequeníssimos pedacinhos? Porque para mim, meu vazio é imenso, e cresceu à medida que fui me mexendo e atravessando meus túneis.

As pessoas do supermercado me olham achando que sou louca, os seguranças cochicham mas não me incomodam, eu só estou andando de um lado para o outro, circulando, fazendo o movimento funcionar.

Mudança: ela é sempre necessária. Apanho um carrinho e vou enchendo de produtos, não tem importância o que, pode ser sal, farinha, ração pra cachorro, tanto faz... eu sou uma mulher que está mudando.

Meu ritmo de caminhar e meu olhar mudam... já não sou mais a mesma de alguns instantes atrás. Só não posso me esquecer do que era quando vagava sem destino pelos corredores do supermercado. Aqueles momentos foram mais uma camada que está me construindo.

Os produtos aleatórios vão se acumulando e o carrinho começa a ficar pesado de empurrar. Paro um instante para olhá-lo a uma certa distância: ele é ligeiramente engraçado, parece uma boca sem dentes que não consegue engolir a comida. Reparo também, que os produtos empilhados sem ordem perdem o brilho, e até as cores parecem menos vivas que quando eles ainda estavam nas prateleiras.

Não tenho dinheiro para pagar tudo isso, e para dizer a verdade, não tenho nenhum desejo de sair do supermercado. Abandono o carrinho cheio e pesado e pego outro vazio.

Coincidência, o vazio me invade e sinto-me nada, tão nada que nem meus problemas não me incomodam mais. De uma certa maneira também estou mais independente, empurro o carrinho vazio sem colocar nada dentro dele. Olho

para os produtos, devo estar fazendo cara de quem ainda não achou exatamente o que deseja comprar.

As coisas vem e vão, a imagem de um relógio de pêndulo me invade a cabeça. Onde é que estou? O pêndulo não está nunca em lugar nenhum, o tempo escorre junto com o espaço que ele percorre. Mas e daí, isso não responde minha pergunta, não quero ficar o resto da vida empurrando meu carrinho vazio nesse supermercado que não fecha nunca.

Um belo balcão de vidro cheio dos meus doces prediletos, quindins, bombas de chocolate, brigadeiros e dois-amores. Como é que eu respondo todas minhas perguntas? Finjo que não existem respostas, aceito que não existem, invento algumas para me consolar, mergulho num mundo sem fundo em busca delas? E as estrelas? Só uma meia dúzia delas não me resolve nada. E a poesia? Ela só me conduz à mesma velha meia dúzia de estrelas. Só no eterno há uma possibilidade de que eu me responda. Uma possibilidade sem garantias. Túnel escuro e mergulho na piscina vazia.

Não cheguei a lugar nenhum. Sou apenas uma não sei quem empurrando um carrinho vazio dentro de um supermercado. Mas é do nada que sempre surgem as coisas. Olho para aqueles brigadeiros e quindins, com os olhos da fêmea que deseja, eles são meus homens que também estão me desejando. Uma paixão adolescente me faz fazer qualquer coisa para possuí-los. Meu carrinho de supermercado vazio agora faz parte de meu corpo, eu pego embalado e nós estilhaçamos a vitrine de doces.

Acabo cortando minhas mãos, mas isso não me impede de engolir os quindins, os brigadeiros, enfio a mão inteira e engulo um pedaço de uma torta de nata que vem suja de

sangue. Meu desejo por doces parece não ter fim, engulo três dois-amores ao mesmo tempo, com forminha e tudo. O açúcar é meu macho e eu mergulho nele como posso, sem suspeitar que as lágrimas existam.

O marrom do bolo de chocolate e o vermelho do meu sangue entram a força na minha boca e parecem indicar que já não cabe mais nada dentro de mim. Uma pasta escorre da boca para a blusa. Ainda restam alguns doces intactos, mas eles não me atraem mais, estou satisfeita.

Acho que minha atitude foi tão inesperada que as pessoas me olham com espanto, até os seguranças não sabem o que aconteceu e ficam parados. As moças da confeitaria têm os olhos iguais a dos peixes que ainda se debatem depois de pescados.

Os funcionários do supermercado conversam, chegam à conclusão que não escorreguei e fiz aquilo de propósito. Todos os clientes vieram me ver, as expressões são todas diferentes entre si. O que me deixa levemente contente. Os cacos de vidro estão espalhados por toda parte, reparo que uma das atendentes tem um pequeno corte no rosto. Eu tenho cortes por toda parte, sangro no rosto, nos braços e principalmente nas mãos, uns caquinhos parecem que entraram na pele.

Os seguranças não sabem bem o que fazer nem onde pisar para não se cortar. Dão um jeito e chegam até mim, me pegam pelos braços, reparo na cara de nojo de um deles. Me perguntam o que aconteceu, porque eu fiz aquilo, querem saber meu nome, me dizem que eu vou ter de pagar pelo prejuízo, que vão chamar a polícia, a ambulância, me perguntam se sou louca, voltam a me perguntar por que fiz aquilo.

Cada um me segura por um braço, tenho minhas pernas livres e acerto um chute com toda força numa pilha de cerveja, as garrafas se espatifam no chão. Outro dois seguranças vem, e pegam minhas pernas e me carregam até uma sala onde me trancam por fora, aproveito para destruir tudo o que posso, quebro as lâmpadas, jogo uma gaveta pela janela, não encontro fósforos, que pena.

Alguns minutos depois chegam dois policiais e me algemam, chegam também uns enfermeiros e começam a fazer curativos. O policial me pergunta educadamente:

“A senhora tem alguma coisa a dizer?”

“Sim senhor , é claro que tenho. Se não tivesse não teria feito o que fiz. Limpa e dá brilho perfeito, luzes e mais luzes, escuridão, um amor que é tão grande que é mentira, um além que é caderno amarelado de adolescente romântica. Morta de amores porque sou gotas de paixão e quando me acabo viro chuva que rega plantas que dão sombra aos outros.

É importante que tudo isso conste em meu depoimento. Puta parideira disfarçada de santa, leilões sexuais nas ruas, nas noites, luta vã contra a morte. Prazeres nos dias e lágrimas nas madrugadas. Sonhos gelatinosos que funcionam como intestinos barulhentos. Animais enjaulados, faróis de carros e lâmpadas acesas. Amanhãs que não existem, as manhãs que não existem... manhas de crianças chorosas fingindo-se de adultos.

Será que todo o amor do mundo seria suficiente para tapar o buraco cavado pela morte?

Não sei se em depoimentos são permitidas perguntas... em todo caso deixo claro que a resposta não é obrigatória.

Eu fui sol sonhado de um mundo sem refrigeração, fui

sombra das pétalas de flores no chão. Sou esperança desiludida, a continuação das dúvidas. Serei os amores mortos e os brotos dos ipês.

Em todos os tempos verbais, em todos os estados mentais, em tudo e em todos, sou a sutil substância sem nome que existe preenchendo os espaços vivos e mortos, as memórias e desejos. Substância contraditória que as vezes também decide não existir.

As horas e a vida... o que eu poderia dizer para o senhor sobre isso... acho que nada. É melhor anotar que joguei de propósito o carrinho de supermercado contra a vitrine de doces e depois me empanturrei deles.

As vezes chego a pensar que não existo... o supermercado me pareceu uma coisa tão imensamente real, e por outro lado eu me senti tão... fumaça, sumindo nos ares. Ao mesmo tempo senti exatamente a sensação contrária.

Eu não sei se sou, também não sei se o que está em volta é. Vamos indo sem saber. O mundo se perpetua e as histórias continuam a serem contadas. As palavras são costuradas entre si e as letras delas também, as idéias amarram tudo e empurram a esfera giradora a se perpetuar. As linhas que amarram tudo são invisíveis e eu estou definitivamente atada com o homem das cavernas. Mas essas linhas são ainda mais secretas e mais invisíveis, elas amarram e desamarram o que existe de mais improvável. São uns novos lógicos cuja lógica não existe.

E o senhor me pergunta quem sou e como é meu nome.

O que é o amanhã, como vai ser? Como é o instante presente de uma outra pessoa? Como foi o momento da morte de qualquer um? As letras não são necessariamente

símbolos. Podem ser pistas falsas. Mas um monte de pistas falsas podem conduzir a um pouco de verdade.

Não estou querendo confundir o senhor e nem fugir das suas perguntas.

Também não sei porque sempre preferi salgados e ultimamente fiquei obcecada por doces.

Mas como eu poderia responder sua pergunta... talvez lhe diga que eu sou uma mulher... sou dois homens... sou três mulheres, quatro homens, sou tantas pessoas e todas elas estão caindo.

Talvez o senhor possa me chamar de a mulher que cai...

A MULHER que CAI

A MULHER que CAI

Uma grande solidão eu sou, sou a mulher que dividiu em sílabas a palavra solidão e com elas aprofundou seu caminho na escuridão. Rosa maravilhosa, sonho de flores e amores , alunos burocráticos nascidos para purgatórios , com hora marcada e campainha que diz quando a aula começa. Paraísos artificiais regados a esperanças verdes, líquido que faz brotar alunos-flores que nascem de minhas sementes que sempre brotam idéias-mundo, vida diferente, mais ampla, entendimento profundo das coisas , rompimento de barreiras mesquinhas. Mundo que nasce de uma nova artéria que une o cérebro ao coração. Inteligência que se dissolve sobre o coração. Prédios para um mundo diferente, e pessoas que precisam menos de prédios. A pedra tecnológica criadora de melhoramentos éticos, o aprimoramento da ética, a fusão das sabedorias com o ser humano. O homem extraíndo as camadas de sabedoria que deixou esquecidas nos degraus da evolução.

ISBN 978-85-99140-04-8



9 788599 140048